

Cartas de Fradique Mendes¹

FRADIQUE MENDES
(MEMORIAS E NOTAS)

I

A minha intimidade com Fradique Mendes começou em 1880, em Paris, pela Paschoa, quando elle justamente regressava da sua viagem á Africa Austral. O meu conhecimento porém com esse homem admiravel datava de Lisboa, do anno remoto de 1867. Foi no verão d'esse anno, uma tarde, no café Martinho, que encontrei, n' um numero já sujo e antigo da *Revolução de Setembro*, este nome de C. Fradique Mendes, em letras enormes, por baixo de versos que me maravilharam.

Os themas («os motivos emocionaes», como nós diziamos em 1867) d'essas cinco ou seis poesias, reunidas em folhetim sob o titulo de LAPIDARIAS, tinham logo para mim uma originalidade captivante e bem vinda. Era o tempo em que eu e os meus camaradas de Cenaculo, deslumbrados pelo Lyrismo epico da *Légende des Siècles*, «o livro que um grande vento nos

1. Este estudo, de que no seu estado incompleto foram já publicados alguns fragmentos, é hoje dado na sua fórma definitiva, e integral, como a indispensavel introdução ás CARTAS DE FRADIQUE MENDES, que, sem elle, seriam imperfeitamente comprehendidas.

trouxera de Guernesey» decidiram abominar, com vehemencia e com methodo, o Lyrismo sentimental, que, enclausurado nas duas pollegadas do coração, não comprehendendo d'entre todos os rumores do Universo senão o rumor das saias d'Elvira, tornava a Poesia, sobretudo em Portugal, uma monotona e interminavel confidencia de glorias e martyrios de amor. Ora Fradique Mendes pertencia evidentemente aos poetas novos que, seguindo o Mestre sem igual da *Légende des Siècles* iam, n'uma universal sympathia, buscar motivos emocionaes fóra das limitadas palpitações do coração — á Historia, á Lenda, aos Costumes, ás Religiões, a tudo que através das idades, differentemente e unamente, revela e define o homem. Mas além d'isso Fradique Mendes trabalhava um outro filão poetico que infinitamente me seduzia — o da Modernidade, a notação fina e sobria das graças e dos horrores da Vida, da Vida ambiente e costumada, tal como nas moradas visinhas das nossas, nas ruas que todos trilhamos, a podemos testemunhar ou presentir.

Assim, n'esses poemetos das LAPIDARIAS, um Santo symbolico, um Solitario do seculo VI, ao fim de cincoenta annos de penitencia e d'ermo, morria, com desesperadas saudades do mundo e da carne, sobre as neves da Silesia: um corvo, facundo e velho além de toda a velhice, contava façanhas do tempo em que seguira n'um bando alegre as legiões de Cesar subindo á Bretanha escura e vaga, depois as hordas de Alarico rolando para a Italia, nitida, e toda de marmores brancos sob o azul: o bom cavalleiro Percival, correndo o mundo em busca do San-Gral, deixava, por collinas e areaes, o rumor e o faiscante sulco da sua armadura d'ouro: um Satanaz de feitio germanico, lido em Spinosa e Leibnitz, dava n'uma viella de cidade medieval uma serenada ironica aos astros, «gottas de luz no frio ar geladas»... E entre estes motivos, de esplendida estranheza, lá vinha o quadro de clara e fresca modernidade, as *Velhinhas*, cinco velhinhas, com chales de ramagens pelos hombros, um lenço ou um cabaz na mão, sentadas sobre um banco de pedra, n'um longo silencio de saudade, a uma reatea de sol d'outono.

Não asseguro todavia a exactidão d'estas reminiscencias. Desde essa sésta de agosto, no Martinho, não voltei a lêr as LAPIDARIAS. E o que n'ellas de resto me prendeu, enlevadamente, não foi a Idéa, mas a Fórma — uma fórma soberba de plasticidade e de vida, que ao mesmo tempo me lembrava o verso marmoreo de Lecomte de Lisle com um sangue mais quente nas veias do marmore, e a nervosidade intensa de Baudelaire vibrando com mais norma e cadencia.

Precisamente, n'aquelle anno de 1867, eu, J. Teixeira de Azevedo e outros camaradas, tínhamos descoberto no céo da Poesia Franceza (unico para que nossos olhos se erguiam) toda uma pleiade d'estrellas novas onde sobresahiam, pela sua refulgencia superior e especial, esses dois sóes — Baudelaire e Lecomte de Lisle. Victor Hugo, a quem chamavamos já o «papá Hugo» ou «Senhor Hugo-Todo-Poderoso», não era para nós um astro — mas o Deus mesmo, inicial e immanente, de quem os astros recebiam a vida, a luz, o movimento e o rythmo. Aos seus pés Lecomte de Lisle e Baudelaire faziam duas constellações de adoravel brilho: e o seu encontro fôra um deslumbramento e um amor! A mocidade d'hoje, comedida e positiva, que se occupa d'eleições, entende as cotações da *Bolsa* e lê George Ohnet, mal póde comprehender os santos enthusiasmos com que nós recebiamos a iniciação d'essa Arte Nova, que em França, nos começos do Segundo Imperio, surgiu das ruinas do Romantismo como sua derradeira encarnação, e que nos foi trazida, em Poesia, pelos versos de Lecomte de Lisle, de Baudelaire, de Coppée, de Dierx, de Mallarmé, d'outros menores: e menos talvez os póde comprehender aquella parte da mocidade culta que logo desde as escólas se nutre de Spencer e de Taine, e que procura com ancia e agudeza exercer a critica, onde nós outr'ora, mais ingenuos e ardentes, nos abandonavamos á emoção. Eu mesmo sorrio hoje ao pensar n'essas noites em que, no quarto de J. Teixeira d'Azevedo, enchia d'espanto e terror dois conegos que ao lado moravam, uivando por horas mortas a *Charogne* de Baudelaire, tremulo e pallido de paixão:

Vous serez semblable à cette ordure,
 A cette horrible infection,
 Étoile de mes yeux, soleil de ma nature,
 Vous, mon ange et ma passion!

Do outro lado do tabique sentiamos o raspar espavorido de phosphoros, as camas rangendo sob a agitação dos ecclesiasticos... E eu, a tremer mais pallido, esganiçado de paixão:

Alors, oh ma beauté, dites à la vermine
 Qui vous couvrira de baisers,
 Que j'ai gardé la forme et l'essence divine
 De mes amours décomposés!

Certamente Baudelaire não valia este tremor e esta pallidez. Todo o culto sincero, porém, tem uma belleza essencial, independente dos merecimentos do Deus para quem se evola. Duas mãos postas com genuina fé serão sempre tocantes — mesmo quando se ergam para um Santo tão affectado e postição como S. Simeão Stylita. E o nosso fervor era absolutamente candido. N' aquelle ponto inicial em que as coisas se equivalem e o vôo da pomba não differe do vôo do condôr, este encantado alvorço com que liamos os poetas novos — reproduzia o transporte que outr'ora tomava os navegadores peninsulares ao pisarem as terras nunca d'antes pisadas, Eldorados maravilhosos, ferteis em delicias e thesouros, onde os seixos das praias lhes pareciam logo diamantes a reluzir.

Li algures que Juan Ponce de Leon, enfastiado das cinzentas planicies de Castella-a-Velha, não encontrando tambem já encanto nos pomares verde-negros da Andaluzia — se fizera ao mar, para buscar outras terras, e *mirar algo nuevo*. Tres annos sulcou incertamente a melancolia das aguas atlanticas: mezes tristes errou perdido nos nevoeiros das Bermudas: toda a esperança findára, já as prôas gastas se voltavam para os lados onde ficára a Hespanha. E eis que uma manhã de grande sol, em dia de S. João, surgem ante a armada extatica os esplendores da Florida! «*Gracias te sean, mi S. Juan bendito,*

que hé mirado algo nevo!» As lagrimas corriam-lhe pelas barbas brancas e Juan Ponce de Leon morreu de commoção. Nós não morremos: mas lagrimas remotamente parecidas com as do velho mareante, e nascidas do mesmo ideal satisfeito, saltaram-me dos olhos, quando pela primeira vez penetrei por entre o brilho sombrio e os perfumes acres das *Flôres do Mal*. Eramos assim absurdos em 1867!

De resto, exactamente como Ponce de Leon, eu só procurava em Litteratura e Poesia *algo nuevo que mirar*. E para um meridional de vinte annos, amando sobretudo a seducção da côr e o enlevo do som, que poderia ser esse *algo nuevo* senão um luxo novo de fórmulas novas?

Litterariamente, n'esses tempos, todo o meu interesse e o meu cuidado se concentravam na apparencia exterior do Pensamento e do Sentimento. Sentimentos e Pensamentos não me eram decerto indifferentes. Com infinito apreço acolhia eu os *themas* rebuscados na Historia e na Lenda, as requintadas subtilizações da emoção, as analyses desesperadas mergulhando até a profundidade da alma a procurar o inedito que ainda pudesse haver nos seus recantos: e seguramente me encantava mais Baudelaire mostrando á sua amante na *Charogne* o cadaver pôdre do cão, do que Lamartine no *Lago* mostrando a Elvira a cansada lua, e comparando em ambas a pallidez e a graça meiga. Mas se este aspero, atormentado e funebre espiritalismo de Baudelaire me chegasse expresso na lingua lassa e molle de Casimir Delavigne eu não lhe teria dado mais valor do que a versos vis do *Almanach de Lembranças*.

Foi sob a influencia d'este inferior criterio, sensualmente enterrado na idolatria da Fórmula, que deparei com essas LAPIDARIAS de Fradique Mendes, onde julguei vêr reunidas e fundidas as qualidades discordantes de magestade e de nervosidade que constituíam, ou me pareciam constituir, a grandeza dos meus dois idolos — o auctor das *Flôres do Mal* e o auctor dos *Poemas Barbaros*. A isto acrescia, para me fascinar, que este poeta era portuguez, cinzelava assim preciosamente a lingua que até ahi tivera como joias admiradas o *Noivado do Se-*

pulchro e o *Avè César!*, habitava Lisboa, pertencia aos Novos, possuía decerto na alma, talvez no viver, tanta originalidade poetica como nos seus poemas! Que irmão para conhecer e para amar! E não é de surpreender que n'estas condições, aos vinte annos, eu dêsse a esse folhetim da *Revolução de Setembro* a importancia duma divina revelação d'Arte, uma aurora de Poesia, rompendo para banhar as almas moças na luz e no calor especial a que ellas aspiravam, meio adormecidas, quasi regeladas sob o algido luar do Romantismo. Graças te sejam dadas, meu Fradique bemdito, que na minha velha lingua *hé mirado algo nuevo!* Creio que murmurei isto, abysmado em gratidão. E, com o numero da *Revolução de Setembro*, corri a casa de J. Teixeira de Azevedo, á travessa do Guarda-Mór, a levar a nova esplendida!

Encontrei-o, como era por vezes seu costume nos silenciosos vagares das tardes de verão, em mangas de camisa, diante de uma bacia que trasbordava de morangos e de vinho de Torres. Com vozes retumbantes, atirando gestos patheticos até ao tecto, declamei-lhe a *Morte do Santo*. Se bem recordo este asceta tinha, sobre as neves da Silesia, um fim bem atormentado pela perfida, inexoravel Natureza! Todos os appetites da paixão e do corpo, tão laboriosamente recalçados durante meio século d'ermo, irrompiam de repente, á beira da eternidade, n'um tumulto bestial, não querendo para sempre findar com a carne que ia findar antes de serem uma vez satisfeitos. E os anjos que para o receber desciam d'aza serena, trazendo mólhos de Palmas de Gloria e cantando os Epithalamios da Graça, encontravam, em vez d'um Santo, um Satyro, senil e grotesco — que de rojos, entre berros sordidos, mordía com beijos vorazes a neve, a macia neve, onde o seu delirio furiosamente imaginava nudezas de cortezãs... Tudo isto era tratado com uma grandeza sobria e rude que me parecia sublime. J. Teixeira d'Azevedo achou também «sublime — mas bréjeiro». O claro bando dos anjos batera o vôo, aterrado. Eu murmurava — «Ó Azevedo, é necessario conhecer este homem!» J. Teixeira d'Azevedo concordou que convinha procurar Fradique

Mendes, e erguel-o no alto do escudo como mestre dos Novos.

Fui logo n'essa noite á *Revolução de Setembro*, então installada na Calçada do Correio. Havia lá um companheiro meu de Coimbra, Marcos Vidigal, que nos nossos alegres tempos de Direito Romano ganhára, por tocar concertina e lêr Scudo, uma auctoridade forte nos domínios da Musica. Agora, vadiando em Lisboa, escrevia na *Revolução* aos domingos uma chronica musical, para ter gratuitamente o bilhete de S. Carlos.

Era um moço sem sobranceiras, alvo e sardento, com cabellos côr de manteiga fresca, apagado de idéas e de modos — que despertava e se illuminava todo quando tinha a opportunidade de conhecer um homem que considerasse célebre, ou «entrar (como elle dizia) n'uma coisa que se lhe afigurasse original»; e isto tornára-o a elle pouco a pouco quasi original e quasi célebre. N'essa noite, que era sabbado e de grande calor, lá estava á banca, com uma quinzena d'alpaca, suando, bufando, a espremer do seu pobre craneo, como d'um velho limão meio sêcco, gottas d'uma chronica sobre a Volpini. Apenas eu murmurei o nome de Fradique Mendes, alludi áquelles versos que me tinham maravilhado — Vidigal arrojou a penna, já risonho, com um clarão na face:

— Fradique!? O Fradique!? Se conheço o grande Fradique!? É meu parente, meu patricio e meu parceiro!

— Ainda bem, Vidigal, ainda bem!

Fomos ao Passeio Publico (onde Marcos se ia encontrar com um agiota). Tomámos sorvetes debaixo das arvores; e o chronista da *Revolução* desenrolou, com abundancia e carinho, a historia do poeta das LAPIDARIAS.

Carlos Fradique Mendes pertencia a uma velha e rica, familia dos Açores, descendente por linha varonil de certo Lopo Mendes, filho segundo da casa da Troba, que fôra donatario d'uma das melhores capitancias creadas nas Ilhas por começos do seculo XVI. Seu pai, homem magnificamente bello, mas de

gostos rudes, morrera (quando Carlos ainda gatinhava) d'um, desastre, na caça. Seis annos depois sua mãe, senhora tão airosa, pensativa e loura que merecera d'um poeta da Terceira o nome de *Virgem d'Ossian*, morria tambem, d'uma febre trazida dos campos onde andára bucolicamente, n'um dia de sol forte, a ceifar feno com uma fouce de prata. Carlos ficou em companhia e sob tutela de sua avó materna, D. Angelina Fradique, velha leviana, erudita e excentrica que colleccionava aves empalhadas, traduzia Klopstock, e se correspondia com Cesar Cantu. A sua primeira educação foi singularmente emmaranhada: o capellão de D. Angelina, antigo frade beneditino, ensinou-lhe o latim, a doutrina, o horror á maçonaria e outros principios solidos: depois um coronel francez, velho jacobino que se batera em 1830 na barricada de St-Merry, veio abalar estes alicerces espirituas fazendo traduzir ao rapaz a *Pucelle* de Voltaire e a *Declaração dos direitos do homem*; e finalmente um allemão, que ajudava D. Angelina a enfardelar Klopstock na vernaculidade de Filinto Elysio, e se dizia parente de Emmanuel Kant, completou a confusão iniciando Carlos, ainda antes de lhe nascer o buço, na *Critica da Razão pura* e na heterodoxia metaphysica dos professores de Tubinguen. Felizmente Carlos arejava estas suffocantes camadas d'instrucção, gastando longos dias a cavallo nos montes com a sua matilha de galgos: — e da anemia que lhe teriam causado estas abstracções do raciocinio, salvou-o o sôpro fresco dos montados e a singela pureza dos regatos em que bebia.

A avó, tendo successivamente approvedo estas embrulhadas linhas d'educação, decidiu de repente, quando Carlos completou dezeseis annos, mandal-o para Coimbra que ella considerava um nobre centro d'estudos classicos e o derradeiro refugio das Humanidades. Dizia-se porém na Ilha que a traductora de Klopstock, apesar dos sessenta annos que lhe revestiam a face d'um pello mais denso que a hera d'uma ruina, decidira afastar o neto — para casar com o cocheiro.

Durante tres annos Carlos tocou guitarra pelo *Penedo da Saudade*, encharcou-se de carrascão na tasca das Camêlas, pu-

blicou na *Idéa* sonetos asceticos, e amou desesperadamente a filha d'um ferrador de Lorvão. Acabava de ser pela segunda vez reprovado em geometria quando a avó morreu subitamente, na sua quinta das *Tornas*, n'um caramanchão de rosas em que se esquecera até á noitinha, tomando café, e escutando a viola que o cocheiro repicava com os dedos carregados d'anneis.

Restava a Carlos um tio, Thadeu Mendes, homem d'ociosidade, de luxo e de boa mesa, que vivia em Paris onde era um dos fieis (e dos crédores) do principe Napoleão, presidente da Republica e Salvador da Sociedade. E Carlos foi para Paris estudar Direito nas cervejarias que cercam a Sorbonne, á espera da maioridade que lhe devia trazer as heranças accumuladas do pai e da avó, calculadas por Vidigal n'um farto milhão de cruzados. Vidigal era filho d'uma sobrinha de D. Angelina, e possuia por legado, conjuntamente com Carlos, uma quinta chamada o *Corvovello*. D'ahi lhe vinha a parceria.

Depois d'isto Vidigal sabia apenas que Fradique, livre e riço, sahira do Quartier-Latin a começar uma existencia «sublime». Com um impeto de ave solta, viajára logo por todo o mundo, em todas as direcções do vento, desde New-York até Jerusalem, desde a Siberia até ao Sahará. N'estas jornadas, sempre emprehendidas por uma solicitação da intelligencia ou por ancia d'emoções, achára-se envolvido em feitos historicos, e tratára altas personalidades do seculo. Vestido com a camisa escarlata, ao lado de Dumas pai, acompanhára Garibaldi na conquista das Duas-Sicilias. Encorporado no Estado-Maior de lord Napier, que lhe chamava *the portuguese devil* (o demonio portuguez), fizera toda a pittoresca campanha da Abyssinia. Recebia cartas de Mazzini. Havia apenas mezes que visitára Hugo, no seu rochedo de Guernesey...

Aqui recuei, com os olhos esbugalhados. Victor Hugo (todos ainda se lembram), desterrado então em Guernesey, tinha para nós, idealistas e democratas de 67, as proporções propheticas e lendarias d'um S. João em Pathmos. E recuei protestando, com os olhos esbugalhados, tanto se me afigurava fóra de toda a possibilidade que um Mendes tivesse apertado nas suas

a mão augusta que escrevera a *Lenda dos Seculos!* Correspondencia com Mazzini, camaradagem com Garibaldi, vá! Mas na ilha sagrada, ao rumor das ondas da Mancha ter passeado com o vidente dos *Miseraveis*, — parecia-me a impudente exageração d'um ilhéu que me queria intrujar...

— Juro! gritou Vidigal, levantando a mão solemne ás acacias que nos cobriam.

E immediatamente, para demonstrar a verosimilhança d'aquella gloria, já tão alta para Fradique, contou-me outra bem superior, e que cercava aquelle estranho homem d'uma aureola bem mais radiante. Não se tratava já de ser estimado por um homem sublime, — mas, coisa excelsa entre todas, de ser amado por uma sublime mulher. Pois bem! Durante dois annos, em Paris, Fradique fôra o amante amado de Anna de Léon, a gloriosa Anna de Léon, a mais culta e bella cortezá (Vidigal dizia «o melhor bocado») do Segundo Imperio, a que ella communicára essa graça especial de voluptuosidade intelligente que outr'ora Aspasia deu ao seculo de Pericles.

Muitas vezes eu lêra no Figaro os louvores de Anna de Léon, e sabia que poetas a tinham celebrado sob o nome de *Venus Victoriosa*. Os amores com a cortezá não me impressionaram decerto tanto como a intimidade com o homem das *Contemplações*: mas a minha incredulidade cessou, — e Fradique assumiu para mim a estatura d'um desses sêres que, pela seducção ou pelo genio, como Alcibiades ou como Goethe, dominam uma civilisação, e d'ella colhem deliciosamente tudo o que ella póde dar em prazeres e em triumphos.

Foi por isso talvez que córei, já intimidado, quando Vidigal, gritando por outro sorvete de leite, se offereceu para me levar a esse surprehendente Fradique. Sem me decidir, pensando em Novalis que tambem assim hesitava, enleado, ao subir uma manhã em Berlim as escadas d'Hegel — perguntei a Vidigal se o poeta das LAPIDARIAS residia em Lisboa. Não! Fradique viera de Inglaterra havia duas semanas, sem parar, até Cintra, que adorava, e onde comprára a quinta da *Saragoça* no caminho dos Capuchos, para ter de verão em Portu-

gal um repouso fidalgo. Estivera lá desde julho, com livros e um guitarrista: — e agora demorava-se dias em Lisboa, no Hotel Central, antes de recolher a Paris, seu centro e seu lar. De resto, acrescentou Marcos, não havia, como Fradique, ninguém tão profundo, tão simples, tão alegre, tão sem *pose*. E se eu desejava conhecer um homem genial, que estivesse ao outro dia, domingo, á uma, depois da missa, á porta da Casa Havaneza.

— Valeu? Á uma, religiosamente, depois da missa!

Bateu-me o coração. Por fim, com um esforço, como Novalis no patamar d’Hegel, afancei, pagando os sorvetes, que ao outro dia, á uma, religiosamente, mas sem missa, estaria no portal da Havaneza!

II

Toda essa noite preparei phrases, cheias de profundidade e belleza, para dizer a Fradique Mendes. Tendiam todas á glorificação das LAPIDARIAS. E lembro-me de ter, com especial cuidado, burilado e repolido esta: — «A fórma de v. exc.^a é um marmore divino com estremecimentos humanos!»

Na manhã seguinte apurei requintadamente a minha *toilette* como se, em vez de Fradique, fôsse encontrar Anna de Léon — com quem já n’essa madrugada, n’um sonho repassado de d’erudição e sensibilidade, eu passeára pela via sagrada que vai de Athenas a Eleusis, conversando sobre a morte de Socrates e sobre a versificação das LAPIDARIAS. E ás duas horas, dentro de uma tipoia para que o macadam regado me não maculasse o verniz dos sapatos, parava na Havaneza, pallido, perfumado, commovido, com uma immensa rosa de chá na lapella. Eramos assim em 67!

Marcos Vidigal já me esperava, impaciente. Saltou para a tipoia. E batemos através do Loreto, que escaldava ao sol de agosto.

Na rua do Alecrim (para combater a pueril emoção que

me ia enleando e emmudecendo) perguntei ao meu companheiro quando publicaria Fradique o volume das Lapidarias. Por entre o barulho das rodas, Vidigal gritou:

— Nunca!

E contou-me que a publicação d'aquelles trechos na *Revolução* quasi occasionára, entre Fradique e elle, um arrefecimento. Uma manhã depois de almoço, no Central, enquanto Fradique fumava sobre o divan, Vidigal, na sua plena familiaridade, como patricio e como parente, abria sobre a mesa uma pasta de velludo negro. Descobria, surprehendido, largas folhas de versos, n'uma tinta já amarellada... Eram as Lapidarias. Lêra a primeira, a *Serenada de Satan aos astros*. E, maravilhado, pediu logo a Fradique para publicar na *Revolução* algumas d'essas estrophes divinas. O primo sorrira, consentira — com a recatada condição de serem assignadas por um pseudonymo. Qual? Fradique deixava essa escolha á phantasia de Vidigal. Na redacção, porém, ao revêr as provas, só lhe acudiram pseudonymos decrepitos, safados, o *Independente*, o *Amigo da Verdade*, o *Observador*, — nenhum bastante novo para dignamente firmar poesia tão nova. Disse comsigo: — «Acabou-se! Sublimidade não é vergonha. Ponho-lhe o nome!» Mas ao outro dia, quando Fradique viu a *Revolução de Setembro*, fez-se livido, e chamou regeladamente a Vidigal «indiscreto, burguez, e philistino!» E aqui Vidigal parou para me pedir a significação de *philistino*. Eu não sabia; mas archivei gulosamente o termo. Recordo até que logo n'essa tarde, no Martinho, tratei de *philistino* o auctor consideravel do *Avè Cesar!* O epitheto impressionou. E durante semanas foi usado, ora como injuria, ora como louvor, em discussões e folhetins.

— De modo que, rematou Vidigal, é melhor não lhe fallares nas Lapidarias.

«Porque?» pensava eu. Talvez que Fradique, á maneira do chanceller Bacon e outros homens grandes pela acção, desejasse esconder o seu ardente genio poetico! Ou talvez essa ira, ao ver o seu nome impresso debaixo de versos com que se orgulharia Lecomte de Lisle, era a do artista nobremente e per-

petuamente insatisfeito que não aceita ante os homens como sua obra onde sente imperfeições. Ou ainda, poeta todo íntimo, d'uma delicadeza e altivez d'alma incomparáveis, não queria mostrar á multidão o seu sonho e as suas emoções, e ficar por traz d'ellas sorrindo, como o joalheiro que espalha sobre um balcão as jóias que trabalhou. Homem estranho! Tudo isto cahia na minha admiração como óleo n'uma fogueira. Ao pararmos no Central, tremia d'acanhamento.

Senti quasi um allivio quando o porteiro annunciou que o snr. Fradique Mendes, logo pela manhã, partira n'uma caleche para Belem. Para Vidigal foi um desespero:

— Numa caleche! Para Belem!... Ha alguma coisa em Belem?

Murmurei, n'uma idéa d'Arte, que havia os Jeronymos. N' esse instante uma tipoia, lançada a trote, estacou na rua, com as pilecas fumegando. Um homem pallido desceu, vestido de preto. Era Fradique Mendes.

Vidigal correu, apresentou-me como um «escriptor seu amigo». Elle adiantou a mão sorrindo — mão admiravelmente fina e branca onde scintillava um rubi. Acariciou o hombro do primo Marcos, arejou a face com o lenço: depois abriu uma carta que o porteiro lhe estendia. «Uma carta de pressa, disse o homem, mandada pelos snrs. Pintos Bastos.»

Pude então, á vontade, contemplar o cinzelador das LAPIDARIAS, o familiar de Mazzini, o expedicionario das Duas-Sicílias, o bem-amado de Anna de Léon! O que me seduziu logo foi a sua esplendida solidez, a nobre e viril proporção dos membros fortes, o aspecto calmo de poderosa estabilidade com que parecia assentar na vida, tão livremente e tão firmemente como sobre aquelle chão de ladrilhos onde pousavam os seus largos sapatos de verniz resplandecendo sob polainas de linho. A face era do feitio aquilino e grave que se chama *cesareano*, mas sem as linhas empastadas, a espessura flaccida que a tradição das Escólas invariavelmente attribue aos Cesares na tela ou no gesso, para os revestir de magestade, antes pura e fina como a d'um Lucrecio moço, em plena gloria, todo

nos sonhos da Virtude e da Arte: e o que eu tomára por pallidez vinha d'uma brancura de pelle, lactea, fresca, sã, onde a barba, por ser pouca decerto, não deixava depois de escanhoadá nenhuma sombra aspera. A finura da physionomia estava na bôca que, sob um buço crespo e leve, offercia labios d'um córte extremamente sinuoso e subtil, como talhados assim para afinar e espiritualisar bem a expressão do pensamento. E estava tambem, mas ahi misturada com energia, nos olhos — olhos pequenos e negros, brilhantes como contas de onyx, d'uma penetração aguda, talvez insistente de mais, que perfurava, se enterrava sem esforço, como uma verruma d'aço em madeira molle.

Trazia uma quinzena solta, d'uma fazenda preta e macia, igual á das calas que cahiam sem um vinco: o collete de linho branco fechava com botes de coral pallido: e o laço da gravata de setim negro, dando relevo á alvura espelhada dos collarinhos quebrados, reproduzia a nitidez detalhada que já me encantára no seu verso.

Não sei se as mulheres o considerariam *bello*. E u achei-o um varão magnifico — dominando sobretudo por não sei que graça clara que sahia de toda aquella força mascula. Era o seu viço que deslumbrava. A vida de tão varias e trabalhosas actividades não lhe cavára uma prega de fadiga. Parecia ter emergido, havia momentos, assim de quinzena preta e barbeado, d'entre o seio vivo da Natureza. E apesar de Vidigal me ter affirmado que Fradique já «trintára», eu sentia n'aquelle corpo a robustez tenra e agil de um ephebo, na infância do mundo grego. Só quando sorria ou quando olhava, se percebiam immediatamente n'elle vinte seculos de litteratura.

Depois de lêr a carta, Fradique Mendes abriu os braços, n'um gesto risonho e desolado, implorando uma vez mais a misericordia de Vidigal. Tratava-se como sempre da Alfandega, fonte perenne das suas amarguras. Agora tinha lá enalhado um caixote, contendo uma mumia egypcia...

— Uma mumia...?

Sim, perfeitamente, uma mumia historica, o corpo veridico

e veneravel de Pentaour, escriba ritual do Templo de Amnon em Thebas, e chronista de Ramèzes II! Mandára-o vir de Paris para dar a uma senhora da Legação d'Inglaterra, que em plena frescura e em plena graça, colleccionava antiguidades pharaonicas. Mas apesar d'esforços sagazes não conseguia arrancar esse defunto letrado aos armazens da Alfândega — que elle enchera de confusão e de horror. Logo na primeira tarde, quando Pentaour desembarcára enfaixado dentro do seu caixão, a Alfândega aterrada avisou a policia. Depois, calmadas as desconfianças d'um crime, surgira uma insuperavel difficuldade: — que artigo da pauta poderia ser applicado ao cadaver d'um hierogrammata do tempo de Ramèzes? Elle Fradique suggerira o artigo que taxa o arenque defumado. Realmente, no fundo, o que é um arenque defumado senão a mumia, sem ligaduras e sem inscripções, d'um arenque que viveu? Ter sido peixe ou escriba nada importava para os effeitos fiscaes. O que a Alfândega via diante de si era o corpo d'uma creatura, outr'ora palpitante, hoje seccada ao fumeiro. Se ella em vida nadava n'um cardume, nas ondas do mar do Norte, ou se, nas margens do Nilo, ha quatro mil annos, arrolava as rezes de Amnon e commentava os capitulos *de fim de dia* — não era certamente da conta dos poderes publicos. Isto parecia-lhe logico. Todavia as auctoridades da Alfândega continuavam a hesitar, coçando o queixo, diante do cofre sarapintado que encerrava tanto saber e tanta piedade! E agora os amigos Pintos Bastos aconselhavam, como mais rapido e mais pratico, que se obtivesse um *empenho* do Ministro para fazer sahir sem direitos o corpo augusto do escriba de Ramèzes. Ora este empenho, quem melhor para o alcançar que Marcos — esteio da Regeneração e seu chronista musical?

Vidigal esfregava as mãos, illuminado. Ahi estava uma coisa «bem catita», bem digna d'elle — salvar uma mumia do fisco! E arrebatou a carta dos Pintos Bastos, enfiou para a tipoia, gritou ao cocheiro a morada do Ministro, seu collega na *Revolução*. Assim fiquei só com Fradique — que me convidou a subir ao seu quarto para bebermos uma «soda e limão».

Pela escada, o poeta das LAPIDARIAS alludiu ao torrido calor d'agosto. E eu que ia atraz, e defronte do espelho no patamar parára a revistar, com um olhar furtivo, a linha da minha sobrecasaca e a frescura da minha rosa — deixei distrahidamente escapar esta coisa hedionda

— Sim, está d'escachar!

E ainda o som não morrera no ar, já uma afflicção me dilacerava, pela chulice assim atabalhoadamente lançada como um pingo de sêbo sobre o supremo artista das LAPIDARIAS, o homem que conversára com Hugo á beira do mar!... Entrei no quarto, embaçado, com bagas de suor na face. Debalde rebuscava uma outra phrase sobre o calor, bem trabalhada, toda scintillante e nova! Nada! Só me acudiam teimosamente sordidezes parallelas, em calão vil: — «está de rachar»! «está de derreter»!... Atravessei alli uma dessas angustias atrozes e grotescas, que vêm unicamente aos vinte annos, quando se comeu a vida e a litteratura.

Felizmente Fradique desaparecera por traz d'um reposteiro de alcova. Só, limpando o suor, reflectindo que altos pensadores se exprimem assim, com uma simplicidade rude, — serenei. E á perturbação succedeu a curiosidade de descobrir em torno, pelo aposento, algum vestigio da originalidade intensa do homem que o habitava. Não avistei raridades. Era a sabida sala d'hotel, com reps azul-ferrete, um lustre, e uma console de pés dourados entre as duas janellas que respiravam para o rio. Sómente sobre a console, e por meio dos livros que atulhavam a mesa, pousavam soberbos ramos de flôres: e a um canto afofava-se um espaçoso divan, installado decerto por Fradique, e arranjado com colchões sobrepostos, que um cobrejão oriental de côres estridentes recobria flammantemente. Errava além disso em toda a sala um aroma desconhecido, que tambem me pareceu oriental, como feito de rosas de Smyrna, mescladas a um fio de canella e benjoim.

Fradique Mendes voltára de dentro, vestido com uma cabaia chinesa de mandarim, de sêda verde, bordada a flôres de amendoeira que me maravilhou e me intimidou. Vi então que

tinha o cabello castanho-escuro, muito fino, levemente ondeado sobre a testa, mais polida e branca que os marfins de Normandia. E os olhos, banhados agora n'uma luz franca, não apresentavam aquella negrura profunda que eu comparára ao onyx, mas uma côr quente de tabaco escuro da Havana. Accendeu uma cigarette, ordenou a «soda e limão», e disse sorrindo, com sincera sympathia:

— Aquelle Marcos é uma flôr!

Concordei. Historiei a velha estima que me prendia a Vidigal, desde o primeiro anno de Coimbra, dos nossos tempos estouvados de Concertina e *Sebenta*: e fallámos de Coimbra, que eu execrava — mas de que Fradique conservava recordações, cheias d'alegria e illusão. Perguntou-me pelos excellentes Dorias; pelo Pedro Penedo, pelo Paes, por outros lentes ainda, do antigo typo fradesco e bruto; depois pelas tias Camêlas, essas encantadoras velhas, que escrupulosamente, através de lascivas gerações d'estudantes, tinham permanecido virgens, para poderem no céu, ao lado de Santa Cecilia, passar toda uma eternidade a tocar harpa. Era uma das suas memorias mais persistentes de Coimbra, essa taverna das tias Camêlas, e as ceias desabaladas que custavam setenta reis, comidas ruidosamente na penumbra fumarenta das pipas, com o prato de sardinhas em cima dos joelhos, o cangirão do *tinto* sobre o chão de terra negra... E que sardinhas! Que arte divina em frigar o peixe! Muitas vezes em Paris se lembrára das risadas, do appetite, e dos piteus d'então!...

Tudo isto vinha n'um tom muito moço, natural e singelo — que eu mentalmente classificava de *crystallino*. Elle estirára-se no divan; eu ficára junto da mesa, onde um ramo de rosas se desfôlha sobre volumes de Darwin e do Padre Manoel Bernardes. E então, dissipado o acanhamento, todo no appetite de revolver com elle idéas de Litteratura, sem me lembrar que esse homem, como Bacon, quereria esconder o seu genio poetico, ou artista insatisfeito nunca reconheceria a obra imperfeita, — alludi ás LAPIDARIAS.

Fradique Mendes tirou a cigarette dos labios para rir —

com um riso que seria genuinamente galhofeiro, se de certo modo o não contradissesse um laivo de vermelhidão que lhe subira á face côr de leite. Depois declarou que a publicação desses versos, *com a sua assignatura*, fôra uma perfidia do perjuro Marcos. Não considerava *assignaveis* esses pedaços de prosa rimada, que decalcára, havia quinze annos, na idade em que se imita, sobre versos de Lecomte de Lisle. De resto passára por um tão puro e alto prazer quando os trabalhava em Paris, a uma janella por sobre as arvores do Luxemburgo, julgando-se a cada rima um innovador genial, que não lhe pezava tel-os recompensado deixando-os gozar um pouco da luz e do ruido d'um jornal.

Isto já me pareceu menos sincero — de modo nenhum *crystallino*. Affirmei no emtanto que, depois da obra de Baudelaire, nada me impressionára como as LAPIDARIAS. E preparei a minha esplendida phrase, burilada nessa noite com paciente cuidado: — «A fórma de v. exc.^a é um marmore divino...» Ainda consegui collocar — «A fórma de v. exc.^a...» Mas o precioso resto foi cortado pelo movimento de Fradique, que se erguera, atirára a cigarette, e, *verrumando-me* com os olhos outra vez mais negros:

— Vejo então que tenho diante de mim um discipulo devoto e militante do maganão das *Flôres do Mal!*

Córei, áquelle espantoso termo de *maganão*. E, muito grave, confessei que para mim Baudelaire dominava á maneira d'um grande astro, logo abaixo d'Hugo, na moderna Poesia. Fradique sorriu: e affiançou-me que bem cedo eu perderia essa illusão! Baudelaire (que elle conhecera) não era verdadeiramente um poeta. Poesia subentendia emoção: e Baudelaire, todo intellectual, todo critico, não passava d'um analysta — um dissecador subtil d'estados morbidos. As *Flôres do Mal* continham apenas resumos criticos de emoções nervosas que Baudelaire muito finalmente comprehendera, mas que nunca sentira. Exactamente como um pathologista, cujo coração bate normal e serenamente, emquanto descreve, á sua banca, n'uma folha de papel, as perturbações medonhas d'uma lesão cardiaca.

Tanto assim que Baudelaire compuzera primeiro em prosa as *Flôres do Mal* — e só mais tarde, tendo comprovado bem a justeza das analyses, as passava a verso, laboriosamente, com um dictionario de rimas!... De resto em França (acrescentou o estranho homem) não havia poetas. A genuina expressão da clara intelligencia franceza era a prosa. Os mais finos conhecedores francezes prefeririam sempre os poetas cuja poesia se caracterisasse pela precisão, lucidez, sobriedade — que são qualidades de prosa; e um poeta tornava-se tanto mais popular quanto mais visivelmente possuia o genio de prosador. Boileau continuaria a ser um classico e um immortal, quando já ninguem se lembrasse, em França, do tumultuoso lyrismo de Hugo...

Dizia estas coisas enormes n'uma voz lenta, penetrante — que ia recortando os termos com a certeza e a perfeição d'um buril. E eu escutava, varado. Que o entupido Boileau ficasse nos cimos da Poesia Franceza, com, a corôa de louros sobre os cachos da cabelleira, quando já o nome do poeta da *Lenda dos Seculos* fosse como um suspiro do vento que passou — parecia-me uma d'essas afirmações, de rebuscada originalidade, com que se procura assombrar os simples, e que eu mentalmente classificava de *insolente*. Tinha mil coisas, abundantes e esmagadoras, a contestar: mas não ousava, por não poder apresental-as n'aquella fórma rigorosa e *crystallisada* do poeta das LAPIDARIAS. Essa cobardia, porém, e o esforço para reter os protestos do meu entusiasmo pelos Mestres da minha mocidade, suffocava-me, enchia-me de mal-estar: e anciava só por abalar d'aquella sala onde, com tão sêccas opiniões classicas, tanta rosa nas jarras, e toda a canella e benjoim que deviam jazer n'algum canto, se respirava conjuntamente um ar abafadiço de Serralho e de Academia.

Ao mesmo tempo julgava humilhante ter soltado apenas, n'aquella conversação, traços escolares e miudos sobre o Pedro Penedo e o carrascão das Camêlas. Na razoavel ambição de deslumbrar Fradique com um resumo critico, provando as minhas finas letras, recorri á phrase, á lapidada phrase, sobre a fórma do seu verso. Sorrindo, esfregando as mãos, murmurei:

— «Em todo o caso a fórma de v. exc.^a é um marmore...»
Chegára ao «marmore» quando a porta se abriu com estrondo, e surgiu Vidigal:

— Tudo prompto! gritou. Despachei o defunto!

O Ministro, homem de poesia e de eloquencia, interessára-se infinitamente por aquella mumia d'um «collega», e jurára logo poupar-lhe o opprobrio de ser tarifada como peixe salgado. S. exc.^a tinha mesmo ajuntado: — «Não, senhor! não, senhor! Ha de entrar livremente, com todas as honras devidas a um classico!» E na manhã seguinte, Pentaour deixaria a Alfandega, de tipoia!

Fradique riu d'aquella designação de *classico* dada a um hierogrammata do tempo de Ramèzes — e apontou a morada do Ministro para lhe agradecer tão culta benevolencia. Então eu, tomado subitamente, sem razão, por um sentimento de inferioridade e de melancolia, estendi a mão para o chapéo. Fradique não me reteve; mas os dois passos com que me acompanhou no corredor, o seu sorriso e o seu *shake hands*, foram perfectos. Apenas na rua, gritei commigo: — «Que pedante!»

Sim, mas inteiramente novo, differente de todos os typos de homens que eu até ahi conhecera! E á noite, na travessa do Guarda-Mór (occultando a escandalosa apologia de Boileau, para nada d'elle mostrar imperfeito), espantei J. Teixeira d'Azevedo com *um* Fradique idealizado, em que tudo era irresistivel, as idéas, o verbo, a cabaia de séda, a face marmorea de Lucrecio moço, o perfume que esparzia, a graça, a erudição e o gosto!

J. Teixeira d'Azevedo tinha o entusiasmo difficil e lento em fumejar. O homem deu-lhe apenas a impressão de ser postiço e theatral. Concordou no emtanto que convinha ir estudar «um machinismo de *pose* montado com tanto luxo».

Fornos ambos ao Central, dias depois, no fundo d'uma tipoia. Eu, engravatado em setim, de gardenia ao peito. J. Teixeira d'Azevedo, caracterizado de «Diogenes do seculo XIX», com um jaquetão encardido e remendado que lhe emprestára o criado, chapéo braguez orlado de sêbo, grossos sapatões ruraes,

pavoroso cacete ponteadado de ferro!... Tudo isto arranjado com trabalho, com despeza, com immenso nojo, só para horrorisar Fradique — e, diante d'esse homem de scepticismo e de luxo, ativamente affirmar, como democrata e como idealista, a grandeza moral do remendo e a philosophica austeridade da nodoa! Eramos assim em 1867!

Tudo perdido! Perdida a minha gardenia, perdida a immundicie estoica do meu camarada! O snr. Fradique Mendes (disse o porteiro) partira na vespera n'um vapor que ia buscar bois a Marrocos!

III

Alguns annos passaram. Trabalhei, viajei. Melhor fui conhecendo os homens e a realidade das coisas, perdi a idolatria da Fórma, não tornei a lêr Baudelaire. Marcos Vidigal, que, através da *Revolução de Setembro*, trepára da Chronica Musical á Administração Civil, governava a Índia como Secretario Geral, de novo entregue, n'esses ocios asiaticos que lhe fazia o Estado, aos seus sólos trabalhosos de concertina: e levado assim esse grato amigo do Tejo para o Mandovi eu não soubera mais do poeta das LAPIDARIAS. Nunca porém se me apagára a lembrança do homem singular. Antes por vezes me succedia de repente *vêr*, claramente *vêr* diante de mim, a face eburnea e fresca, os olhos côm de tabaco insistentes e verrumando, o sorriso sinuoso e sceptico onde viviam vinte seculos de litteratura.

Em 1871 percorri o Egypto. Uma occasião, em Memphis, ou no sitio em que foi Memphis, navegava nas margens inundadas do Nilo, por entre palmeiras que emergiam da agua, e erguiam em redor, sobre o fundo de ardente luar, a sombra e a solemnidade saudosa de longas arcarias de claustros. Era uma solidão, um vasto silencio de terra morta, apenas dôcemente quebrado pela cadencia dos remos e pelo canto dolente do arraes. E eis que subitamente, sem que recordação alguma tivesse evocado esta imagem — *vejo*, nitidamente *vejo*, avançam-

do com o barco, e com elle cortando as faxas de luz e sombra, o quarto do Hotel Central, o grande divan de côres estridentes, e Fradique a celebrar classicamente, por entre o fumo da cigarette, a immortalidade de Boileau! E eu mesmo já não estava no Oriente, nem em Memphis, sobre a agua verde do Nilo; mas lá, n'esse corriqueiro aposento de hotel, sentado junto da mesa, diante das duas janellas que respiravam para o Tejo, sentindo em baixo as carroças de ferragens rolaem para o Arsenal. Perdera porém o acanhamento critico que então me enleava. E, durante o tempo que assim remámos n'essa decoração pharaonica para a morada do Sheik de Abou-Kair, fui tacitamente argumentando com o poeta das LAPIDARIAS, e enunciando emfim, na defeza de Hugo e Baudelaire, as coisas tremendas e aceradas com que o devia ter emmudecido n'aquella tarde de agosto! O arraes cantava os vergeis de Damasco. Eu berrava mentalmente: — «Mas veja v. exc.^a nos *Miseraveis* a alta lição moral...»

Ao outro dia, que era o da festa do Beiram, recolhi ao Cairo pela hora mais quente, quando os *muezzins* cantam a terceira oração. E ao aprear do meu burro, diante do Hotel Sheperd, nos jardins do Ezbekieh, quem hei de eu avistar? Que homem, d'entre todos os homens, hei de eu avistar no terraço, estendido n'uma comprida cadeira de vime, com as mãos cruzadas por traz da nuca, o *Times* esquecido sobre os joelhos, embebendo-se todo de calor e de luz? Fradique Mendes.

Galguei os degraus do terraço, lançando o nome de Fradique, por entre um riso de intenso e transbordante prazer. Sem desarranjar a sua beatitude, elle descruzou apenas um braço que me estendeu com lentidão. O encanto do seu acolhimento esteve na facilidade franca com que me reconheceu, sob as minhas lunetas azues, o meu vasto chapéo panamá:

— «Então como vai desde o Hotel Central?... Ha quanto tempo pelo Cairo?»

Teve ainda outras palavras indolentes e affaveis. N'um banco ao seu lado, todo eu sorria, limpando o pó que se me empastára na face com uma espessura de mascara. Durante o curto

e d'ôce momento que alli conversámos, soube que Fradique chegára havia uma semana de Suez, vindo das margens do Euphrates e da Persia, por onde errára, como nos contos de fadas, um anno inteiro e um dia: e que ia partir, n'um *debarieh* que já o esperava no caes de Boulak, para o alto Egypto, para a Nubia, até Ouadi-Alfah.

Eu escutava-o, e sentia já envolver-me a influencia d'aquella voz incisiva e lenta, dos olhos persuasivos que *verrumavam*, e tomavam na luz mais crúa do Oriente uma côr mais clara de tabaco da Virginia. Todo o sol do Mar Vermelho e das planicies do Euphrates não lhe tostára a pelle lactea. Trazia, exactamente como no Hotel Central, uma larga e fresca quinzena, preta, com o collete branco fechado por botões de coral. E o laço da sua gravata de setim preto (pensei eu) representava alli, na terra das roupagens soltas e rutilantes, a precisão formalista das idéas occidentaes.

Perguntou-me pela pachorrenta Lisboa, o que constava de Vidigal burocratisando entre os palmares brahmanicos, se já se completára a estrada nova de Cintra... Depois, como eu continuava a esfregar o suor e o pó, aconselhou-me que fosse mergulhar n'um banho turco, na piscina que fica ao pé da Mesquita de El-Monyed, e que repousasse toda a tarde, para irmos á noite vêr as illuminações do Beiram.

Em logar de descansar, depois do banho lustral, tentei ainda, ao trote d'ôce de um burro, através da poeira do deserto libyco, visitar fóra do Cairo as sepulturas dos Kalifas. Quando á noite na sala do Sheperd me sentei diante da sopa de «rabo de boi», a fadiga tirára-me o animo de pasmar para outras maravilhas musulmanas. O que me appetecia era o leito fresco, no meu quarto forrado de esteiras, onde tão romanticamente se ouvia cantarem no jardim, com uma languidez de serralho, as fontes entre os rosaes.

Fradique Mendes já estava jantando, n'uma mesa onde flammejava, entre as luzes, um ramo enorme de cactos. Ao seu lado pousava de leve, sobre um escabello mourisco, uma senhora vestida de branco, a quem eu só via a massa esplendida

dos cabellos louros e as costas perfeitas e graciosas, como as duma estatua de Praxiteles que usasse um collete de Madame Marcel; do outro lado, n'uma cadeira de braços, alastrava-se um homem abundante, cuja face ampla e serena, de barbas encaracoladas, cheia de força tranquilla como a de um Jupiter, eu já decerto encontrára algures, ou viva ou em marmore. E cahi logo n'esta preocupação. Em que rua, em que museu admirára eu aquelle rosto classico, de olympica nobreza, onde apenas a fadiga do olhar, sob as palpebras pesadas, trahia a argilla mortal?

Terminei por perguntar ao negro de Seneh que me servia. O selvagem abriu um sorriso de radiosa alvura no ebano do carão redondo: e através da mesa lançou um grunhido, onde julguei distinguir estas syllabas, respeitosa e engoroladas:

— *Cê-tun-diú!* Nos labios toscos do servo de Seneh estes sons tentavam talvez significar — *C'est un Dieu!*... Justos céos!

Pretenderia o negro affirmar que aquelle homem de barbas encaracoladas era *um Deus?* Fôra pois n'um altar, n'uma téla devota, que eu vira essa face, dilatada em magestude pela absorpção perenne do incenso e da prece? De novo interroguei o Nubio quando elle voltou, erguendo nas mãos espalmadas uma travessa de macarrão. De novo o Nubio me atirou em syllabas já claras, bem feridas, dissipando toda a incerteza

— *C'est un Dieu!*

Era um Deus! Sorri a esta idéa de litteratura — um Deus de jaquetão, jantando á mesa do Hotel Sheperd. E, pouco a pouco, através do meu estado de enervação e fadiga (a que longos tragos de vinho de Borgonha, bebidos com uma sêde de Beduino, juntavam um começo de somnolencia), foi-se d'ella evolvendo não sei que sonho, esparso e tenue, como o fumo que se eleva de uma braza meio apagada. Era sobre o Olympo e os velhos Deuses e aquelle amigo de Fradique que se parecia com Jupiter. Os Deuses, scismava eu, não tinham talvez morrido: mas viviam, desde a chegada de S. Paulo á Grecia, refugiados n'um valle da Laconia, outra vez entregues, nos ocios que lhes fizera o Deus novo, ás suas occupaões primordiaes de

lavradores e pastores. Sómente, pelo habito que os Deuses nunca perderam de imitar os homens, e para escapar aos ultrajes da Christandade, os olympicos abafavam sob casimiras, e chitas, e saiotas, e rabonas, o esplendor das nudezas que a Antiguidade adorára: e como tomavam outros costumes humanos, ora por necessidade (cada dia se torna mais difficil ser Deus), ora por curiosidade (cada dia se torna mais divertido ser Homem), os Deuses iam lentamente consummando a sua humanisação. Já por vezes deixavam a doçura do seu valle bucolico; e com bahús, com saccos de tapete, viajavam por distracção ou negocios, folheando os *Guias Bedecker*. Uns iam estudar nas cidades, entre a civilisação, as maravilhas da Imprensa, do Parlamentarismo e do Gaz; outros, aconselhados pelo erudito Hermes, cortavam a monotonia dos longos estios da Attica, bebendo as aguas em Vichy ou em Carlsbad: outros ainda, na saudade imperecivel das omnipotencias passadas, peregrinavam até ás ruinas dos Templos onde outr'ora lhes era offertado o mel e o sangue das rezes. Assim se tornava verosimil que aquelle homem, cuja face cheia de magestade e força serena reproduzia as feições dogmaticamente impostas a Jupiter pela Escóla d'Athenas, — fosse na realidade Jupiter, o Tonante, o Fecundador, pai inesgotavel dos Deuses, creador da Regra e da Ordem. Mas o que o trazia alli, vestido de flabella azul, pelo Cairo, pelo Hotel Sheperd, comendo o macarrão que se lhe prendia ás barbas divinas por onde a ambrosia escorrera? Tratando-se de Jupiter, o frascario, o femieiro Jupiter, os seus motivos transpareciam logo, límpidos e logicos. O que o podia arrastar ao Cairo senão *alguma saia*, esse desejo esplendidamente insaciavel de deusas e de mulheres, que outr'ora tornava pensativas as donzellas da Hellenia ao decorarem na Cartilha Pagã as datas em que elle batera as azas de Cysne entre os joelhos de Leda, sacudira as pontas de touro entre os braços d'Europa, gottejára em pingos d'ouro sobre o seio de Danae, pulára em linguas de fogo até aos labios d'Egina, e mesmo um dia, enojando Minerva e as damas sérias do Olympo, atravessára toda a Macedonia com uma escada ao hombro para trepar ao

alto eirado da morena Seméle? Agora, evidentemente, viera ao Cairo passar umas férias sentimentaes, longe da Juno conjugal, com aquella soberba mulher, cujo busto irresistivel provinha das artes conjuntas de Praxiteles e de Madame Marcel. E ella, quem seria ella? A côr das suas tranças, a suave ondulação dos seus hombros, tudo indicava claramente uma d'essas deliciosas Nymphas das Ilhas da Ionia, que outr'ora os Diaconos Christãos expulsavam dos seus frescos regatos, para n'elles baptisar centuriões cacheticos e comidos de dividas, ou velhas matronas com pêllo no queixo, tropegas do incessante peregrinar aos altares de Aphrodite. Nem elle nem ella porém podiam esconder a sua origem divina: através do vestido de cassa o corpo da Nympha irradiava uma claridade; e, attendendo bem, vêr-se-hia a fronte marmorea de Jupiter arfar em cadencia, no calmo esforço de perpetuamente conceber a Regra e a Ordem.

Mas Fradique? Como se achava alli Fradique, na intimidade dos Immortaes, bebendo com elles champagne Clicquot, ouvindo de perto a harmonia sem igual da palavra de Jove? Muito naturalmente, como se encontram sempre Fidalgos ricos e fieis, junto dos Reis no exilio. Fradique era um dos derradeiros crentes do Olympo, devotamente prostrado diante da Fórma, transbordando de alegria pagã: visitava a Laconia, fallava a lingua dos Deuses, recebia d'elles a inspiração: — nada mais consequente do que descobrir Jupiter no Cairo, e prender-se logo ao seu serviço, como *cicerone*, nas terras barbaras de Allah. E certamente com elle e com a Nympha da Ionia, ia Fradique subir o Nilo, até aos derrocados templos onde Zeus foi temido sob o nome de Amnon.

Através d'uma salada de tomates, eu desenvolvia, coordenava estas imaginações — decidido a convertel-as n'um Conto para publicar em Lisboa na *Gazeta de Portugal*. Devia chamar-se *A derradeira campanha de Jupiter*: — e n'elle obtinha o fundo erudito e phantasista para incrustar todas as notas de costumes e de paizagens, colhidas na minha viagem do Egypto. Sómente, para dar ao conto um relevo de moder-

nidade e de realismo picante, levaria a Nympha das aguas, durante a jornada do Nilo, a enamorar-se de Fradique e a trahir Jupiter! E eil-a aproveitando cada recanto de palmeiral e cada sombra lançada pelos velhos pilones d'Osiris, para se pendurar do pescoço do poeta das LAPIDARIAS, murmurar-lhe coisas em grego mais dôces que os versos de Hesiodo, deixar-lhe nas flannels o seu aroma de ambrosia, e ser por todo esse valle do Nilo immensamente *cochonne* — emquanto o Pai dos Deuses, sem nada perceber, cofiando as barbas encaracoladas, continuaria imperturbavelmente a conceber a Ordem, augusto, ineffavel, perfeito, ancestral e cornudo!

Enthusiasmado, já construía a primeira phrase do Conto — quando vi Fradique adiantar-se para mim, com a sua chavena de café na mão. Jupiter tambem se erguera vagarosamente. Pareceu-me um Deus pesado e molle, com um principio de obesidade, arrastando a perna tarda, bem proprio para o ultraje que eu lhe preparava na *Gazeta de Portugal*. Ella porém tinha a graça, o esplendor, o aroma, o andar d'uma Deusa!... Tanto que resolvi logo substituir-me a Fradique no Conto, ser eu o *cicerone*, e com os Immortaes vogar á véla e á sirga sobre o rio de immortalidade! Junto á minha face, não á de Fradique, balbuciaría ella, desfallecendo de paixão entre os granitos sacerdotaes de Medinet-Abou, as coisas mais dôces da *Anthologia*! Ao menos, em sonho, realisava uma triumphal viagem a Thebas. E faria pensar aos assignantes da *Gazeta de Portugal*: — «O que elle por lá gozou!»

Fradique sentára-se, recebendo, de Jove e da Nympha que passavam, um sorriso cuja doçura tambem me envolveu. Vivamente puxei a cadeira para o poeta das LAPIDARIAS:

— Quem é este homem? Conheço-lhe a cara...

— Naturalmente, de gravuras... É Gautier!

Gautier! Theophilo Gautier! O grande Theo! O mestre impeccavel! Outro ardente enlevo da minha mocidade! Não me enganára pois inteiramente. Se não era um Olympico — era pelo menos o derradeiro Pagão, conservando n'estes tempos de

abstracta e cinzenta intellectualidade, a religião verdadeira da Linha e da Côr! E esta intimidade de Fradique com o auctor de *Mademoiselle de Maupin* tornou-me logo mais precioso e mais querido este compatriota sem par. Para saber se elle desejava genebra pousei-lhe a mão sobre a manga, com meiguice. E foi um extase, diante da sua penetração, quando elle me aclarou o grunhir do negro de Seneh. O que eu tomára pelo annuncio duma presença divina significava apenas — *c'est le deux*. Gautier no hotel occupava o quarto numero dois: e para o barbaro, o plastico mestre do Romantismo era apenas

— *o dois!*

Contei-lhe então a minha phantasia mythologica, o Conto que ia trabalhar, os adoraveis dias de paixão que lhe destinava na viagem para a Nubia. Pedi mesmo permissão para lhe dedicar a *Derradeira campanha de Júpiter*. Fradique sorriu, agradeceu. Desejaria bem, confessou elle, que essa fosse a realidade, porque não se podia encontrar mulher de mais genuina belleza e de mais aguda seducção do que essa Nympha das Aguas, que se chamava Jeanne Morlaix, e era comparsa dos *Delassements-Comiques*. Mas, para seu mal, a radiosa creatura estava caninamente namorada de um Sicard, corretor de fundos, que, a trouxera ao Cairo, e que fôra nessa tarde, com banqueiros gregos, jantar aos jardins de Choubra...

— Em todo o caso, acrescentou o originalissimo homem, nunca esquecerei, meu caro patricio, a sua encantadora intenção!

Porque vim eu narrando, com tal diffusão, este episodio que aparentemente se prende tanto com o estudo do character e do espirito de Fradique, como aquelles ramos de faia que se balouçam á brisa de maio, rente da minha janella? Porque penso que elle originou a calorosa amizade de Fradique para commigo, communicando-lhe esse sabor de phantasia e humorismo que n'ella derramou tanto encanto. Descartes, zombando, creio eu, da Physica Epicuriana ou Atomista, falla algures das afeiçõe, produzidas pelos *Atomos crochus* ou atomos recurvos — dando uma explicação phantastica d'um phenomeno obscuro da sensi-

bilidade por meio d'uma applicação phantasista da theoria Atomica do Universo. Estes atomos, em fórmula de colchete ou d'anzol, engancham-se invisivelmente d'alma a alma e de corpo a corpo, e formam essas *cadeias*, abstractas e resistentes como o bronze, que para sempre ligam dois sêres, sem que os possam separar — nem a desillusão, nem a lassidão, nem a discordancia dos temperamentos, nem a contradicção dos caracteres. Um qualquer *nada* provoca esse fatal ou providencial enganchamento d'atomos. Por vezes um olhar, como desastradamente em Verona succedeu a Romeu e Julieta: por vezes uma fugitiva palavra que se trocou, como na amizade classica de Orestes e Pylades. Ora, por esta theoria (tão satisfactoria como qualquer outra em Psychologia affectiva), vim a pensar que a esplendida aventura de amor, que eu tão generosamente reservára a Fradique no plano da *Ultima campanha de Jupiter*, foi a causa mysteriosa, inconsciente para elle mesmo, o *nada* que determinou a sua primeira sympathia para commigo, desenvolvida, solidificada depois, em seis annos de intimidade intellectual.

Muitas vezes, no decurso das nossas relações, elle alludiu gratamente a essa minha *encantadora intenção* de lhe atar em torno do pescoço os braços de Jeanne Morlaix. Era por causa d'esses braços? Não! Logo á volta do Egypto, os teve collados a si, insistentes e já pesados, durante todo um verão, nas sombras do Vesinet. Era pela subtil e poetica homenagem que eu assim prestava ás suas seducções de homem? Quem sabe? Os motivos d'elle jaziam sempre muito enterrados nos escaninhos do seu complicado espirito, para se poderem definir com claro rigor. — Mas, quando nos erguemos para ir vêr as illuminações do Beiram, Fradique Mendes, com um modo novo, aberto, quente, quasi intimo, já me tratava por *vossê*.

As illuminações no Oriente consistem, como as do Minho, de tigelinhas de barro ou de vidro, onde arde um pavio ou uma

mecha d'estopa. Mas a descomedida profusão com que se prodigalisam as tigelinhas (quando as paga o Pachá) torna essas velhas cidades meio arruinadas, que assim se enfeitam em louvor de Allah, realmente deslumbrantes — sobretudo para um occidental besuntado de litteratura, e inclinado a vêr por toda a parte, reproduzidas no moderno Oriente, as muito lidas maravilhas d'essas *Mil e uma noites* que ninguem jámais, leu.

Na celebração do Beiram o Pachá pagava devotamente, as tigelinhas eram incontáveis — e todas as linhas do Cairo, as mais quebradas e as mais fugidias, resaltavam, sublinhadas por um risco de luz. Longas feiras de pontos refulgentes marcavam a borda dos eirados; as portas abriam sob ferraduras de lumes; os varandins pousavam em gradarias de fogo; dos toldos pendia uma franja que faiscava; um brilho tremia, com a aragem, sobre cada folha d'arvore; e os minaretes, que a Poesia Oriental classicamente compara desde seculos aos braços da Terra levantados para o Céu, ostentavam, como braços em noite de festa, um luxo de braceletes fulgindo na treva serena. Era, disse eu (querendo puerilmente, diante de Fradique, mostrar Imaginação e Litteratura), como se durante todo o dia tivesse cahido sobre a sordida cidade uma grossa poeirada d'ouro, pousando em cada friso de *moucharabieh* e em cada ramo de jardim, e agora rebrilhasse, com esplendida saliencia, na negrura da noite calma: ou ainda, como se a uma ordem divina um Anjo musulmano andasse avivando os contornos aereos do Cairo, com um pincel molhado na tinta de que Allah se serve para redigir os Destinos, e de que as estrellas são por todo o espaço a esparrinhadura radiante. Fradique sorrindo approvou estas desordenadas imagens.

Mas a belleza especial estava na multidão festiva que atulhava as praças e os bazares. E, rompendo através d'ella lentamente, avalei então, assombrado, com quanta profundidade e miudeza Fradique conhecia o Oriente! De todos aquelles homens tão intensamente diversos, desde as feições até aos trajes — elle sabia a raça, a historia, os costumes, o logar proprio na

civilização oriental. Devagar, abotoado n'um paletot de flanela, com um chicote de nervo (que é no Egypto o emblema da Auctoridade) entalado debaixo do braço, ia-me apontando, concisamente explicando essas estranhas figuras, que eu comparava ás d'uma mascarada fabulosa, arranjada por um archeologo em noite de folia erudita, para reproduzir as «modas» dos Semitas através das idades desde Sem, filho de Noé, que usava em torno dos rins uma tira de pelle de chibo. E assim me fazia distinguir e comprehender o — *Fellah*, ridente e agil na sua longa camisa de algodão azul; o Beduino sombrio, movendo gravemente os pés entrapados em ligaduras, com o pesado alfange de bainha escarlata pendurado no peito; os Abadiehs, de grenha arranjada em fórmula de mêda, e erriçada de longas cerdas de porco-espinho que os corôam d'uma aureola negra; os Arnautas insolentes, com curtos saiões tufados e encanudados, compridos bigodes esvoaçando ao vento, armas ricas reluzindo nas cintas de sêda; os bellos homens do Sennar, estatuas gregas esculpidas em ébano; os Moghrebinos altivamente embrulhados nos seus albornozes de riscas flammejantes; os cavalleiros do Hedjaz, com a cabeça envolta n'um lenço amarello cujas franjas immensas lhes fazem uma romeira de fios d'ouro... E outros ainda! Libyos arrastando as tunicas que já usavam no tempo de Herodoto; Judeus immundos, de caracoés frisados; Santões em farrapos, uivando o nome de Allah; Coptas togados á maneira de senadores; soldados pretos do Darfour, com fardetas de linho conservando as nodoas de poeira e de sangue; Ulemas de turbante verde; Persas de mitra de feltro; mendigos de mesquita, cobertos de chagas; amanuenses turcos, pomposos e anafados, de collete bordado a ouro... Que sei eu! Um estonteante Carnaval, onde a cada momento passavam, chalrando aos pares, ou sacudidos pelo trote dos burros sobre albardas vermelhas, enormes saccos enfunados — que eram mulheres. Toda esta turba se movia com uma gralhada mais viva que a de pardaes n'um loureiral, por uma tarde de maio. E a cada esquina, sob môlhos de lampadas, eram invocações a Allah, repiques de pandeiretas, gemidos estridentes partindo

das cordas das *dourbakas*, e cantos lentos — esses cantos arabes, d'uma voluptuosidade tão dolente e tão aspera, que Fradique dizia passarem n'alma com uma «caricia rascante». Por vezes, entre o casario decrepito e rendilhado, surgia uma frontaria lisa, casa rica de Sheik ou de Pachá, com a funda varanda aberta em arcarias, por onde se avistavam lá dentro, n'um silencio de harem, sêdas colgantes, floridos recamos d'ouro, um tremor de lumes no crystal dos lustres, finas fórmias immoveis sob longos véos claros. Então a multidão parava, emmudecia, e de todos os labios sahia um grande *ab!* languido e maravilhado. Nada na terra podia ser mais prodigiosamente interessante para mim — que nunca assistira a uma festa no Oriente. E, todavia, bem depressa esqueci cantos, lumes, sêdas, brilhos d'armas, para só escutar Fradique Mendes!

Ao sairmos do Moujick, este estranho homem parára a trocar, com um moço pallido, de esplendidos olhos, o *salam* — essa saudação oriental em que os dedos tres vezes precipitadamente batem a testa, a boca e o coração. E como eu, rindo, lhe invejava aquella intimidade com um «gentleman musulmano», Fradique explicou que esse moço era um Ulema de Bagdad, de raça antiga, superiormente intelligente, d'uma energia calma de apostolo — uma das mais finas e seductoras personalidades que elle encontrára na Persia. Com a familiaridade que se ia entre nós accentuando, perguntei-lhe então o que, o detivera assim na Persia um anno inteiro e um dia como nos contos de fadas. E Fradique, com singeleza, confessou que se demorára tanto nas margens do Euphrates por se achar casualmente ligado a um movimento religioso que, desde 1849, tomava na Persia um desenvolvimento quasi triumphal, e que se chamava o *Babismo*. Attrahido primeiramente para essa nova seita por curiosidade critica, para observar como nasce e se funda uma Religião, chegára pouco a pouco a ganhar pelo Babismo um interesse activo — não por admiração da doutrina, mas por veneração dos apostolos. O Babismo (contou-me elle, seguindo por uma viella mais solitaria e favoravel ás confidencias) tivera por iniciador certo Mirza-Mohamed, um desses

Messias que cada dia surgem na incessante fermentação religiosa do Oriente, onde a religião é a occupação suprema e querida da vida. Tendo conhecido os Evangelhos Christãos por contacto com os Missionarios; iniciado na pura tradição mosaista pelos judeus do Hiraz; sabedor profundo do Guebrismo, a velha religião nacional da Persia — Mirza-Mohamed amalgamára estas doutrinas com uma concepção mais abstracta e pura do Mahometismo, e declarára-se *Bab*. Em persa *Bab* quer dizer *porta*. Elle era, portanto, a *porta* — a unica *porta* através da qual os homens poderiam jámais penetrar na absoluta Verdade. Mais litteralmente, Mirza-Mohamed apresentava-se como o grande *porteiro*, o homem eleito entre todos pelo Senhor para abrir aos crentes a porta da Verdade — e portanto do Paraiso. Em resumo era um Messias, um Christo. Como tal atravessou a classica evolução dos Messias: teve por primeiros discipulos, n'uma aldeia obscura, pastores e mulheres: soffreu a sua tentação na montanha: cumpriu as penitencias expiadoras: prégou parabolias: escandalisou em Méca os doutores: e padeceu a sua Paixão, morrendo, não me lembro se degolado, se fuzilado, depois do jejum do Rhamadan, em Tabriz.

Ora, dizia Fradique, no mundo musulmano ha duas divisões religiosas — os Sieds e os Sunis. Os Persas são Sieds, como os Turcos são Sunis. Estas differenças, porém, têm no fundo um character mais politico e de raça, do que theologico e de dogma; ainda que um fellah do Nilo desprezará sempre um persa do Euphrates, como *heretico e sujo*. A discordancia alarga-se, mais viva e marcada, logo que Sieds ou Sunis necessitem pronunciar-se perante uma nova interpretação de doutrina ou uma nova apparição de propheta. Assim o Babismo encontrára entre os Sieds uma hostilidade que se avivou até á perseguição: — e isto desde logo indicava que seria acolhido pelos Sunis com deferencia e sympathy.

Partindo d'esta idéa, Fradique, que em Bagdad se ligára familiarmente com um dos mais vigorosos e auctorizados apostolos do Babismo, Said-El-Souriz (a quem salvára o filho duma febre paludosa com applicações de *Fruit-salt*), suggerira-lhe um

dia, conversando ambos no eirado, ao luar, sobre estes altos interesses espirituaes, a idéa de apoiar o Babismo nas raças agricolas do valle do Nilo e nas raças nómadas da Libya. Entre homens de seita Suni, o Babismo encontraria um campo facil ás conversões; e pela tradicional marcha dos movimentos sectarios, que no Oriente, como em toda a parte, sobem das massas sinceras do povo até ás classes cultas, talvez essa nova onda de emoção religiosa, partindo dos fellahs e dos beduinos, chegasse a penetrar no ensino de alguma das mesquitas do Cairo, sobretudo na mesquita de El-Azhar, a grande Universidade do Oriente, onde os ulemas mais moços formam uma cohorte de entusiastas, sempre disposta ás innovações e aos apostolados militantes. Ganhando ahi auctoridade theologica, e litterariamente polido, o Babismo poderia então atacar com vantagem as velhas fortalezas do Musulmanismo dogmatico. Esta idéa penetrára profundamente em Said-El-Souriz. Aquelle moço pallido, com quem elle trocára o *salam*, fôra logo mandado como emissario, babista a Medinet-Abou (a antiga Thebas), para sondar o Sheik Ali-Hussein, homem de decisiva influencia em todo o valle do Nilo, pelo seu saber e pela sua virtude: e elle, Fradique, não tendo agora no Occidente occupações attractivas, cheio de curiosidade critica por tão pittoresco Advento, partia tambem para Thebas, devendo encontrar-se com o babista, á lua mingoante, em Beni-Soueff, no Nilo...

Não recordo, depois de tantos annos, se estes eram correctamente os factos. Só sei que as revelações de Fradique, lançadas assim através do Cairo em festa, me impressionaram indizivelmente. Á medida que elle fallava do Bab, d'essa missão apostolica ao velho Sheik de Thebas, de uma outra fé surgindo no mundo musulmano com o seu pathetico cortejo de martyrios e d'extasis, da possivel fundação de um imperio babista — o homem tomava aos meus olhos proporções grandiosas. Não conhecera jámais ninguem envolvido em coisas tão altas. Sentia-me ao mesmo tempo orgulhoso e aterrado de receber este segredo sublime. Outra não seria a minha commoção, se, nas vespas de S. Paulo embarcar para a Greçia, a levar a Palavra

aos gentílicos, eu tivesse com elle passeio pelas ruas estreitas de Seleucia, ouvindo-lhe as esperanças e os sonhos!

Assim conversando, penetrámos no adro da mesquita de El-Azhar onde mais fulgurante e estridente tumultuava a festa do Beiram. Mas já não me prendiam as surpresas d'aquelle arraial musulmano nem as *almées* dansando entre brilhos de vermelho e d'ouro; nem os poetas do deserto recitando as façanhas d'Antar; nem as luctas dos atletas nubios, bellos e ageis como dioscuros de bronze; nem os Derviches, sob as suas tendas de linho, uivando em cadencia os louvores d'Allah... Calado, invadido só pelo pensamento do Bab, revolvía commigo o confuso desejo de me aventurar n'essa campanha espiritual! Se eu partisse para Thebas com Fradique?... Porque não? Tinha a mocidade, tinha o entusiasmo. Melhor me cabia essa carreira evangelica, que recolher de novo á banal Lisboa, a escrevinhar tiras de papel, sob um bico de gaz, na *Gazeta de Portugal!* E pouco a pouco d'este desejo, como d'uma agua que ferve, ia subindo o vapor lento d'uma visão. Via-me discípulo do Bab, — recebendo nessa noite, do ulema de Bagdad, a iniciação da verdade. E partia logo a prégar, a espalhar o verbo babista. Onde iria? A Portugal certamente, levando de preferencia a salvação ás almas que me eram mais caras. Como S. Paulo, embarcava n'uma galera: as tormentas assaltavam a minha prôa apostolica: a imagem do Bab apparecia-me sobre ás aguas, e o seu sereno olhar enchia minha alma de fortaleza indomavel. Um dia, por fim, avistava terra, e na manhã clara sulcava o claro Tejo, onde ha tantos seculos não entra um enviado de Deus. Logo de longe lançava uma injuria ás igrejas de Lisboa, construcções d'uma Fé vetusta e menos pura. Desembarcava. E, abandonando as minhas bagagens, n'um alto desprendimento dos bens terrestres, galgava aquella bemdita rua do Alecrim, e em meio do Loreto, á hora em que os Directores Geraes sobem devagar da Arcada, abria os braços e bradava:

— «Eu sou a *Porta!*»

Não mergulhei no Apostolado babista — mas succedeu que, enlevado n'estas phantasmagorias, me perdi de Fradique. E não

sabia o caminho do Hotel Sheperd, nem outros termos uteis, em arabe, além de *agua e amor!* Foram angustiosos momentos em que farejei estonteado pelo largo de El-Azhar, tropeçando nos fogareiros onde fervia o café, esbarrando imprudentemente contra rudes beduinos armados. Já por sobre a turba atirava, aos brados, o nome de Fradique — quando topei com elle olhando placidamente uma *almée* que dansava...

Mas seguiu logo, encolhendo os hombros. Nem me permittiu adiante admirar um lindo moço, um poeta, que, em meio de fellahs pasmados e de Moghrebinos arrimados ás lanças, lia, n'uma toada langorosa e triste, tiras de papel ensebado. A dansa e a poesia, dizia Fradique, as duas grandes artes orientaes, iam em lamentosa decadencia. N'uma e outra se tinham perdido as tradições do estylo puro. As *almées*, pervertidas pela influencia dos casinos do Ezbequieh onde se perneia o can-can — já polluiam a graça das velhas dansas arabes, atirando a perna pelos ares á moda vil de Marselha! E na Poesia triumphava a mesma banalidade, raiada de extravagancia. As fórmulas delicadas do classicismo persa nem se respeitavam, nem quasi se conheciam; a fonte da imaginação seccára, entre os musulmanos; e a pobre Poesia Oriental, tratando themas avelhados e gastos com uma emphase preciosa e burlesca, descambava, como a nossa, n'um *Parnasianismo* barbaro...

— De sorte, murmurei, que o Oriente...

— Está tão mediocre como o Occidente.

Recolhemos ao hotel, devagar, emquanto Fradique, findando o charuto, me dizia como hoje o espirito oriental vive sobretudo da actividade philosophica, agitado pelas novas e complicadas concepções da Moral, que sem cessar lhe offerecem os Logicos dos bazares e os Metaphysicos do deserto...

No dia seguinte acompanhei Fradique a Boulak, onde elle ia embarcar para o Alto Egypto. O seu *debarieh* esperava, amarrado á estacaria, rente das casas do Velho Cairo. O sol mergulhava nas areias libycas. No alto, o céu adormecia, sem uma sombra, sem uma nuvem, puro em toda a sua profundidade como a alma d'um justo. Pesadas barcas, vindas d'Assouan,

jaziam ao lado, carregadas de lentilhas e de mólhos de cana. Uma fila de mulheres coptas, com o esguio cantaro amarello pousado no hombro, descia para a agua do Nilo, bem dita entre todas as aguas. E os ibis, antes de recolher aos ninhos, vinham, como no tempo em que eram Deuses, roçar a beira dos eirados, espalhando com um bater d'azas a benção crepuscular sobre o coração dos humildes.

Baixei atraz de Fradique ao salão do *debarieh*, todo envidraçado, com divans fôfos de cretone escuro, armas penduradas para as manhãs de caça, rumas de livros para as séstas de estudo e de calma quando lentamente se navega á sirga. Depois, durante um momento, no convés, contemplámos silenciosamente aquella paizagem que tem sido a seducção de tantas raças, e para que têm alongado os olhos, cobiçosos ou pensativos, tantos Conquistadores, tantos Santos, tantos Sabios, através das compridas idades. Aqui, nesta quieta margem, pararam como nós, olhando em silencio, enleados no encanto d'estas aguas, d'estes céos — Reis de Judá, Reis da Assyria, Reis da Persia; os Ptolomeus magnificos; Prefeitos de Roma e Prefeitos de Byzancio; Amrou enviado de Mahomet, S. Luiz enviado de Jesus; Alexandre-o-Grande, Cesar, Bonaparte sonhando o imperio do Oriente; e ainda os que vieram só para contar da terra adoravel, desde o loquaz Herodoto até ao primeiro Romantico, o homem pallido de grande *pose* que disse as dôres de «Réné». Bem conhecida é ella, a paizagem divina e sem igual. O Nilo corre. Para além serenamente verdejam os jardins de Rhodah. Mais longe as palmeiras de Giseh, finas e como de bronze sobre o claro ouro da tarde, abrigam aldeias pacificas. Á orla do deserto, erguem-se, no orgulho da sua eternidade, as tres Pyramides. Apenas isto — e para sempre a alma fica presa e lembrando, e para viver n'esta doçura e n'esta belleza os povos travam entre si longas guerras.

Mas a hora chegára: abracei Fradique com singular emoção. A véla fôra içada á briza suave que arrepiava a folhagem das mimosas. A prôa o arraes, espalmando as mãos para o céo, clamou: — «Em nome de Allah que nos leve, clemente e mise-

ricordioso!» Ao redor, vozes lentas murmuraram: — «Em nome de Allah que vos leve!» Um dos remadores, sentado á borda, feriu as cordas do *dourbaka*, outro tomou uma flauta de barro. E assim, entre benções e cantos, a vasta barca fendeu as aguas sagradas, levando para Thebas o meu incomparavel amigo.

Eça de Queíroz.

Cartas de Fradique Mendes¹

FRADIQUE MENDES
(MEMORIAS E NOTAS)

III

Durante annos não tornei a encontrar Fradique Mendes, que concentrára as suas jornadas dentro da Europa Occidental — emquanto eu errava largamente pela America, pelas Antilhas, pelas republicas do golfo do Mexico. E quando a minha vida enfim se aquietou, n'um velho condado rural de Inglaterra, Fradique retomado, como elle dizia, «pela bisbilhotice ethnographica», começava a sua longa viagem ao Brazil, aos Pampas, ás republicas do Pacifico e á Patagonia.

Mas o fio de sympathia, que nos unira no Cairo, não se partiu; nem nós, apesar de tão tenue, o deixámos perder por entre os interesses mais fortes das nossas fortunas desencontradas. Quasi todos os tres mezes trocavamos uma carta — cinco ou seis folhas de papel que eu tumultuosamente atulhava de imagens e impressões, e que Fradique miudamente enchia de idéas e de factos. Além d'isto, eu sabia agora de Fradique por alguns dos meus camaradas, com quem, durante uma residencia mais prolongada em Lisboa, do outono de 1875 ao verão de 1876, elle creára amizades onde todos encontraram interesse intellectual e encanto.

¹ Continuado da pag. 298, numero do 1.º de setembro.

Todos, apesar das dissemelhanças de temperamentos ou das maneiras differentes de conceber a vida — tinham como eu sentido a seducção d'aquelle homem adoravel. D'elle me escrevia, em novembro de 1877 o auctor do *Portugal Contemporaneo*:

— «Cá encontrei o teu Fradique, que considero o portuguez, mais interessante do seculo XIX. Tem curiosas parecenças com Descartes! É a mesma paixão das viagens, que levava o philosopho a fechar os livros «para estudar o grande livro da Mundo»; a mesma attracção pelo luxo e pelo ruido que em Descartes se traduzia pelo gosto de frequentar as «côrtes e os exercitos»; o mesmo amor do mysterio, e das subitas desaparições; a mesma vaidade, nunca confessada, mas intensa, do nascimento e da fidalguia; a mesma coragem serena; a mesma singular mistura de instinctos romanescos e de razão exacta, de phantasia e de geometria. Com tudo isto falta-lhe na vida um fim sério e supremo, que estas qualidades, em si excellentes, concorressem a realisar. E receio que em logar do *Discurso sobre o Methodo* venha só a fazer um *vaudeville*.» Ramalho Ortigão, pouco tempo depois, dizia-me d'elle n'uma carta fervorosa: — «Fradique Mendes é o mais completo, mais acabado producto da civilisação em que me tem sido dado embeber os olhos. Ninguem está mais superiormente! apetrechado do que elle para triumphar na Arte e na Vida. A rosa da sua botoeira é sempre a mais fresca, como a idéa do seu espirito é sempre a mais original. Marcha cinco legoas sem parar, bate ao remo os mais destros remadores de Oxford, mette-se sósinho ao deserto a caçar o tigre, arremette com um chicote na mão contra um troço de lanças abyssinias: — e á noite n'uma sala, com a sua casaca do Cook, um enorme cravo branco, uma perola negra no esplendor do peitilho, sorri ás mulheres com o encanto e o prestigio com que sorrira á fadiga, ao perigo e á morte. Faz armas como o cavalleiro de Saint-Georges, e possui as noções mais novas e as mais certas sobre Physica, sobre Astronomia, sobre Philologia e sobre Metaphysica. É um ensino, uma lição de alto gosto, vêl-o aqui no seu quarto, na vida intima de *gentleman* em viagem, entre as

suas malas de couro da Russia, as grandes escovas de ouro lavrado, as cabaias de sêda, as carabinas de Winchester, preparando-se, escolhendo um perfume, bebendo goles de chá que lhe manda o Gran-Duque Vladimir, e dictando a um criado de calção, mais veneravelmente correcto que um mordomo de Luiz XIV, telegrammas que vão levar noticias suas aos *boudoirs* de Paris e de Londres. E depois de tudo isto fecha a sua porta ao mundo, e lê Sophocles no original.»

O poeta da *Morte de D. João* e da *Musa em Férias* chamava-lhe «um Sainte-Beuve encadernado em Alcides». E explicava assim, n'uma carta d'essa época que conservo, a sua apparição no mundo: — «Deus um dia agarrou n'um bocado de Henri Heine, n'outro de Chateaubriand, n'outro de Brummel, em pedaços ardentes d'aventureiros da Renascença, e em fragmentos resequidos de sabios do Instituto de França, entornou-lhe por cima *champagne* e tinta de imprensa, amassou tudo nas suas mãos omnipotentes, modelou á pressa Fradique, e arrojando-o á Terra disse: — «Vai, e veste-te no Poole!» Emfim Carlos Mayer, lamentando como Oliveira Martins que ás multiplas e esplendidas aptidões de Fradique faltasse coordenação e convergencia para um fim superior, deu um dia sobre a personalidade do meu amigo um resumo pittoresco e profundo: «O cerebro de Fradique está admiravelmente construido. Só lhe falta uma idéa para viver e governar lá dentro. É um genio com escriptos!»

Tambem Fradique, n'esse inverno, conheceu o pensador das *Odes Modernas*, de quem, n'uma das suas cartas do meu amigo a Oliveira Martins, falla com tanta elevação e carinho. E o ultimo companheiro da minha mocidade que se relacionou com o antigo poeta das Lapidarias foi J. Teixeira d'Azevedo, no verão de 1877, em Cintra, na quinta do *Saragoça*, onde Fradique viera repousar da sua laboriosa jornada ao Brazil e ás republicas do Pacifico. Tinham ahi conversado muito, e divergido sempre. J. Teixeira d'Azevedo, sendo um nervoso e um apaixonado, sentia uma insuperavel antipathia pelo que elle chamava o *lymphatismo critico* de Fradique. Homem todo de

emoção não se podia fundir intellectualmente com aquelle homem todo de analyse. O extenso saber de Fradique tambem não o impressionava. «As noções d'esse guapo erudito (escrevia elle em 1879) são bocados do Larousse diluídos em agua de Colonia.» E emfim certos requintes de Fradique (escovas douradas e camisas de sêda), a sua voz mordente recortando o verbo com perfeição, e preciosidade, o seu habito de beber champagne com *soda-water*, outros traços ainda, causavam uma irritação quasi physica ao meu velho camarada da Travessa do Guarda-Mór. Confessava porém, como Oliveira Martins, que Fradique era o portuguez mais interessante e mais suggestivo do seculo XIX. E correspondia-se regularmente com elle — mas para o contradizer com acrimonia.

Em 1880 (nove annos depois da minha peregrinação no Oriente), regressando de Lisboa por vespuras de Paschoa, parei durante uma semana em Paris, seduzido por uma primavera lesta e amavel que já acordára o sol, avelludára o ar, e atirava pela rua os lilazes ás braçadas. Uma noite, depois do theatro, fui cear solitariamente ao Bignon, na avenida da Opera. Tinha encetado as ostras e uma chronica do Gaulois, quando por traz do jornal que eu encostára á garrafa assomou lentamente uma larga mancha clara, que era um collete, um peitilho, uma gravata, uma face, tudo de incomparavel brancura. E uma voz muito serena murmurou: — «Separámo-nos ha annos no caes de Boulak...» Ergui-me com um grito, elle com um tranquillo sorriso; — e o *maitre-d'hotel* recuou assombrado com a meridional effusão do meu abraço. D'essa noite em Paris datou verdadeiramente a nossa intimidade intellectual, que em seis annos, sempre igual e sempre certa, não teve uma intermissão, nem uma sombra que lhe toldasse a pureza.

Determinadamente lhe chamo *intellectual*, porque esta intimidade nunca passou além das coisas do espirito. Nas alegres temporadas que com elle convivi em Paris, em Londres e em Lisboa de 1880 a 1887, na nossa copiosa correspondencia, privei sempre, sem reserva, com a intelligencia de Fradique — e ininterrompidamente assisti e me misturei á sua vida pensante

nunca porém penetrei na sua vida affectiva de sentimento e de coração. Fradique envolvia a sua «carreira sentimental» (como elle diz algures de Musset) no mais opaco, inacessivel recato: e eu, por mim, nunca tive curiosidade de a conhecer — talvez por sentir que toda a inedita originalidade de Fradique se concentrava no sêr pensante, e que o outro, o sêr sensível, feito da banal argilla humana, repetia sem especial relevo as costumadas fragilidades da argilla. Na realidade, o coração d'um homem só interessa criticamente quando elle é, como em Musset ou em Shelley, o directo inspirador do cerebro e da obra. De resto, desde esse passeio no Cairo que iniciou e moldou as nossas relações, nós conservámos através d'ellas o habito especial, um pouco altivo, talvez estreito, de nos considerarmos dois puros espíritos. Se por essa época eu concebesse um livro, ou preparasse os mandamentos d'uma nova Religião, ou surripiasse á Natureza distrahida uma das suas secretas Leis — de preferencia revelaria a Fradique estes episodios de actividade espiritual; mas nunca, na ordem do sentimento, iria a elle com a confidencia d'uma esperança ou d'uma desillusão. E Fradique igualmente manteve commigo esta restricta attitude — porque nunca elle se manifestou aos meus olhos senão na sua funcção intellectual.

Muito bem me lembro eu d'uma dôce manhã de maio em que atravessavamos vagarosamente, conversando por sob os castanheiros em flôr, o jardim das Tulherias. Fradique vinha, desenvolvendo esta idéa «que a extrema democratisação da Sciencia, o seu universal e illimitado derramamento através das plebes, era o grande erro da nossa civilisação, que com elle preparava para bem cedo a sua catastrophe moral.» De repente, ao transpormos a grade para a praça da Concórdia, o Philosopho que assim lançava, através das tenras verduras de maio, estas predicções de desastre e de fim — estaca, emmudece! Diante de nós, ao trote fino e alto d'uma egoa de luxo, passava vivamente, n'uma pressa subtil, para os lados da rua Royale, um «d'esses coupés escuros onde bate o coração» — como Fradique diz, com rebuscada preciosidade, n'uma carta a

Madame de Lobrinski. Vivamente também; Fradique balbucia um «adeus!», acena a um fiacre, e desaparece, ao galope arquejante da pileca, para os lados do caes d' Orsay. «Mulher!» pensei eu. Com effeito, era a mulher e o seu tormento. Como nitidamente se deprehe de d'uma carta a Madame de Jouarre (datada de «Maio, sabbado», e começando: — «Hontem philosophava com um amigo, no jardim das Tulherias...») Fradique corria n'esse fiacre a uma desillusão bem rude e mortificante. Ora n'essa tarde, ao crepusculo, fui (como combinára) buscar Fradique á rua de Varennes, ao velho palacio dos Tredennes, onde elle recentemente installára os seus aposentos com um luxo tão nobre e tão sobrio. Apenas entrei n'aquella sala que denominavamos a «Heroica», porque a revestiam quatro tapeçarias de Luca Cornelio contando a *Historia de Hercules*, o estranho homem rompeu para mim, com as mãos enterradas nos amplos bolsos d'uma quinzena de sêda. E, como se desde essa manha *nenhum outro* cuidado o absorvesse senão o seu thema do jardim das Tulherias:

— Não lhe acabei de dizer ha pouco... A Sciencia, meu caro, tem de ser recolhida como outr'ora aos Santuarios, ou ás Academias, e entregue a um sacro collegio intellectual que a guarde, que a defenda contra as curiosidades das plebes... Ha a fazer com esta idéa um Programma para as gerações novas!

Talvez na face, se eu tivesse reparado, encontrasse restos de pallidez e de emoção: mas o tom era sereno, d'um critico genuinamente recolhido na deducção do seu conceito. Pensei commigo: — «Houve mulher, mas em doçura e paz.» Não! Aquelle homem soffrera horas antes uma desillusão mortificante e rude. Outro murmuraria ao menos, n'um desafogo generico e impessoal: — «Que estúpida é a vida!» Elle fallou da Sciencia e das Plebes: — desenrolando determinadamente diante de mim, ou impondo talvez a si mesmo, os raciocinios do seu cerebro, para que os meus olhos não penetrassem de leve, ou os seus não se detivessem de mais, nas amarguras do seu coração.

Numa carta a Oliveira Martins, de 1883, Fradique diz: —

O homem, como os antigos reis do Oriente, não se deve mostrar aos seus semelhantes senão unica e serenamente *occupado no officio de reinar — isto é, de pensar.*» Haveria n'esta regra, assim proclamada, um orgulho apenas permissivel a um Spinoza ou a um Kant, se elle não accrescentasse «que por isso viajava, desapparecia, para se não mostrar, como era, incompleto e inhabil no *officio de reinar.*» Essa regra porém dirigia frequentemente a sua conducta: e, pelo menos, para mim, sempre assim se comportou, immutavelmente, através da nossa activa convivencia, não se manifestando nunca aos meus olhos senão no *officio de pensar.*

N'essa carta Fradique afirma também — «que todo o homem digno da Humanidade por ter plenamente vivido pelo Sentimento, pela Acção e pela Intelligencia, devia dar depois de morto, para um Romance, uma Monographia historica e um Artigo de Revista.» O «Romance» de Fradique não o posso coordenar n'estas paginas, porque apenas d'elle conheço o que as suas cartas imperfeita e fragmentariamente revelam. Da sua «Monographia historica» outra penna se occupa, mais paciente e segura. Só me resta pois o «Artigo de Revista», onde fixe as impressões e reminiscencias d'uma Intelligencia, que mais que nenhuma outra exerceu sobre mim império e seducção.

IV

O que impressionava logo n'esta Intelligencia, ou antes na sua maneira de se exercer, era a extrema liberdade junta á extrema audacia. Não conheci jámais espirito tão impermeavel á tyrannia ou á insinuação das «idéas feitas»: e decerto nunca um homem traduziu o seu pensar original e proprio com mais soberbo desassombro. «Apesar de trinta séculos de geometria me afirmarem (diz elle n'uma carta a J. Teixeira d'Azevedo) que *a linha recta é a mais curta distancia entre dois pontos*, se eu achasse que para subir da porta do Hotel

Universal á porta da Casa Havaneza me sahia mais directo e breve rodear pelo bairro de S. Martinho e pelos altos da Graça, declararia logo e friamente á secular geometria — que a distancia mais curta entre dois pontos é uma curva vadia e delirante!» Esta independencia da Razão, que Fradique assim apregôa com desordenada Phantasia, constitue uma qualidade rara: mas o animo de afirmar intemeratamente essa independencia diante da magestosa Tradição, da Regra, das conclusões oraculares dos Mestres, é já uma virtude, e rarissima, de radiosa excepção.

Fradique (n'outra carta a J. Teixeira d'Azevedo) falla d'um polaco, G. Cornuski, professor e critico, que escrevia na *Revista Suissa*, e que constantemente sentia o seu gosto, muitos pessoal e muito decidido, rebellar-se contra obras de Litteratura e de Arte que a unanimidade critica, através dos seculos, tem consagrado como magistraes a *Gerusalemme Liberata* do Tasso, as telas do Ticiano, as tragedias de Racine, as orações de Bossuet, os *Lusiadas*, outros monumentos. Mas, sempre que a sua probidade de Professor e de Critico lhe impunha a proclamação da verdade, este homem que heroicamente se batera em duas insurreições tremia, pensava: — «Não! Porque será o meu criterio — mais seguro que o de tão finos entendimentos através dos tempos? Quem sabe? Talvez n'essas obras exista a sublimidade — e só no meu espirito a impotencia de a comprehender.» E o desgraçado Cornuski, com a alma mais triste que um crepusculo d'outono, continuava, deante dos córos da *Athalie*, e das nudezes do Ticiano, a murmurar desconsoladamente: — «Como é bello!»

Nem todos soffrem as angustias intellectuaes do desditoso Cornuski. Mas, já porque o nosso espirito seja esteril para produzir uma opinião *sua*; já porque não possua a viril coragem de affrontar a auctoridade d'aquelles a quem tradicionalmente attribue um criterio mais firme e um saber mais alto; já porque as idéas estabelecidas, fluctuando diffusamente na nossa memoria, depois de leituras e conversas, nos pareçam ser as nossas proprias; já porque a suggestão d'esses conceitos se im-

ponha e nos leve subtilmente a concluir em concordancia com elles — a lamentavel verdade é que hoje todos nós submissamente tendemos a pensar e sentir como antes de nós e em torno de nós já se sentiu ou pensou.

«O homem do seculo XIX, o Europeu, porque só elle é essencialmente do seculo XIX (diz Fradique n'uma admiravel carta a Carlos Mayer), vive dentro d'uma pallida e morna *infecção de banalidade*, causada pelos quarenta mil volumes que todos os annos, suando e gemendo, a Inglaterra, a França e a Allemanha depositam ás esquinas, e em que interminavelmente e monotonamente reproduzem, com um ou outro arrebique sobreposto, as quatro idéas e as quatro impressões legadas pela Antiguidade e pela Renascença. O Estado por meio das suas escólas canalisa esta infecção. A isto, oh Carolus, se chama *educar!* O baby começa logo, mal balbucia «Papá» e «Mamá», a inhalar a primeira camada d' estes miasmas do logar-commum — camada que todos os dias, através da vida, a Escóla, o Jornal, a Revista, o Livro lhe vão tornando mais espessa, até que todo o espirito lhe fica empastado em banalidade, tão inutil para a producção como um sólo cuja fertilidade nativa morreu por a terem barbaramente alastrado de areia e de pedregulho. Para que um Europeu lograsse ainda hoje ter algumas idéas novas, de viçosa originalidade, seria necessario que se internasse no Deserto ou nos Pampas; e ahi quietamente esperasse que os sopros vivos da Natureza, batendo-lhe o espirito e d'elle pouco a pouco varrendo os detritos de vinte seculos de Litteratura, lhe refizessem uma virgindade. Por isso eu te afirmo, oh Carolus Mayerensis, que a Intelligencia que altivamente pretenda crear por si, reganhar a divina potencia de gerar, deve ir curar-se da Civilisação litteraria por meio d'uma residencia tonica, durante dois annos, entre os Hottentotes e os Patagonios. A Patagonia, filho meu, opéra sobre o Intellecto como Vichy sobre o figado — desobstruindo-o e permitindo-lhe o são exercicio da funcção natural. Depois de dois annos de vida selvagem, entre o Hottentote nú movendo-se na plenitude logica do Ins-

tincto, que restará ao civilisado de todas as suas idéas herdadas sobre o Progresso, a Moral, a Religião, a Industria, a Economia Politica, a Sociedade, a Arte e os Direitos do Homem? Farrapos. Os pendentos farrapos que lhe restarão das pantalonas e da quinzena que trouxe da Europa, depois de vinte mezes de mattagal e de brejo. E não possuindo em torno de si Livros e Revistas que lhe renovem uma provisão de «idéas feitas», nem um benefico Nunes Algibebe que lhe forneça uma outra andaina de «fato feito» — o Europeu irá insensivelmente regressando á nobreza do estado primitivo, nudez do corpo e originalidade da alma. Quando de lá voltar é um Adão forte e puro, virgem de litteratura, com o craneo limpo de todos os conceitos e todas as noções amontoadas desde Aristoteles, podendo proceder soberbamente a um exame inedito das coisas humanas. Carlos, espirito que distillas *espíritos*, queres remergulhar nas Origens e vir commigo á inspiradora Hottentocia? Lá, livres e nós, estirados ao sol entre a palmeira e o regato que tutelarmente nos darão o sustento do corpo, com a nossa lança forte cravada na relva, e mulheres ao lado vertendo-nos n'um canto dôce a porção de poesia e de sonho que a alma precisa — deixaremos livremente as ilhargas crestadas estalarem-nos de riso á idéa das grandes Philosophias, e das grandes Moraes, e das grandes Economias, e das grandes Criticas, e das grandes Pilherias, que vão por essa Europa, onde densos formigueiros de chapéos altos se atropellam, estonteados pelas superstições da Civilisação, pela illusão do Ouro, pelo pedantismo das Sciencias, pelas mistificações dos reformadores, pela escravidão da rotina, e pela estúpida admiração de si mesmos!...»

Assim diz Fradique. Ora esse «exame inedito das coisas humanas», só possível, segundo o poeta das LAPIDARIAS, ao Adão renovado que regressasse da Patagonia depois de se ter embebido methodicamente, durante annos, de verdade natural — tentou-o elle, antes de percorrer a Patagonia, com incomparavel vigor e sinceridade. E n'isto mostrava intrepidez moral; porque no mundo a que irresistivelmente o prendiam os seus

gostos e os seus delicados habitos, — mundo mediano, regrado, comedido, sem invenção e sem iniciativa intellectual, onde as Idéas, para agradar, devem ser como as Maneiras, «geralmente adoptadas» e não individualmente creadas, e onde, sobre todas as coisas da Sociedade e da Natureza, desde a queda do Imperio Romano até ás montanhas da Suissa, existem opiniões e expressões já cunhadas como as libras e como ellas redondas resvalando facilmente — Fradique corria, com a sua indocil e brusca liberdade de Juizos, o perigo de passar por um petulante rebuscador de originalidade, avido de gloriola e de excessivo destaque. N'esse mundo um espirito inventivo e novo, com uma força de pensar muito propria, deixando transbordar a vida abundante e multipla que o anima e enche — é mais desagradavel do que o homem rudemente natural que não regre e limite, dentro das «Conveniencias», a espessura da cabelleira, o estridor das risadas, e o franco mover dos membros grossos. D'esse espirito d'alto e fino relevo, indisciplinado e creador, logo se murmura com desconfiança: «Pretencioso! busca o effeito e o destaque!» Ora Fradique nada detestava mais intensamente do que o *efeito* e o *destaque excessivo*. Nunca lhe conheci senão gravatas escuras. E tudo preferiria, a ser apontado como um d'esses homens, que, sem odio sincero a Diana e ao seu culto e só para que d'elles se falle com espanto nas praças, vão, em plena festa, agitando um grande facho, incendiar-lhe o templo em Epheso. Tudo preferiria — menos (como elle diz n'uma carta a Madame de Jouarre) «ter de vestir a Verdade nas armazens do Louvre, para poder entrar com ella em casa de Anna de Varle, duqueza de Varle e d'Orgemont. A entrar hei de levar a minha amiga núa, toda núa, pisando os tapetes com os seus pés nus, enristando para os homens as pontas fecundas dos seus nobres seios nús. *Amicus Mundus, sed magis amica Veritas!* Este bello latim significa, minha madrinha, que eu, no fundo, julgo que a originalidade é agradável ás mulheres, e só desagradavel aos homens — o que duplamente me leva a amal-a com pertinacia.»

Esta independencia, esta livre elasticidade de espirito e in-

tensa sinceridade — impedindo que por sedução elle se dêsse todo a um Systema, onde para sempre permanecesse por inercia — eram as qualidades que melhor convinham á funcção intellectual que para Fradique se tornára a mais contínua e preferida. «Não ha em mim (escrevia elle a Oliveira Martins, em 1882) nem um sabio, nem um philosopho. Quero dizer, não sou um d'esses homens seguros e uteis, destinados por temperamento ás analyses secundarias que se chamam Sciencias, e que consistem em reduzir uma multidão de factos esparsos a Typos e Leis particulares por onde se explicam modalidades do Universo; nem sou tambem um desses homens fascinantes e pouco seguros, destinados por genio ás analyses superiores que se chamam Philosophias, e que consistem em reduzir essas Leis e esses Typos a uma fórmula geral por onde se explica a essencia mesma do inteiro Universo. Não sendo pois um sabio, nem um philosopho, não posso concorrer para o melhoramento dos meus semelhantes — nem acerescendo-lhes o bem-estar por meio da Sciencia que é uma productora de riqueza, nem elevando-lhes o bem-sentir por meio da Metaphysica que é uma inspiradora de poesia. A entrada na Historia tambem se me conserva vedada: — porque, se, para se produzir Litteratura basta possuir talentos, para tentar a Historia convém possuir virtudes. E eu!... Só portanto me resta ser, através das idéas e dos factos, um homem que passa, infinitamente curioso e attento. A egoista occupação do meu espirito hoje, caro historiador, consiste em me acercar duma idéa ou d'um facto, deslizar suavemente para dentro, percorrel-o miudamente, explorar-lhe o inedito, gozar todas as surpresas e emoções intellectuaes que elle possa dar, recolher com cuidado o ensino ou a parcella de verdade que exista nos seus refolhos — e sahir, passar a outro facto ou a outra idéa, com vagar e com paz, como se percorresse uma a uma as cidades d'um paiz d'arte e luxo. Assim visitei outr'ora a Italia, enlevado no esplendor das côres e das fórmas. Temporal e espiritualmente fiquei simplesmente um *touriste*.»

Os *touristes* da intelligencia abundam em França e em In-

glaterra. Sómente Fradique não se limitava, como esses, a exames exteriores e impessoaes, á maneira de quem n'uma cidade d'Oriente, retendo as noções, os gostos e os orgulhos de Europeu, estuda apenas o aéreo relevo dos monumentos e a roupagem das multidões. Fradique (para continuar a sua imagem) transformava-se em «cidadão das cidades que visitava». Mantinha por principio que se devia momentaneamente *crêr* para bem comprehender uma crença. Assim se fizera babista para penetrar e desvendar o Babismo. Assim se afiliára em Paris a um club revolucionario chamado *As Pantheras de Batignolles*, e frequentára as suas sessões, encolhido n'uma quinzena sordida pregada com alfinetes, com a esperança de lá colher «a flôr de alguma extravagancia instructiva». Assim se incorporava em Londres aos Positivistas rituaes, que vão, nos dias festivos do Calendario Comtista, queimar o incenso e a myrrha na ara da Humanidade e depôr braçadas de rosas ante a Imagem de Augusto Comte. Assim se ligára com os *Theosophistas*, concorrera prodigamente para a fundação da *Revista Espiritista*, e presidia as Evocações da rua Cardinet, envolto na tunica de linho, entre os dois *mediums* supremos, Patof e Lady Thorgan. Assim habitára, durante um longo verão, Seo-d'Urgel, a catholica cidadella do Carlismo, «para perceber bem (diz elle) quaes são os motivos e as formulas que fazem um *Carlista* — porque todo o sectario obedece á realidade d'um motivo e á illusão d'uma formula.» Assim se tornára o confidente do veneravel Principe Koblaskini, para «poder desmontar e estudar peça a peça o mecanismo d'um cerebro de Nihilista». Assim se preparava (quando a morte o surprehendeu) a voltar á India, para se tornar budhista praticante, e penetrar cabalmente o Budhismo, em que fixára a curiosidade e actividade critica dos seus derradeiros annos. De sorte que d'elle bem se pôde dizer que foi o devoto de todas as Religiões, o faccioso de todos os Partidos, o discipulo de todas as Philosophias — cometa errando através das idéas, embebendo-se convictamente n'ellas, de cada uma recebendo um accrescimo de substancia, mas em cada uma deixando alguma coisa do calor e da energia do seu movimento

pensante. Aquelles que imperfeitamente o conheciam, classificavam Fradique como um *dilettante*. Não! a séria convicção (a que os inglezes chamam *earnestness*) com que Fradique se arremessava ao fundo real das coisas, communicava á sua vida uma valia e efficacia muito superiores ás que o *dilettantismo*, essa diversão sceptica que tantas injurias arrancou a Carlyle, communica ás naturezas que a elle deliciosamente se abandonam. O *dilettante*, com effeito, corre entre as idéas e os factos como as borboletas (a quem é desde seculos comparado) correm entre as flôres, para pousar, retomar logo o vôo estouvado, encontrando n'essa fugidia mutabilidade o deleite supremo. Fradique, porém, ia como a abelha, de cada planta pacientemente extrahindo o seu mel: — quero dizer de cada opinião recolhendo essa «parcella de verdade» que cada uma invariavelmente contém, desde que homens, depois de outros homens, a tenham fomentado com interesse ou paixão.

Assim se exercia esta inquieta e suprema intellectualidade. Qual era porém a sua qualidade essencial e intrinseca? Tanto quanto pude discernir, a qualidade dominante de Fradique pareceu-me sempre ser — uma percepção extraordinaria da Realidade. «Todo o phenomeno (diz elle n'uma carta a Anthero de Quental, extremamente suggestiva através de certa nevoa que a envolve) tem uma Realidade. A expressão de *Realidade* não é philosophica, mas eu emprego-a, lanço-a ao acaso, tentando, para apanhar dentro d'ella o mais possivel d'um conceito pouco coercivel e quasi irreductivel ao verbo. Todo o phenomeno, pois, tem, relativamente ao nosso entendimento e á sua potencia de discriminar, uma Realidade — quero dizer certos caracteres, ou (para me exprimir por uma imagem, como recommenda Buffon) certos *contornos* que o limitam, o definem, lhe dão feição propria no esparso e universal conjunto, e constituem o seu *real e unico* modo de ser. Sómente o erro, a ignorancia, os preconceitos, a tradição, a rotina e sobretudo a ILLUSÃO, formam em torno de cada phenomeno uma nevoa que esbate e deforma os seus contornos, e impede que a visão intellectual o divise no seu *exacto*,

real e unico modo de ser. É justamente o que succede aos monumentos de Londres mergulhados no nevoeiro... Tudo isto vai expresso d'um modo bem quebrado e incompleto! Lá fóra o sol está cahindo d'um céu muito fino e nitido sobre o meu jardim coberto de neve dura: n'este ar tão puro e claro, em que as coisas tomam um relevo rigido, perdi toda a flexibilidade e fluidez da *technologia philosophica*: só me poderia, exprimir por imagens recortadas á tesoura. Mas vossê decerto comprehenderá, subtil Anthero! Já estive em Londres, em novembro? Nas manhãs de nevoeiro, n'uma rua de Londres, ha dificuldade em distinguir se a sombra densa que ao longe se empasta é a estatua d'um heroe ou o fragmento d'um tapume. Uma pardacenta illusão submerge toda a cidade — e com espanto se encontra numa taverna quem julgára penetrar n'um templo. Ora para a maioria dos espiritos uma nevoa igual fluctua sobre as realidades da vida e do mundo. D'ahi vem que quasi todos os seus passos são transvios, quasi todos os seus juizos são enganós; e estes constantemente, estão trocando o Templo e a Taverna. Raras são as visões intellectuales bastante agudas e poderosas para romper através da neblina e surprehender as linhas exactas, o verdadeiro contorno da Realidade. Eis o que eu queria tartamudear.»

Pois bem! Fradique dispunha de uma d'essas visões privilegiadas. O proprio modo que tinha de pousar lentamente os olhos e *detalhar em silencio* — como dizia Oliveira Martins — revelava logo o seu costumado processo interior de concentrar e applicar a Razão, á maneira de um longo e pertinaz dardo de luz, até que, desfeitas as nevoas, a Realidade pouco a pouco lhe surgisse na sua rigorosa e *unica* fôrma.

A manifestação d'esta magnifica força que mais impressionava — era o seu poder de *definir*. Possuindo um espirito que *via* com a maxima exactidão; possuindo um verbo que *traduzia* com a maxima concisão — elle podia assim dar resumos, absolutamente profundos e perfeitos. Lembro que uma noite, na sua casa da rua de Varennes, em Paris, se discutia com ar-

dor a natureza da Arte. Repetiram-se todas as definições de Arte, enunciadas desde Platão: inventaram-se outras, que eram, como sempre, o phenomeno visto limitadamente através d'um temperamento. Fradique conservou-se algum tempo mudo, dardejando os olhos para o vago. Por fim, com essa maneira lenta (que para os que incompletamente o conheciam parecia professoral) murmurou, no silencio deferente que se alargára: — «A Arte é um resumo da Natureza feito pela imaginação.»

Certamente, não conheço mais completa definição d'Arte! E com razão afirmava um amigo nosso, homem de excellente phantasia, que «se o bom Deus, um dia, compadecido das nossas hesitações, nos atirasse lá de cima, do seu divino ermo, a final explicação da Arte, nós ouviríamos ressoar entre as nuvens, soberba como o rolar de cem carros de guerra, a definição de Fradique!»

A superior intelligencia de Fradique tinha o apoio de uma funda e forte cultura. Já os seus instrumentos de saber eram consideraveis. Além d'um solido conhecimento das línguas classicas (que, na sua idade de Poesia e de Litteratura, decorativa, o habilitára a crear em latim barbaro poematos tão bellos como o *Laus Veneris tenebrosae*) — possuia profundamente os idiomas das tres grandes nações pensantes, a França, a Inglaterra e a Allemanha. Conhecia tambem o arabe, que (segundo me afirmou Riaz-Effendi, chronista do sultão Abdul Aziz) fallava com abundancia e gosto.

As sciencias naturaes eram-lhe queridas e familiares; e uma insaciavel e religiosa curiosidade do Universo impellira-o a estudar tudo o que divinamente o compõe, desde os insectos até aos astros. Estudos carinhosamente feitos com o coração — porque Fradique sentia pela Natureza, sobretudo pelo animal e pela planta, uma ternura e uma veneração genuinamente budhistas. «Amo a Natureza (escrevia-me elle em 1882) por si mesma, toda e individualmente, na graça e na fealdade de cada uma das fórmis innumeraveis que a en-

chem: e amo-a ainda como manifestação tangível e multipla da suprema Unidade e da Realidade intangível a que cada Religião e cada Philosophia deram um nome diverso, e a que eu presto culto sob o nome de VIDA. Em resumo adoro a Vida — de que são igualmente expressões uma rosa e uma chaga, uma constellação e (com horror o confesso) o conselheiro Acacio. Adoro a Vida e portanto tudo adoro — porque tudo é viver, mesmo morrer. Um cadaver rigido no seu esquife vive tanto como uma aguia batendo furiosamente o vôo. E a minha religião está toda no credo de Athanasio, com uma pequena variante: — «Creio na Vida toda poderosa, creadora do céu e da terra...»

Quando começou porém a nossa intimidade, em 1880, o seu inquieto espirito mergulhava de preferencia nas sciencias sociaes, aquellas sobretudo que pertencem á Pre-historia — a Anthropologia, a Linguistica, o estudo das Raças, dos Mythos e das Instituições Primitivas. Quasi todos os tres mezes, altas rumas de livros enviados da casa Hachette, densas camadas de Revistas especiaes, alastrando o tapete de Caramania, indicavam-me que uma nova curiosidade se apoderára d'elle com intensidade e paixão. Conheci-o assim successiva e ardentemente occupado com os monumentos megalithicos da Andaluzia; com as habitações lacustres; com a mythologia dos povos Aryanos; com a magia chaldaica; com o direito celtico, com as leis dos Cafres; com as raças polynesias; com a christianisação dos Deuses Pagãos... Estas aferradas investigações duravam emquanto podia extrahir d'ellas «alguma emoção ou surpresa intellectual». Depois, um dia, Revistas e volumes desapareciam, e Fradique annunciava alargando os passos alegres por sobre o tapete livre: — «Lá rompi com a astrologia chaldaica!», ou «Esgotei os Polynesios!»

O estudo porém a que se prendeu ininterrompidamente e com reverente constancia foi o da Historia. «Desde pequeno (escrevia elle a Oliveira Martins, numa das suas ultimas cartas em 1886) tive a paixão da Historia. E adivinha vossê porquê, Historiador? Pelo confortavel e conchegado sentimento

que ella me dava da solidariedade humana. Quando fiz onze annos, minha avó, de repente, *para me habituar ás coisas duras da vida*, como ella dizia, arrancou-me ao pachorrento ensino do padre Nunes, e mandou-me a uma escóla chamada *Terceirense*. O jardineiro levava-me pela mão: e todos os dias a avó me dava com solemnidade um pataco para eu comprar na tia Martha, confeiteira da esquina, bolos para a minha merenda. Este criado, este pataco, estes bolos, eram costumes novos que feriam o meu monstruoso orgulho de morgadinho — por me descerem ao nível humilde dos filhos do nosso procurador. Um dia, porém, folheando uma *Encyclopedia de Antiquidades Romanas* que tinha estampas, li, com surpresa, que os rapazes em Roma (na grande Roma!) iam tambem de manhã para a escóla, como eu, pela mão d'um servo denominado o *Capsarius*; e compravam tambem, como eu, um bolo na tia Martha do Velabro ou do Quirinal, para comerem á merenda que elles chamavam o *Ientaculum*. Pois, meu caro, no mesmo instante a veneravel antiguidade d'esses habitos tirou-lhes a vulgaridade toda que n'elles me humilhava tanto! Depois de os ter detestado por serem communs aos filhos do Silva procurador — respeitei-os por terem sido habituaes nos filhos de Scipião. A compra do bolo tornou-se como um rito que desde a Antiguidade todos os rapazes de escóla cumpriam, e que me era dado por meu turno celebrar n'uma honrosa solidariedade com a grande gente togada. Tudo isto, evidentemente, não o sentia eu com esta clara consciencia critica. Sentia apenas uma confusa vangloria. E nunca entrei d'ahi por diante na tia Martha, sem erguer a cabeça, pensar com importancia: — «Assim faziam tambem os romanos!» Era por esse tempo pouco mais alto que uma espada gôda, e amava uma mulher obesa que morava ao fim da rua...»

N' essa mesma carta, adiante, Fradique accrescenta: — Levou-me pois effectivamente á Historia o meu amor da Unidade — amor que envolve o horror ás interrupções, ás lacunas, aos espaços escuros onde se não sabe o que ha. Via-

jei por toda a parte viajavel, li todos os livros de explorações e de travessias — porque me repugnava não conhecer o globo em que habito até aos seus extremos limites, e não sentir a contínua solidariedade do pedaço de terra que tenho sob os pés com toda a outra terra que se arqueia para além. Por isso, incansavelmente exploro a Historia, para perceber até aos seus derradeiros limites a Humanidade a que pertenço, e sentir a compacta solidariedade do meu sêr com a de todos os que me precederam na vida. Talvez vossê murmure com desdem — «mera bisbilhotice!» Amigo meu, não despreze a bisbilhotice! Ella é um impulso humano, de latitude infinita, que, como todos, vae do reles ao sublime. Por um lado leva a escutar ás portas e pelo outro a descobrir a America!»

O saber historico de Fradique surprehendia realmente pela amplexidade e pelo detalhe. Um amigo nosso exclamava um dia, com essa ironia affavel que nos homens de raça celtica sublinha e corrige a admiração: — «Aquelle Fradique! Tira a charuteira, e dá uma synthese profunda, solida, d'uma transparencia de crystal, sobre o Socialismo da Lei Sempronia ou sobre a guerra do Peloponeso; — depois accende o charuto, e reconstrue o scenario historico da morte de Tiberio Graccho aos pés da estatua de Numa, em frente ao Templo de Fides, ou explica o feitio e o metal da fivela do cinturão de Leonidas!» Com effeito, a sua forte capacidade de comprehender philosophicamente os movimentos collectivos, o seu fino poder de evocar psychologicamente os caracteres individuaes — alliava-se n'elle a um minucioso saber archeologico da vida exterior, das maneiras, dos trajés, das armas, das festas, dos ritos de todas as edades, desde a India Vedica até á França Imperial. As suas cartas a Oliveira Martins (sobre o Sebastianismo, o nosso Imperio no Oriente, o Marquez de Pombal)¹ são verda-

¹ Estas cartas constituem verdadeiros Ensaios Historicos, que, pelas suas proporções, não poderiam entrar nesta collecção. Reunidas as notas e fragmentos dispersos, devem formar um volume a que o seu compilador dará, penso eu, o titulo de *Versos e Prosas de Fradique Mendes*.

deiras maravilhas pela sagaz intuição, a alta potencia synthetica, a certeza do saber, a força e a abundancia das idéas novas. E, por outro lado, a sua erudição archeologica repetidamente esclareceu e auxiliou, na sabia e pittoresca composição das suas telas, o paciente reconstructor dos Costumes e das Maneiras da Antiguidade Classica, o velho Suma-Rabêma. Assim m'ò confessou uma tarde Suma-Rabêma, sob os castanheiros de Hampton-Court.

Fradique era de resto ajudado por uma prodigiosa memoria que tudo recolhia e tudo retinha — vasto e claro armazem de factos, de noções, de fórmãs, todos bem arrumados, bem classificados, limpos, promptos sempre a servir. O nosso amigo Chambray affirmava que, comparavel á memoria de Fradique, como «installação, ordem e excellencia do *stock*», só conhecia a adega do café Inglez.

A cultura de Fradique recebia um constante accrescimo e alimento das viagens que sem cessar emprehedia, sob o impulso de admirações ou de curiosidades intellectuaes. Só a Archeologia o levou quatro vezes ao Oriente: — ainda que a sua derradeira residencia em Jerusalem durante dezoito mezes foi motivada (segundo me afirmou o consul Raccolini) por poeticos amores com uma das mais esplendidas mulheres da Syria, uma filha de Abraham Côppo, o luxuoso banqueiro de Aleppo, tão lamentavelmente morta depois, sobre as tristes costas de Chypre, no naufragio do *Magnolia*. A sua aventureosa e aspera peregrinação pela China, desde o Thibet (onde quasi deixou a vida, tentando temerariamente penetrar na cidade sagrada de Lahsá) até á alta Manchuria, constitue o mais completo estudo até hoje realizado por um homem da Europa sobre os Costumes, o Governo, a Ethica, a Litteratura e o organismo social d'esse povo «profundo entre todos que (como diz Fradique) conseguiu descobrir os tres ou quatro unicos principios de moral capazes, pela sua absoluta força, de eternisar uma civilisação.»

O exame da Russia e dos seus movimentos sociaes e religiosos trouxeram-no prolongados mezes pelas provincias ruraes dentre o Dnieper e o Volga; a necessidade d'uma certeza sobre os Presidios Penaes da Siberia impelliu-o a affrontar centenas de milhas de steppes e de neves, n'uma rude telega, até ás covas de Kara, e ás minas de prata de Nerchinski: e proseguiria n'este activo interesse, se não recebesse subitamente, ao chegar á costa, a Archangel, este aviso do general Armankoff, chefe da IV secção da policia imperial: — *Monsieur, vous nous observez de trop près, pour que votre jugement n'en soit faussé; je vous invite donc, sur votre intérêt, et pour avoir de la Russie une vue d'ensemble plus exacte, d'aller la regarder de plus loin, dans votre belle maison de Paris!* Fradique abalou para Vasa, sobre o golfo de Bothnia. Passou logo á Suecia, e mandou de lá, sem data, este bilhete ao general Armankoff:

— *Monsieur, j'ai reçu votre invitation où il y a beaucoup d'intolerance et trois fautes de français.*

Os mesmos cuidados de espirito e «necessidades de certeza» o levaram na America do Sul até á Patagonia, na Africa Austral até ás margens negras do Zambeze... «Tenho folheado e lido attentamente o mundo como um livro cheio de idéas. Para vêr *por fóra*, por mera festa dos olhos, nunca fui senão a Marrocos.»

O que tornava estas viagens tão fecundas como ensino era a sua rapida e carinhosa sympathia por todos os povos. Nunca visitou paizes á maneira do detestavel *touriste* francez, para notar de alto e peccamente «os defeitos» — isto é, as divergencias d'esse typo de civilização mediano e ponderado d'onde sahia e que preferia. Fradique amava logo os costumes, as idéas, os preconceitos dos homens que o cercavam: e, fundindo-se com elles no seu modo de pensar e de sentir, recebia uma lição directa e viva de cada sociedade em que mergulhava. Este efficaz preceito — «*em Roma sê romano*» — tão facil e dôce de cumprir em Roma, entre as vinhas da collina Celia e as aguas susurrantes da Fonte Paulina, cumpria-o elle gostosamente trilhando com as alpercatas rotas os desfiladeiros do

Himalaya. E estava tão homogeneamente n'uma cervejaria philosophica da culta Allemanha, aprofundando o Absoluto, entre professores de Tubingen — como n'uma aringa africana da terra dos Matabeles, comparando os meritos da carabina «Express» e da carabina Winchester, entre caçadores de elephantes.

Desde 1880 os seus movimentos pouco a pouco se concentraram entre Paris e Londres — com excepção das «visitas filiaes» a Portugal: porque apesar da sua dispersão pelo mundo, da sua facilidade em se nacionalisar nas terras alheias, e da sua impersonalidade critica, Fradique foi sempre um genuino Portuguez com curtos e irradicaveis traços de fidalgo ilhéu.

O mais puro e intimo do seu interesse deu-o sempre aos homens e ás coisas de Portugal. A compra da quinta do *Saragoça*, em Cintra, realisára-a (como elle diz n'uma carta a F. G., com desacostumada emoção) «para se prender mais, e pelo forte vinculo da propriedade, ao sólo augusto d'onde um dia tinham partido, levados por um ingenuo tumulto de idéas grandes, os buscadores de mundos, de quem elle herdára o sangue e a curiosidade do *além!*»

Sempre que vinha a Portugal, ia «retemperar a fibra» percorrendo uma provincia, lentamente, a cavallo — com demoras em villas decrepitas que o encantavam, infindaveis cavaqueiras á lareira dos campos, fraternisações ruidosas nos adros e nas tavernas, idas festivas a romarias no carro de bois, no vetusto e veneravel carro sabino, toldado de chita, enfeitado de louro. A sua região preferida era o Ribatejo, a terra chã da leziria e do boi. «Ahi (diz elle), de jaleca e cinta, montado n'um potro fresco, com a vara de campino erguida, correndo entre as manadas de gado, nos finos e lavados ares da manhã, sinto, mais que em nenhuma outra parte, a delicia de viver.»

Lisboa só lhe agradava — como paizagem. «Com tres for-

tes retoques (escrevia-me elle em 1881, do Hotel Braganza), com arvoredo e pinheiros mansos plantados nas collinas calvas da Outra-Banda; com azulejos lustrosos e alegres revestindo as fachadas sujas do casario; com uma varredella definitiva por essas bemditas ruas — Lisboa seria uma dessas bellezas da Natureza creadas pelo Homem, que se tornam um motivo de sonho, de arte e de peregrinação. Mas uma existencia enraizada em Lisboa não me parece toleravel. Falta aqui uma atmospheria intellectual onde a alma respire. Depois tudo aqui toma um tom entre *alitteratado e afadistado*: ha *litteratice* na simples maneira com que um caixeiro vende um metro de fita, e, nas proprias graças com que uma grande senhora recebe, transparece *fadisticé*. Além disso, duas feições, ambas repugnantes, dominam — o *catitismo* e o *conselheirismo*: mesmo em farrapos se é *catita*, mesmo em amanuense se é *conselheiral*. Finalmente a nausea suprema vem da politiquice e dos politiquetes.»

Fradique nutria pelos politicos todos os horrores, os mais injustificados: horror intellectual, julgando-os incultos e brancos, inaptos absolutamente para crear ou comprehender idéas; horror mundano, presuppondo-os rudes e reles, de maneiras crassas, improprios para se misturar a naturezas de gosto; horror physico, imaginando que nunca se lavavam, raras vezes mudavam de roupa branca, e que d'elles provinha esse cheiro morno e molle, que tanto surprehende e enjoa em S. Bento aos que d'elle não têm o habito profissional.

Havia n'estas ferozes opiniões, certamente, laivos de serena verdade. Mas em geral, os juizos de Fradique sobre a Politica offereciam o cunho d'um preconceito que dogmatiza — e não d'uma observação que discrimina. Assim lh'o observava eu uma manha, no Braganza, mostrando que todas essas deficiencias de espirito, de cultura, de maneiras, de gosto, de finura, tão acerbamente notadas por elle nos Politicos — se explicam sufficientemente pela precipitada democratisação da nossa sociedade; pela estreita vulgaridade da vida provincial; pelas influencias abominaveis da Universidade; e ainda por intimas

razões que são no fundo honrosas para esses desgraçados Politicos, votados por um fado vingador á destruição da nossa terra.

Fradique replicou simplesmente:

— É boa! se um rato morto me disser, «cheiro mal por isto e por aquillo e sobretudo porque apodreci», eu nem por isso deixo de o mandar varrer do meu quarto!...

Havia aqui uma antipathia de instincto, toda physiologica, cuja intransigencia e obstinação nem factos nem raciocinios podiam vencer. Bem mais justificado era o horror que lhe inspirava, na vida social de Lisboa, a inhabil, descomedida e papalva imitação de Paris. Essa «saloia macaqueação», superiormente denunciada por elle n'uma carta que me escreveu em 1885, e onde constata, n'um luminoso resumo, que «*Lisboa é uma cidade traduzida do francez em calão*» — tornava-se para Fradique, apenas transpunha Santa Apolonia, um tormento sincero. E a sua anciedade perpetua era então descobrir, através da frandulagem do Francezismo, algum resto do genuino Portugal.

Logo a comida constituia para elle um real desgosto. A cada instante em cartas, em conversas, se lastima de não poder conseguir «um cozido vernaculo!» — «Onde estão (exclama elle, algures) os pratos veneraveis do Portugal portuguez, o pato com macarrão do seculo XVIII, a almondega indigesta e divina do tempo das descobertas, ou essa maravilhosa cabedella de frango, petisco dilecto de D. João IV, de que os fidalgos inglezes que vieram ao reino buscar a noiva de Carlos II levaram para Londres a surprehendente noticia? Tudo estragado! O mesmo provincianismo reles põe em calão as comedias de Labiche e os acepipes de Gouffé. E estamo-nos nutrindo miseravelmente dos sobejos democraticos do *boulevard*, requentados, e servidos em chalaça e galantine! Desastre estranho! As coisas mais deliciosas de Portugal, o lombo de porco, a vitella de Lafões, os legumes, os dôces, os vinhos degeneraram, *insipidaram*... Desde quando? Pelo que dizem os velhos, degeneraram desde o Constitucionalismo e o

Parlamentarismo. Depois d'esses enxertos funestos no velho tronco lusitano, os fructos têm perdido o sabor, como os homens têm perdido o character...»

Só uma occasiao, n'esta especialidade consideravel, o vi plenamente satisfeito. Foi n'uma taverna da Mouraria (onde eu o levára), diante d'um prato complicado e profundo de bacalhau, pimentos e grão de bico. Para o gozar com coherencia, Fradique despiu a sobrecasaca. E como um de nós lançára casualmente o nome de Renan, ao atacarmos o piteu sem igual, Fradique protestou com paixão:

— Nada de idéas! Deixem-me saborear esta bacalhoadá, em perfeita innocencia de espirito, como no tempo do Senhor D. João V, antes da Democracia e da Critica!

A saudade do velho Portugal era n'elle constante: e considerava que, por ter perdido esse typo de civilização intensamente original, o mundo ficára diminuido. Este amor do passado revivia n'elle, bem curiosamente, quando via realisados em Lisboa, com uma inspiração original, o luxo e o «modernismo» intelligente das civilizações mais saturadas de cultura e perfeitas em gosto. A derradeira vez que o encontrei em Lisboa, foi no Rato numa festa de raro e delicado brilho. Fradique parecia desolado:

Em Paris, disse elle, a duqueza de La Rochefoucauld-Bisaccia póde dar unta festa igual. E para isto não me valia a pena ter feito a quarentena em Marvão! Supponha porém vossê que eu vinha achar aqui um sarau do tempo da Senhora D. Maria I, em casa dos Marialvas, com fidalgas sentadas em esteiras, frades tocando o lundum no bandolim, desembargadores pedindo mote, e os lacaios no pateo, entre os mendigos, rezando em côro a ladainha!... Ahi estava uma coisa unica, deliciosa, pela qual se podia fazer a viagem de Paris a Lisboa em liteira!

Um dia que jantavamos em casa de Carlos Mayer, e que Fradique lamentava, com melancolica gravidade, o velho Portugal fidalgo e fradesco, do tempo do snr. D. João V —Ramalho Ortigão não se conteve

— Vossê é um monstro, Fradique! O que vossê queria era habitar o confortavel Paris do meado do seculo XIX, e ter aqui, a dois dias de viagem, o Portugal do seculo XVIII, onde podesse vir, como a um museu, regalar-se de pittoresco e de archaismo... Vossê, lá na rua de Varennes, regalado de decencia e de ordem. E nós aqui, em viellas fedorentas, inundados á noite pelos despejos d'aguas sujas, aturdidos pelas arruaças do marquez de Cascaes ou do conde d'Aveiras, levados aos empurrões para a enxovia pelos malsins da Intendencia, etc. etc... Confesse que é o que vossê queria!

Todos em redor rugimos, apertando os cabos das facas:

— Confesse!

Elle, serenamente

— Moysés, o Budha, Jesus, Proudhon, todos os justos têm dito: *a cada um segundo os seus meritos...* E realmente a vida não é vivivel sem um bocado de pittoresco depois do almoço.

Com effeito, n'esta saudade de Fradique pelo nosso Portugal antigo, havia sobretudo o excessivo amor do «pittoresco», estranho n'um homem tão subjectivo e intellectual: mas sobretudo havia o odio a esta universal modernisação que reduz violentamente todos os costumes; crenças, idéas, gostos, modos, os mais nativos e mais originalmente proprios, a um typo uniforme (representado pelo *sujeito utilitario e sério*) — com a monotonia com que o chinez apara todas as arvores d'um jardim, até lhes dar a fôrma unica e dogmatica de pyramide ou de vaso funerario.

Por isso Fradique em Portugal amava sobretudo o povo — o povo que não mudou, como não muda a Natureza que o envolve e lhe communica os seus caracteres graves e dôces. Amava-o pelas suas qualidades, e tambem pelos seus defeitos: — pela sua morosa paciencia de boi manso; pela alegria idyllica que lhe poetisa o trabalho; pela calma acquiescencia á vassallagem com que depois do *Senhor Rei* venera o *Senhor Governo*; pela sua doçura amaviosa e naturalista; pelo seu ca-

tholicismo pagão e carinho fiel aos Deuses latinos, tornados santos calendares; pelos seus trajes, pelos seus cantos; e ainda pela sua linguagem escassa, tropega, romba, mas viçosa, e «a unica em Portugal (diz Fradique) onde se não sente odiosamente a influencia do Lamartinismo e das *Sebentas* de Direito Publico.»

Eça de Queiroz.

Cartas de Fradique Mendes¹

FRADIQUE MENDES
(MEMORIAS E NOTAS)

V

A ultima vez que Fradique visitou Lisboa foi essa em que o encontrei no Rato, lamentando os saraus beatos e secios do seculo XVIII. O antigo poeta das LAPIDARIAS tinha então cincoenta annos; e cada dia se prendia mais á doçura dos seus habitos de Paris. Elles offerciam essa uniformidade solitaria e cheia que, pela elevação e delicadeza das occupações, serenamente deslizando e fielmente regressando, envolve uma existencia, mesmo entre o rumor de colmeias humanas como Paris ou Londres, n'um pacifico e austero encanto de mosteiro erudito.

Fradique habitava, na rua de Varennes, desde 1875, uma ala do antigo palacio dos Duques de Treverne que elle mobilára com um luxo sobrio e grave tendo sempre detestado esse atulhamento de alfaias e estofos onde inextricavelmente se embaralham e se contradizem as Artes e os Seculos, e que, sob o barbaro e justo nome de *bric-à-brac*, tanto seduz os financeiros e as *cocottes*. Nobres e ricas tapeçarias de Paizagem e de Historia; amplos divans d'Aubusson; alguns moveis d'arte da Renascença Franceza; porcelanas raras de Deft e da China; espaço,

Continuado da pag. 543, numero do 1.º de novembro.

claridade, uma harmonia de tons castos — eis o que se encontrava nas cinco salas que constituíam o «covil» de Fradique. Todas as varandas, de ferro rendilhada, datando de Luiz XIV, abriam sobre um desses jardins de arvores antigas, que, n'aquelle bairro fidalgo e ecclesiastico, formam retiros de silencio e paz silvana, onde por vezes nas noites de maio se arrisca a cantar um rouxinol.

A vida de Fradique era medida por um relógio secular, que precedia o toque lento e quasi austero das horas com uma toada argentina de antiga dança de côrte: e era mantida n'uma immutavel regularidade pelo seu creado Smith, velho escossez da *clan* dos Macduffs, já todo branco de pêlo e ainda todo rosado de pelle, que havia trinta annos o acompanhava, com severo zêlo, através da vida e do mundo.

De manhã, ás nove horas, mal se espalhavam no ar os compassos gentis e melancolicos d'aquelle esquecido minuete de Cimarosa ou de Hayden, Smith rompia pelo quarto de Fradique, abria todas as janellas á luz, gritava: — *Morning, Sir!* Immediatamente Fradique, dando d'entre a roupa um salto brusco que considerava «de hygiene transcendente», corria ao immenso laboratorio de marmore, a esponjar a face e a cabeça, em agua fria, com um resfolgar de Trytão ditoso. Depois, enfiando uma das cabaias de sêda que tanto me maravilham, abandonava-se estirado n'uma poltrona aos cuidados de Smith que, como barbeiro (affirmava Fradique) batia Figaro e toda a escóla illustre de Sevilha. E emquanto o ensaboava e escanhoava, Smith ia dando a Fradique um resumo nítido, sêcco, todo em factos, dos telegrammas politicos do *Times*, do *Standard* e da *Gazeta de Colonia!*

Era para mim uma surpresa sempre renovada e altamente saborosa vêr Smith, com uma alta gravata branca á Palmerston, rabona curta, calças de xadrez verde e preto (côres da sua *clan*) e sapatos de verniz decotados, passando o pincel na barba do amo, e murmurando em perfeita sciencia e perfeita consciencia: — «Não se realisa a conferencia do principe de Bismarck com o conde Kalnocky... Os conservadores per-

deram a eleição complementar de York. Fallava-se hontem em Vienna d'um novo emprestimo russo...» Os amigos, em Lisboa, riam d' esta «catureira»; mas Fradique sustentava que havia aqui um proveitoso regresso á tradição classica, que em todo o mundo latino, desde Scipião, o Africano, instituíra os barbeiros «informadores universaes da coisa publica». Estes curtos resumos de Smith, em todo o caso, formavam a carcassa das suas noções políticas: e Fradique nunca dizia — «Li no *Times*» — mas «Li no Smith».

Bem barbeado, bem informado, Fradique mergulhava n'um banho ligeiramente tepido, d'onde voltava para as mãos vigorosas de Smith, que, com um jogo de luvas de lã, de flanella, d'estopa, de clina e de pelle de martha, o friccionava até que o corpo todo se lhe tornasse, como o de Apollo, «roseo e reluzente». Tomava então o seu chocolate; e recolhia á bibliotheca, sala séria e nobre, onde uma imagens da Verdade, radiosamente branca na sua nudez de marmore, pousava o dedo subtil sobre os labios puros, symbolizando, em frente á vasta meza de ébano, um trabalho intimo á busca de verdades que não são para o mundo.

Á uma hora almoçava, com a sobriedade d'um grego, ovos e legumes: — e depois, estendido sobre um divan de Abusson, tomando goles lentos de chá russo, percorria nas jornaes, nos semanarios, nas Revistas — as chronicas d'arte, de litteratura, de theatro ou de sociedade, que não eram da competencia política e economica de Smith. Lia então tambem com cuidado os jornaes portuguezes (que chama algures «phenomenos picarescos de decomposição social»), sempre característicos, mas superiormente interessantes para quem como elle se comprazia em analysar «a obra genuína e sincera da mediocridade», e considerava Calino tão digno d'estudo como Voltaire. O resto do dia dava-o aos amigos, ás visitas, aos *ateliers*, ás salas d'armas, ás exposições, aos livreiros, aos clubs — aos interesses diversos que se cria um homem d'alto gosto vivendo n'uma cidade d'alta civilisação.

De tarde subia ao *Bois*, conduzindo o seu phaeton, ou

montando a *Sabá*, uma maravilhosa egoa das caudelarias de Ain-Weibah que lhe cedera o Emir de Mozul. E a sua noite (quando não tinha cadeira na Opera ou na *Comédie*) era passada nalgum salão — precisando sempre findar o seu dia entre «o ephemero feminino». (Assim dizia Fradique).

A influencia deste «feminino» foi suprema na sua existencia. Fradique amou mulheres — mas fóra d'essas, e sobre todas as coisas, amava a Mulher.

A sua conducta para com as mulheres era governada conjuntamente por devoções de espiritualista, por curiosidades de critico, e por exigencias de sanguineo. Á maneira dos sentimentalistas da Restauração, Fradique considerava-as como «organismos» superiores, divinamente complicados, differentes e mais proprios de adoração do que tudo o que offerece a Natureza: ao mesmo tempo através d'este culto ia dissecando e estudando esses «organismos divinos», fibra a fibra, sem respeito, por paixão de analysta; e frequentemente o critico e o entusiasta desapareciam para só restar n'elle um homem amando a mulher, na simples e boa lei natural, como os Faunos amavam as Nymphas.

As mulheres, além d'isso, estavam para elle (pelo menos nas suas theorias de conversação) classificadas em especies. Havia a «mulher d'exterior», flôr de luxo e de mundanismo culto: e havia a «mulher d'interior», a que guarda o lar, diante da qual, qualquer que fosse o seu brilho, Fradique conservava um tom penetrado de respeito, excluindo toda a investigação experimental, «Estou em presença d'estas (escreve elle a madame de Jouarre), como em face d'uma carta alheia fechada com sinete e lacre. Na presença, porém, d'aquellas que se «exteriorisam» e vivem todas no ruido e na phantasia, Fradique achava-se tão livre e tão irresponsavel como perante um volume impresso. «Folhear o livro (diz elle ainda a madame de Jouarre), annotal-o nas margens assetinadas, critical-o em voz alta com independencia e veia, leval-o no coupé para lêr á noite em casa, aconselhal-o a um amigo, atiral-o para um canto percorridas as melhores paginas — é bem permittido, creio eu, segundo a Cartilha e o Codigo.»

Eram estas subtilezas (como dizia um cruel amigo nosso) as d'um homem que theorisa e idealisa o seu temperamento de carrejão para o tornar litterariamente interessante? Não sei. O commentario mais instructivo das suas theorias dava-o elle, visto n'uma sala, entre «o ephemero feminino». Certas mulheres muito voluptuosas, quando escutam um homem que as perturba, abrem insensivelmente os labios. Em Fradique eram os olhos que se alargavam. Tinha-os pequenos e côr de tabaco: mas junto d'uma d'essas mulheres de exterior, «estrellas de mundanismo», tornavam-se-lhe immensos, cheios de luz negra, avelludados, quasi humidos. A velha lady Mongrave comparava-os «ás guelas abertas de duas serpentes.» Havia alli talvez com effeito um acto de alliciação e de absorpção — mas havia sobretudo a evidencia da perturbação e do encanto que o inundavam. N'essa attenção de beato diante da Virgem, no murmurio quente da voz mais amolledora que um ar de estufa, no humedecimento enleado dos seus olhos finos — as mulheres viam apenas adoração, e a influencia omnipotente da sua graça. Ora nenhum homem mais perigoso do que aquelle que dá sempre ás mulheres a impressão clara e tangivel — de que ellas são irresistiveis, e subjagam o coração mais forte só com mover os hombros ou murmurar «que lindo dia!» Quem se mostra seduzido facilmente — facilmente se torna seductor. É a lenda índia, tão sagaz e real, do espelho encantado em que a velha Maharina se via radiosamente bella. Para obter e reter esse espelho, em que com tanto esplendor se reflecte a sua pelle engilhada — que peccados e que traições não commetterá a Maharina?...

Creio, pois, em resumo, que Fradique foi profundamente amado, e que largamente o mereceu. As mulheres encontravam n'elle esse sêr, raro entre os homens — um Homem. E para ellas Fradique possuía esta superioridade inestimavel, e quasi unica na nossa geração — uma alma extremamente delicada servida por um corpo extremamente forte.

De maior duração e intensidade que os seus amores — foram as amizades que Fradique a si attrahiu pela sua excellencia moral. Quando eu conheci Fradique em Lisboa, no remoto anno de 1867, julguei sentir na sua natureza (como no seu verso) uma impassibilidade fria, brilhante e metallica: e através da admiração que me deixára a sua arte, a sua personalidade, o seu viço, a sua cabaia de sêda — confessei um dia a J. Teixeira d’Azevedo que não encontrára no poeta das LAPIDARIAS aquelle *tepido leite da bondade humana*, sem o qual o velho Shakspeare (nem eu, depois d’elle) comprehendia que um homem fosse digno da humanidade. A sua mesma polidez, tão risonha e perfeita, me parecera mais composta por um systema do que genuinamente nativa.

Em 1880, porém, quando a nossa intimidade uma noite se fixou, a uma meza do Bignon, Fradique tinha cincoenta annos: e, ou porque eu então o observasse n’uma assiduidade mais penetrante, ou porque n’elle se tivesse já operado com a idade esse phenomeno que Fustan de Carmanges chamou depois *le degel de Fradique*, bem cedo senti, através da impassibilidade marmorea do cinzelador das LAPIDARIAS, brotar, tepida e generosamente, o *leite da bondade humana*.

A forte expressão de virtude que n’elle logo me impressionou foi a sua incondicional, irrestricta indulgencia. Ou por uma conclusão da sua philosophia, ou por um impulso da sua natureza — Fradique, perante o peccado e o delicto, tendia áquella velha misericordia evangelica que, consciente da universal fragilidade, pergunta d’onde se erguerá a mão bastante pura para arremessar a primeira pedra ao erro. Em toda a culpa Fradique via (talvez contra a razão, mas em obediencia áquella *voz* que fallava baixo a S. Francisco d’Assis e que ainda se não calou) a irremediavel fraqueza humana: e o seu perdão descia logo como manifestação da Piedade innata que n’elle tão esplendidamente abundava por tudo quanto é fraco e fragil.

Decerto esta virtude não foi n’elle manifesta durante es-

ses annos moços em que, por uma apparente contradição, a intelligencia anda cheia de idéas generosas e o coração de sentimentos — egoistas nos annos em que todas as aspirações da Humanidade não bastam para encher e occupar a razão, emquanto no coração só ha lugar para o sorrir e brilhar de certos olhos. Alguem com effeito me mostrou uma carta de Fradique onde, com a leviana altivez da mocidade, elle lança este duro programma de conducta: «os homens nasceram para trabalhar, as mulheres para chorar, e nós os fortes para passar friamente através...» Talvez, na realidade, Fradique, como outros aos vinte annos, não attendesse nem sentisse as dôres innumeradas que chorariam baixo, emquanto elle passava vibrando no fulgor da acção ou enlevado nos encantos o sonho. Mas quando a sua formidavel actividade calmou, e os seus olhos se pousaram no mundo, com demora e seriedade — não houve homem mais promptamente sensível a toda a desgraça, desde a amargura limitada e tangível que passa na rua, até á vasta e esparsa miseria que com a força d'um elemento abrange classes e raças. Foi então certamente que elle escreveu (n'uma carta a G. F.) estas nobres palavras: — «Todos nós que vivemos neste globo formamos uma immensa caravana que marcha confusamente para o Nada. Cercamos uma Natureza inconsciente, impassível, mortal como nós, que não nos entende, nem sequer nos vê, e d'onde não podemos esperar nem soccorro nem consolação. Só nos resta pois, na rajada que nos leva, esse secular preceito, summa divina de toda a experiencia humana — «ajudai-vos uns aos outros!» Que, na tumultuosa caminhada, portanto, onde passos sem conta se misturam, — cada um ceda metade do seu pão áquelle que tem fome; estenda metade do seu manto áquelle que tem frio; acuda com o braço áquelle que vai tropeçar; poupe o corpo d'aquelle que já tombou; e se algum mais bem-provido e seguro para o caminho necessitar apenas sympathia d'almas, que as almas se abram para elle transbordando d'essa sympathia... Só assim conseguiremos dar alguma belleza e alguma dignidade a esta escura debandada para a Morte.»

E o que elle assim aconselhava, intensamente o praticou, nas restrictas possibilidades (como elle confessa com humorismo) «d'um velho *dilletante* de idéas geraes, que, por habito, atravessa a vida enclausurado n'um coupé.»

Fradique não era com effeito um santo militante, rebuscando pelas viellas miserias a resgatar: mas nunca houve miseria, por elle conhecida, que d'elle não recebesse allivio. Sempre que lia por acaso, n'um jornal, uma catastrophe ou uma indigencia, marcava a noticia com um traço a lapis, lançando ao lado um algarismo — que indicava ao velho Smith o numero de libras que devia remetter, sem publicidade, singelamente, pudicamente. E a sua maxima para com os pobres (a quem certa Economia Social afirma que se não deve Caridade mas Justiça) — era «que mais vale um pataco na mão que duas Philosophias a voar.»

As crianças, sobretudo quando necessitadas, inspiravam-lhe um enternecimento infinito; e era d'estes, extremamente raros, que encontrando, n'um agreste dia de inverno, um pequenito que pede, tranzido de frio — param sob a chuva e sob o vento, desapertam pacientemente o paletot, descalçam pacientemente a luva, para vasculhar no fundo da algibeira, á procura da moeda de prata que vai ser o calor e o pão d' um dia.

Esta caridade estendia-se budhisticamente a tudo o que vive. Não conheci nunca homem mais respeitador do animal e *dos seus direitos*. Uma occasião, em Paris, correndo ambos a uma estação de *fiacres*, para nos salvarmos d'um chuveiro que desabava, e seguir na pressa que nos leváva a uma venda de tapeçarias (onde Fradique cobizava umas *Nove Musas dançando entre loureiras*), encontrámos apenas um coupé, cuja pileca, com o sacco pendente do focinho, comia melancolicamente a sua ração. Fradique teimou em esperar que o cavallo almoçasse com tranquillidade — e perdeu as *Nove Musas*.

Á vida vegetativa votava a mesma affeição: — e constantemente verificava que as palmeiras e arbustos das salas se achassem bem fartas de luz, de calor e d'agua, não com re-

ceio que decrescessem em belleza decorativa, mas com receio que soffressem na sua sensibilidade rudimentar e muda.

Nos ultimos tempos, a miseria das classes preocupava-o com anciosa e melancolica sympathia. A fraternidade, pensava elle, ia desapparecendo, sobretudo n'estas vastas colmeias de cal e pedra onde os homens teimam em se amontoar e lutar; e através do constante deperecimento da vida e dos costumes e das simplicidades ruraes, o mundo ia rolando a um egoismo feroz. A primeira evidencia desse egoismo era, segundo elle, o desenvolvimento ruidoso da philantropia. Desde que a caridade se organisa e se consolida em instituição, com regulamentos, relatorios, comités, sessões, um presidente e uma campainha, e de sentimento natural passa a funcção official — é porque o homem, não contando já com os impulsos do seu coração, necessita obrigar-se publicamente ao bem pelas prescripções d'um estatuto.

Era sobretudo nos começos de inverno, dos soturnos invernos do Norte, tão longos e duros ao pobre, que estes pensamentos vinham, lhe deitavam n'alma a sua sombra. Frequentes vezes, diante de mim, nos crepusculos de novembro, na sua bibliotheca apenas allumiada pela chamma incerta e dôce da lenha no fogão, Fradique emergiu d'um silencio em que os olhares se perdiam ao longe, como afundados em horisontes de tristeza — para lamentar, com enternecida elevação, todas as miserias humanas... E voltava então a intensa e amarga constatação, da crescente aspreza dos homens, forçados pela violencia do conflictio e da concorrência a um egoismo rude, em que cada um se torna cada vez mais o lobo do seu semelhante.

— Era necessario que viesse outro Christo, murmurei eu um dia sorrindo, para o acompanhar n'uma idéa de esperança.

Fradique encolheu os hombros:

— Ha de vir; ha de ter a sua igreja e a sua liturgia; e depois ha de ser negado; e depois ha de ser esquecido... Não ha nada a fazer. O que resta a cada um é juntar uma reserva forte no Banco de Inglaterra, preparar um revolver, fechar

a sua janella ao vento, e relêr a vida de S. Francisco de Paula.

Assim, cheios de idéas e de delicadas occupações, calmos e faceis, decorreram os derradeiros annos de Fradique Mendes em Paris, até que no inverno de 1888 a morte o colheu sob aquella fórma que elle, como Cesar, sempre appetecera — *inopinatam atque repentinam*.

Uma noite, sahindo d'uma festa da condessa de La Ferté (velha amiga de Fradique, com quem fizera n'um *yacht* uma viagem á Islandia) achou no *vestiario* a sua pelissa russa trocada por outra, muito confortavel e rica tambem, que tinha no bolso uma carteira com o monogramma e os bilhetes do general Terran-d'Azy. Fradique, que soffria de repugnancias singulares, não se quiz cobrir com o agasalho d'esse rabugento e catharroso official, e atravessou a praça da Concordia a pé, de casaca, até ao club da *Union*. A noite estava sêcca e clara, mas cortada por uma d'essas brisas subtis, mais tenues que um halito, que, durante leguas, se afiam sobre as planicies nevadas do norte, e já eram comparadas pelo velho André Vasali a «um punhal traiçoeiro.» Ao outro dia acordou constipado, com uma tosse leve. Indifferente porém aos resguardos, seguro d'uma robustez que affrontára tantos ares inclementes, foi a Fontainebleau com amigos no alto d'um *mail-coach*. Logo n'essa noite ao recolher teve um longo e intenso arrepio; e trinta horas depois, quasi sem soffrimento, tão serenamente que durante algum tempo Smith o julgou adormecido, Fradique, como diziam os antigos, «tinha vivido.» Não acaba mais dôcemente um bello dia de verão.

O dr. Labert declarou que fôra uma fórma extremamente rara de pleuriz. E acrescentou, com boa razão e boa philosophia: — «*Toujours de la chance, ce Fradigue!*»

Acompanharam a sua derradeira passagens pelas ruas de Paris alguns dos mais illustres homens de França. Lindos rostos, já pisados pelo tempo, o choraram, na saudade das emoções

passadas. E, em pobres moradas, em torno a lares sem lume, foi decerto tambem lamentado este sceptico, de finas letras, que commentava os males humanos envolto em cabaias de sêda.

Jaz no *Père-Lachaise*, não longe da sepultura de Balzac, onde no dia dos mortos elle mandava sempre collocar um ramo d'essas violetas de Parma, que tanto amára em vida o creador da *Comedia Humana*. Mãos fieis, por seu turno, conservam sempre perfumado de rosas frescas o marmore simples que o cobre na terra.

Eça de Queiroz.

Cartas de Fradique Mendes¹

FRADIQUE MENDES
(MEMORIAS E NOTAS)

VI

O fino e erudito moralista que assigna *Alceste* na *Gazette de Paris* dedicou a Fradique Mendes uma Chronica em que resume, com um vigor sobrio, o seu espirito e a sua acção: — «Pensador verdadeiramente pessoal e forte Fradique Mendes (diz *Alceste*) não deixa uma obra. Por indifferença, por indolencia, este homem foi o dissipador d'uma enorme riqueza intellectual. Do bloco d'ouro em que poderia ter talhado um monumento radiante e imperecivel, — tirou elle durante annos curtas lascas, migalhas, que espalhou ás mãos cheias conversando pelos salões e pelos clubs de Paris. Todo esse pó d'ouro se perdeu no pó commum. E sobre a sepultura de Fradique, como sobre a do grego desconhecido de que canta a Anthologia, se poderia escrever: — «Aqui jaz o ruido do vento que passou derramando perfume, calor, e sementes em vão...»

Toda esta chronica vem lançada com a usual superficialidade e inconsideração dos francezes. Nada menos reflectido que as designações de *indolencia*, *indifferença*, que voltam re-

¹ Continuado da pag. 769 do 1º volume.

petidamente, n'essa pagina bem ornada e sonora, como para marcar com precisão a natureza de Fradique. Elle foi ao contrario um homem todo de paixão, de acção, de tenaz labor. E escassamente póde ser accusado de *indolencia*, de *indifferença*, quem, como elle, fez duas campanhas, apostolou uma religião, trilhou os cinco continentes, absorveu. tantas civilizações, percorreu todo o saber do seu tempo.

O chronista da *Gazette de Paris* acerta porém, singularmente, affirmando que esse duro obreiro não deixou uma obra. Impressas e dadas ao mundo, só d'elle conhecemos com effeito as poesias das LAPIDARIAS, publicadas na *Revolução de Setembro* — e esse curioso poemeto em latim barbaro, *Laus Veneris Tennebrosae*, que appareceu na *Revue de Poesie et d'Art*, fundada em fins de 69 em Paris por um grupo de poetas satanistas e symbolistas. Fradique porém deixou manuscriptos. Muitas vezes, na rua de Varennes, os entrevi eu dentro d'um cofre hespanhol do seculo XIV, de ferro lavrado, que Fradique denominava a *valla commum*. Todos esses papeis (e a plena disposição d'elles) foram legados por Fradique áquella *Libuska* de quem elle falla profusamente nas suas cartas a Madame de Jouarre, e que se nos torna tão familiar e real com «os seus velludos brancos de Veneziana, os seus largos olhos de Juno...»

Esta senhora, que se chamava Varia Lobrinski, era da velha familia russa dos Principes de Pallidoff. Em 1874 seu marido Paulo Lobrinski, diplomata silencioso e louro, que pertencêra ao regimento das Guardas Imperiaes, e escrevia *capitaine* com *t è* (*capitêne*) morreu em Paris, por fins d'outono, ainda moço, de uma languida e longa anemia. Immediatamente Madame de Lobrinski, em solemne magoa, recolheu ás suas vastas propriedades russas, perto de Starobelsk, no governo de Karkoff. Na primavera voltou, com as flôres dos castanheiros, — e desde então habitava Paris em luxuosa e risonha viuvez. Um dia, em casa de Madame de Jouarre, encontrou Fradique, que, enlevado então no culto das Litteraturas slavas, se occupava com paixão do mais antigo e nobre dos seus poemas, *o Julgamento de Li-*

buska, casualmente encontrado em 1818 nos archivos do Castello de Zelene-Hora. Madame de Lobrinski era parenta dos senhores de Zelene-Hora, condes de Colloredo — e possuia justamente uma reproducção das duas folhas de pergaminho que contêm a velha epopêa barbara.

Ambos leram esse texto heroico — até que o dôce instante veio em que o não leram mais no dia todo. Fradique dera a Madame de Lobrinski o nome de *Libuska*, a rainha que no *Julgamento* apparece «vestida de branco e resplandecente de sapiencia.» Ella chamava a Fradique Lucifer. O poeta das LAPIDARIAS morreu em novembro: — e dias depois, Madame de Lobrinski recolheu de novo á melancolia das suas terras, junto de Starobelsk, no governo de Karkoff. Os seus amigos sorriram, murmuraram com sympathia que Madame de Lobrinski fugira, para chorar entre os seus moujiks a sua segunda viuvez — até que refflorescessem os lilazes. Mas d'esta vez *Libuska* não voltou, nem com as flôres dos castanheiros.

O marido de Madame Lobrinski amava com perseverança a diplomacia: mas via e praticava n'ella sobretudo os *menus* e os *cotillons*. A sua carreira foi irremediavelmente subalterna e lenta. Durante seis annos jazeu no Rio de Janeiro, entre os arvoredos de Petropolis, como Secretario, esperando aquella legação na Europa que o Principe Gortchakoff, então Chancellor Imperial, afirmava pertencer a Madame de Lobrinski, *par droit de beauté et de sagesse*. A legação na Europa, n'uma capital sem bananeiras, mundana e culta, nunca veio: — e Madame de Lobrinski, no seu exilio, chegou a aprender tão completamente a nossa dôce lingua de Portugal, que Fradique me mostrou uma traducção da elegia de Lavoski, *A Collina do Adeus*, trabalhada por ella com estimavel pureza e relevo. Só ella pois, realmente, d'entre todas as amigas de Fradique, podia apreciar os seus manuscriptos como paginas vivas, onde o pensador depuzera a confidencia do seu pensamento. Para as outras seriam apenas sêccas e mortas folhas de papel, cobertas de linhas incomprehendidas, onde corrêra a doçura da sua mão.

Logo que comecei a colleccionar as cartas dispersas de

Fradique Mendes, escrevi a Madame de Lobrinski, contando, o meu empenho em fixar n'um estudo carinhoso as feições d'esse transcendente espirito — e implorando, se não alguns extractos dos seus manuscriptos, ao menos algumas revelações *sobre a sua natureza*. A resposta de Madame Lobrinski foi uma recusa, bem determinada, bem deduzida, — mostrando que decerto sob «os claros olhos de Juno» estava uma clara razão de Minerva. «Os papeis de Carlos Fradique (dizia em summa) tinham-lhe sido confiados, a ella que vivia longe da publicidade, e do mundo que se interessa e lucra na publicidade, com o intuito de que para sempre conservassem o character intimo e secreto em que tanto tempo Fradique os mantivera: e n'estas condições o *revelar a sua natureza* seria manifestamente contrariar o recatado e altivo sentimento que dictára esse legado...» Isto vinha escripto, com uma letra grossa e redonda, n'uma larga folha de papel aspero, onde a um canto brilhava a ouro, sob uma corôa d'ouro, esta divisa — PER TERRAM AD COELUM.

D'este modo se estabeleceu para sempre a obscuridade sobre os manuscriptos de Fradique. Que continha realmente esse cofre de ferro, que Fradique com desconsolado orgulho denominava a *valla commum*, por julgar pobres e sem brilho no mundo os pensamentos que para lá arrojava? Alguns amigos pensam que ahi se devem encontrar, se não completas, ao menos esboçadas, ou já coordenadas nos seus materiaes, as duas obras a que Fradique alludia como sendo as mais captivantes para um pensador e um artista d'este século — uma *Psychologia das Religiões* e uma *Theoria da Vontade*.

Outros (como J. Teixeira d'Azevedo) julgam que nesses papeis existe um romance de realismo epico, reconstruindo uma civilização extinta, como a *Salammbô*; e deduzem essa supposição desamoravel d'uma carta a Oliveira Martins, de 1880, em que Fradique exclamava, com uma ironia mysteriosa: — «Sinto-me resvalar, caro historiador, a praticas culpadas e vãs! Ai de mim, ai de mim, que me foge a penna para o mal! Que demonio malfazejo, coberto do pó das Edades, e so-

braçando in-folios archeologicos, me veio murmurar uma d'estas noites, noite de duro inverno e de erudição decorativa: — «Trabalha um romance! E no teu romance resuscita a antiguidade asiatica!»? E as suas suggestões pareceram-me dôces, amigo, d'uma doçura lethal!...Que dirá vossê, dilecto Oliveira Martins, se um dia desprecauidamente no seu lar receber um tomo meu, impresso com solemnidade, e começando por, estas linhas: — «*Era em Babylonia, no mez de Sivanú depois da colheita do halsamo?...*». Decerto, vossê (d'aqui o enxergo) deixára pender a face aterrada entre as mãos tremulas, murmurando: — «Justos céos! Ahi vem sobre nós a descripção do templo das Sete-Esphas, com todos os seus terraços! a descripção da batalha de Halub, com todas as suas armas! a descripção do banquete de Sennacherib com todas as suas iguarias!... Nem os bordados d'uma só tunica, nem os relevos d'um só vaso nos serão perdoados! E é isto um amigo intimo!»

Ramalho Ortigão, ao contrario, inclina a crêr que os papeis de Fradique contêm *Memorias* — por isso que só a *Memorias* se pôde coherentemente impôr a condição de permanecerem secretas.

Eu por mim, d'um melhor e mais contínuo conhecimento de Fradique, concludo que elle não deixou um livro de Psychologia, nem uma Epopeia d'arte decorativa (que certamente pareceria a Fradique uma culpada e vã ostentação de saber pittoresco e miúdo), nem *Memorias* — inexplicaveis n'um homem todo de idéa e de abstracção, que escondia a sua vida com tão altivo recato. E affirmo afoutamente que n'esse cofre de ferro, perdido n'um velho solar russo, não existe uma *obra* — porque Fradique nunca foi verdadeiramente um auctor.

Para o ser não lhe faltaram decerto as idéas mas — faltou-lhe a certeza de que ellas, pelo seu valor *definitivo*, merecessem ser registradas e perpetuadas: e faltou-lhe ainda a arte paciente, ou o querer forte, para produzir aquella fórma que elle concebera em abstracto como a unica digna, por bellezas especiaes e raras, de encarnar as suas idéas. Desconfiança de

si como pensador, cujas conclusões, estabelecendo uma doutrina nova sobre as causas e as forças, renovando a philosophia e a sciencia, podessem imprimir ao espirito humano um movimento inesperado; desconfiança de si como escriptor, artista, creador duma fôrma, d'uma Prosa, que só por si-propria, e separada do valor do pensamento, exercesse sobre as almas a acção ineffavel do absolutamente bello — eis as duas influencias negativas que retiveram Fradique para sempre inedito e mudo. Tudo o que da sua intelligencia emanasse, queria elle que perpetuamente ficasse actuando sobre as intelligencias pela definitiva verdade ou pela incomparavel belleza. Mas a critica inclemente e sagaz que praticava sobre outros, praticava-a sobre si, cada dia e anciosamente, com redobrada sagacidade e inclemencia. O sentimento, tão vivo n'elle, da «realidade», fazia-lhe distinguir o seu proprio espirito tal como era, na sua real potencia, e nos seus reaes limites, sem que lh'o mostrassem mais potente ou mais largo esses «fumos da illusão litteraria» — que levam todo o homem de letras, mal corre a penna sobre o papel, a tomar por faiscentes raios de luz alguns sujios riscos de tinta. E concluindo que, nem pela idéa, nem pela fôrma, poderia levar ás intelligencias persuasão ou encanto, que definitivamente marcassem na evolução da razão ou do gosto — preferiu altivamente permanecer silencioso. Por motivos nobremente differentes dos de Descartes, elle seguiu assim a maxima que tanto seduzia Descartes — *bene vixit qui bene latuit*.

Nenhum d'estes sentimentos elle me confessou; mas todos lh'os surprehendi, visivelmente, n'um dos derradeiros Nataes que vim passar á rua de Varennes, onde Fradique pelas festas do anno me hospedava com immerecido esplendor. Era uma noite de grande e ruidoso inverno: e desde o café, com os pés estendidos á alta chamma dos madeiros de faia que estalavam na chaminé, conversavamos sobre a Africa e sobre religiões Africanas. Fradique recolhera na região do Zambeze notas muito flagrantes, muito vivas, sobre os cultos nativos — que são divinisações dos chefes mortos, tornados pela morte *MuIungus*, Espíritos dispensadores das coisas boas e más, com residencia

divina nas cubatas e nas collinas onde tiveram a sua residencia carnal; e, comparando os cerimoniaes e os fins d'estes cultos selvagens da Africa com os primitivos cerimoniaes liturgicos dos Aryas em Septa-Sandou, Fradique concluia (como muito claramente o desenvolve n'uma carta d'esse tempo a Guerra Junqueiro) que na religião o que ha de real, essencial, necessario e eterno é o Ceremonial e a Liturgia, e o que ha de artificial, de complementar, de dispensavel, de transitorio, é a Theologia e a Moral.

Todas estas coisas me prendiam irresistivelmente, sobretudo pelos traços de vida e de natureza africana com que vinham illuminadas. E sorrindo, seduzido:

— Fradique! porque não escreve vossê toda essa sua viagem á Africa?

Era a vez primeira que eu suggeria ao meu amigo a idéa de compôr um livro; — e que o considerava como um homem de letras, apetrechado e prompto, a quem todo o Universo, desde as fórmias sideraes até ás sensações humanas, se offerece como um facil conjunto de «assumptos». Fradique ergueu a face para mim com tanta estranheza como se eu lhe propozesse compôr uma Epopêa em XII cantos sobre o snr. D. João VI. Depois, alongando os olhos ao lume, murmurou lentamente:

— Para que?... Não vi nada na Africa, que os outros não tivessem já visto.

E como eu lhe observava que vira talvez d'um modo differente e superior; que nem todos os dias um homem educado pela philosophia, e saturado de erudição, faz a travessia da Africa como os *pombeiros* da costa; e que em sciencia uma só verdade necessita mil experimentadores — Fradique quasi se impatientou:

— Não! Não tenho sobre a Africa, nem sobre coisa alguma n'este mundo, conclusões que por alterarem o curso do pensar contemporaneo valesse a pena registrar... Só podia apresentar uma série de impressões, de paizagens. E então peor! Porque o verbo humano, tal como o fallamos, é ainda im-

potente para encarnar a menor impressão intellectual ou reproduzir a simples fórma d'um arbusto... Eu não sei escrever! Ninguém sabe escrever!

Protestei, rindo, contra aquella generalisação tão inteiriça, que tudo varria, desapiedadamente. E lembrei que a bem curtas jardas da chaminé que nos aquecia, n'aquelle velho bairro de Paris onde se erguia a Sarbonna, o Instituto de França, a Academia Franceza, a Escóla Normal, muitos homens houvera, havia ainda, que possuíam do modo mais lato e perfeito a «bella arte de dizer.»

— Quem? exclamou Fradique.

Comecei por Bossuet. Fradique encolheu os hombros, com uma irreverencia violenta que me emmudeceu. E declarou logo, n'um resumo cortante, que nos dois melhores seculos da litteratura franceza, desde o *meu* Bossuet até Beaumarchais, nenhum prosador para elle tinha relevo, côr, intensidade, vida... E nos modernos nenhum tambem o contentava. A distensão retumbante de Hugo era tão intoleravel como a flaccidez oleosa de Lamartine. A Michelet faltava gravidade e equilibrio; a Renan solidez e nervo; a Taine fluidez e transparencia; a Flaubert vibração e calor... O pobre Balzac, esse, rolava n'uma exuberancia desordenada e barbarica. E o preciosismo dos Goncourt e do seu mundo parecia-lhe perfeitamente indecente...

Aturdido, rindo, perguntei áquelle «feroz insatisfeito» que prosa pois concebia elle, ideal e miraculosa, que merecesse ser escripta. E Fradique, emocionado (porque estas questões de fórma desmanchavam a sua serenidade) balbuciou que queria em prosa «alguma coisa de crystallino, de avelludado, de ondeante, de marmoreo, de resplandecente, que só por si, plasticamente, realisasse uma absoluta belleza — e que expressionalmente, como verbo, tudo podesse traduzir desde os mais fugidios tons de luz até os mais subtis estados d'alma...

— Emfim, exclamei, uma prosa como não póde haver!

— Não! gritou Fradique, *uma prosa como ainda não ha!*

E depois, ajuntou, concluindo:

— E como ainda a não ha, é uma inutilidade escrever. Só se podem produzir fórmulas sem belleza: e dentro d'essas mesmas só cabe metade do que se queria exprimir, porque a outra metade não é reductivel ao verbo.

Tudo isto era talvez especioso e pueril, mas revelava o sentimento que mantivera mudo e inedito aquelle superior espirito — possuído da sublime e transcendente ambição de só produzir verdades absolutamente definitivas por meio de fórmulas absolutamente bellas.

Por isso, e não por indolencia de meridional como insinua *Alceste*, — Fradique passou no mundo sem deixar outros vestígios da formidavel actividade do seu sêr pensante, além d'aquelles que por longos annos espalhou, á maneira do sabio antigo, «em conversas com que se deleitava, á tarde, sob os platanos do seu jardim, ou em cartas, que eram ainda conversas naturaes com os amigos de que as ondas o separavam...» As suas conversas, o vento as levou — não tendo possuído, como o velho dr. Johnson, um Boswell, entusiasta e paciente, que o seguisse pela cidade e pelo campo, com as largas orelhas attentas, e o lapis prompto a tudo notar e tudo eternizar. D'elle pois só restam as suas cartas, — leves migalhas d'esse ouro de que falla *Alceste*, e onde se sente o brilho, o valor intrinseco, e a preciosidade do bloco rico a que pertenceram.

Cartas de Fradique Mendes¹

FRADIQUE MENDES
(MEMORIAS E NOTAS)

VII

Se a vida de Fradique foi assim governada por um tão constante e claro proposito de abstenção e silencio — eu, publicando as suas Cartas, pareço lançar estouvada e traiçoeiramente o meu amigo, depois da sua morte, n'esse «ruído e Publicidade» a que elle sempre se recusou por suprema e rigida probidade de espirito. E assim seria — se eu não possuísse a evidencia de que Fradique incondicionalmente approvaria uma publicação da sua Correspondencia, organizada com discernimento, com gosto e com saber. Em 1888, n'uma carta em que lhe contava uma romantica jornada na Bretanha, alludia eu a um livro que me acompanhára e me encantára, a *Correspondencia de Xavier Doudan* — um d'esses espiritos recolhidos que vivem para se aperfeiçoar na verdade e não para se glorificar no mundo, e que, como Fradique, só deixou vestígios da sua intensa actividade pensante na sua Correspondencia colligida com reverencia e carinho pelos confidentes da sua intelligencia.

Fradique, na carta que me volveu, toda occupada dos Py-

¹ Continuado da pag. 29, do numero de janeiro.

renéos onde gastára o verão, accrescentava n'um *post-scriptum*: — «A correspondencia de Doudan é realmente muito legivel; ainda que através d'ella apenas se sente um espirito naturalmente limitado, que desde novo se entranhou no doutrinarismo da escola de Genebra, e que depois, cahido em solidão e doença, só pelos livros conheceu a vida, os homens e o mundo. Li em todo o caso essas cartas — como leio todas as collecções de Correspondencias, que, não sendo fria e didacticamente preparadas para o publico (como as de Plinio), constituem estudo excellente de psychologia e de historia. Eis-ahi uma maneira de perpetuar as idéas d'um homem que eu affoutamente approvo — publicar-lhe a correspondencia! Ha desde logo esta immensa vantagem: — que o valor das idéas (e portanto a escolha das que devem ficar) não é decidido por aquelle que as concebeu, mas por um grupo de amigos, de criticos, tanto mais livres e mais exigentes no seu julgamento quanto estão julgando um morto que só desejam mostrar ao mundo pelos seus lados superiores e luminosos. Além d'isso uma Correspondencia revela melhor que uma obra a individualidade, o homem; e isto é inestimavel para aquelles que na terra valeram mais pelo character do que pelo talento. Accresce ainda que se uma obra nem sempre augmenta o peculio do saber humano, uma Correspondencia, reproduzindo necessariamente os costumes, os modos de sentir, os gostos, o pensar contemporaneo e ambiente, enriquece sempre o thesouro da documentação historica. Temos depois que as cartas d'um homem, sendo o producto quente e vibrante da sua vida, contêm mais ensino que a sua philosophia — que é apenas a criação impessoal do seu espirito. Uma Philosophia que se desenrola dá uma conjectura mais que se vai juntar ao immenso montão das conjecturas: uma Vida que se confessa faz a constatação d'uma realidade humana, que, posta ao lado das outras constatações, alarga o nosso conhecimento do Homem, unico objectivo *accessivel* ao esforço intellectual. E finalmente como *cartas são palestras escriptas* (assim affirma não sei que classico), ellas dispensam o revestimento sacramental da

tal prosa como não ha... Mas este ponto precisava ser mais desembrulhado — e eu sinto parar á porta o cavallo em que «vou trepar ao pico de Bigorre.»

Foi a lembrança d'esta opinião de Fradique, tão clara e fundamentada, que me decidiu, apenas em mim se foi calmando a saudade d'aquelle camarada adoravel, a reunir as suas cartas para que os homens alguma coisa podessem aprender e amar n'aquella intelligencia que eu tão estreitamente amára e seguira. A essa carinhosa tarefa devotei reverentemente um anno — porque a correspondencia de Fradique, que, desde os quietos habitos a que se acolhera depois de 1880 aquelle «andador de continentes», se tornára a mais preferida das suas occupações espirituaes, apresenta a vastidão e a copiosidade da correspondencia de Cicero, de Voltaire, de Proudhon, d'outros caudalosos remexedores de idéas.

Sente-se logo o prazer com que compunha estas cartas na fórma do papel — esplendidas folhas de Whatman, eburneas bastante para que a penna corresse n'ellas com o desembaraço «com que a voz corta o ar»; vastas bastante para que n'ellas coubesse o desenrolamento da mais complexa idéa; fortes bastante, na sua consistencia de pergaminho, para que não prevalecesse contra ellas o carcomer do tempo. «Calculei já, ajudado pelo Smith (afirma elle a Carlos Mayer), que cada uma das minhas cartas, n'este papel, com envelope e estampilha, me custa 250 reis. Ora suppondo vaidosamente que cada quinhentas cartas minhas contêm uma idéa — resulta que cada idéa me fica por *cento e vinte e cinco mil reis*. Este méro calculo, bastará para que o Estado, e a economica Classe-Média que o dirige, empeçam com ardor a educação — provando, como inilludivelmente prova, que fumar é mais barato que pensar... Contrabalanço *pensar e fumar*, porque são, ó Carlos, duas operações identicas que consistem em atirar pequenas nuvens ao vento.»

Estas dispendiosas folhas têm todas a um canto as iniciaes de Fradique — F. M. — minusculas e simples, em esmalte escarlata. A letra que as enche, singularmente desigual, offerece

a maior similitude com a conversação de Fradique: ora cerrada, fina, funda, parecendo morder o papel como um buril para contornar bem rigorosamente a idéa; ora hesitante, demorada, com riscos, separações, como n'aquelle esforço tão seu de tentear, espiar, cercar, apanhar a real realidade das coisas: ora mais fluida, rapida, lançada com facilidade e largueza, lembrando esses momentos de abundancia e de veia que Fontan de Carmanges denominava *le dégel de Fradique*, e em que o gesto estreito e sobrio se lhe desmanchava, n'um esvoaçar de flammula ao vento.

Fradique nunca datava as suas cartas: e, se ellas vinham de moradas familiares aos seus amigos, notava méramente o nome do mez. Existem assim cartas innumeraveis com esta resumida indicação — *Paris, Julho: Lisboa, Fevereiro...* Frequentemente tambem, restituia aos mezes as alcunhas naturalistas do calendario republicano — *Paris, Floreal; Londres, Nivoze*. Quando se dirigia a mulheres, substituia ainda o nome do mez pelo da flor que melhor o symbolisa; e possuo assim cartas com esta bucolica data — *Florença, primeiras violetas* (o que indica fins de fevereiro); *Londres, chegada dos Chrysanthemos* (o que aponta para começos de setembro). Uma carta de Lisboa offerece mesmo esta data atroçissima — *Lisboa, primeiros fluxos da verborreia parlamentar!* (Isto denuncia um janeiro triste, com lama, tipoias no largo de S. Bento, e bachareis em cima bolsando, por entre injurias, fézes de velhos compendios).

Não é portanto possivel dispor a Correspondencia de Fradique por uma ordem chronologica: nem de resto essa ordem importa desde que a sua Correspondencia não apparece n'aquella integridade que a tornaria uma historia contínua e intima da sua vida e da sua intelligencia. Os seus amigos melhores julgaram com effeito que, para apresentar uma imagem moral de Fradique, bem concreta, sólida e comprehensivel — convinha operar, nos maços de cartas que accumulei, uma escolha exigente e sagaz.

A correspondencia de Fradique, como finamente diz Alceste, — *c'est son génie qui mousse*. N'ella vemos apenas a

espuma ligeira, irradiante, ephemera, que fervia e transbordava, enquanto em baixo jazia o vinho rico e substancial, que não foi distribuído, nem aproveitou ás almas sedentas. E vão seria certamente procurar n'estas cartas de Fradique a summa do seu pensar tão alto e tão livre, do seu saber tão fundo e tão certo.

N'uma correspondencia pois que não constitue, como a de Voltaire ou de Proudhon, o corrente e constante commentario que acompanha e illumina a obra, cumpria sobretudo destacar as paginas que com mais visivel saliencia revelassem a *personalidade* — o conjunto de idéas, actos, gostos, modos, em que tangivelmente se sente e se palpa o homem. Por isso, entre as cartas de Fradique, escolhemos de preferencia aquellas que mostram traços de character, estados de alma, relances da existencia activa: as que deixam entrever algum instructivo episodio da sua vida de coração; as que, revolvendo noções geraes sobre a litteratura, a arte, a sociedade e os costumes, proprias a prender todo o espirito culto, caracterizam o feitio do seu pensamento; e ainda, pelo interesse especial que as realça, as que se referem a coisas de Portugal, como as suas «impressões de Lisboa», tão pittorescamente transcriptas para regalo de madame de Jouarre.

E assim publicadas, sem data, esparsamente, vão estas cartas dando a impressão d'uma vida de homem, que se desenrola nas suas manifestações simultaneas e sempre superiores — de pensamento, de paixão, de sociabilidade, de acção.

Além do meu impaciente desejo que os contemporaneos venham a reverenciar e a amar este espirito, que eu tanto amei e reverenciei, — obedeço, publicando as cartas de Fradique, a um intuito de levantado e puro patriotismo.

Uma nação só vive porque pensa. *Cogitat ergo est.* A Força e a Riqueza não bastam para provar que uma nação vive d'uma vida que mereça ser glorificada na Historia, — como rijos musculos n'um corpo e ouro farto n'uma bolsa não bastam

para que um homem honre em si a Humanidade. Um reino d’Africa, com guerreiros incontáveis nas suas aringas, e incontáveis diamantes nas suas collinas, — será sempre uma terra bravia e morta, que, para lucro da Civilisação, os Civilisados pisam e retalham tão desassombradamente como se sangra e se corta a rez bruta para nutrir o animal pensante. E por outro lado se o Egypto ou Tunis formassem resplandecentes centros de Sciencias, de Litteraturas, de Artes, e através de uma serena legião de homens geniaes incessantemente educassem o mundo — nenhuma nação, mesmo n’esta idade de ferro e de força, ousaria occupar como um campo maninho e sem dono esses sólos augustos donde se elevasse, para tornar as almas melhores, o enxame sublime das Idéas e das Fórmulas. Nenhuma tanto ousaria. É necessario ser turco, e surgir das *steppes* bravas, para metralhar o Parthenon. É necessario ser Huno, e descer dos gelos rudes, para arrazar o Capitolio. E Turcos e Hunos já passaram.

Só na verdade o Pensamento e a sua criação suprema, a Sciencia, a Litteratura, as Artes, dão grandeza aos Povos, attrahem para elles universal reverencia e carinho, e formando dentro d’elles o thesouro de idéas, de verdades e de bellezas que o mundo precisa, os tornam perante o mundo sacrosantos. Que differença ha, realmente, entre Paris e Chicago? São duas palpitantes, productivas cidades — onde palacios, escólas, instituições, parques, riquezas, se equivalem soberbamente. Porque fórma pois Paris um fóco crepitante de Civilisação que irresistivelmente fascina a humanidade — e porque tem Chicago apenas sobre a terra o valor de um rude e formidavel celleiro onde se busca a farinha e o grão? Porque Paris, além dos palacios, das instituições e das riquezas de que Chicago tambem se gloria justamente, possui a mais um grupo especial de homens — Renan, Pasteur, Taine, Coppée, Bonnat, Falguieres, Gounod, Massenet — que pela incessante producção do seu cerebro convertem a banal cidade que habitam n’um centro de soberano ensino. Se as *Origens do Christianismo*, o *Fausto*, as telas de Bonnat, os marmores de Falguieres, nos viessem d’além

dos mares, da nova e monumental Chicago, — para Chicago, e não para Paris, se voltariam, como as plantas para o sol, os espíritos, as almas e os corações da Terra.

Se uma nação portanto, só tem grandeza porque tem pensamento, todo aquelle que venha revelar na nossa patria um novo homem de original pensar, concorre patrioticamente para lhe augmentar a unica grandeza que a tornará respeitada, a unica belleza que a tornará amada; — e é como quem aos seus templos juntasse mais um sacrario ou sobre as suas muralhas erguesse mais um castello.

Michelet escrevia um dia, n'uma carta, tratando de Anthero de Quental: — «Se em Portugal restam quatro ou cinco homens como o auctor das *Odes Modernas*, Portugal continúa a ser um grande paiz vivo...» O mestre vidente da *Historia de França* com isto significava — que emquanto viver pelo lado da Intelligencia, mesmo que jaza morta pelo lado da Acção, a nossa patria não é inteiramente um cadaver que sem escrupulo se pise e se retalhe. Ora no Pensamento ha manifestações diversas: — e se nem todas irradiam o mesmo esplendor, todas provam a mesma vitalidade. Um livro de versos póde sublimemente mostrar que a alma de uma nação vive ainda pelo Genio Poetico: um conjunto de leis salvadoras, emanando de um espirito positivo, póde solidamente comprovar que um povo vive ainda pelo Genio Político: — mas a revelação de um espirito como o de Fradique, assegura que um paiz vive tambem, pelos lados menos grandiosos, mas valiosos ainda, da graça, da vivaz invenção, da transcendente ironia, da phantasia, do humorismo e do gosto...

Nos tempos incertos e amargos que vão, Portuguezes d'estes não podem ficar para sempre esquecidos, longe, sob a mudez de um marmore. Por isso eu o revelo aos meus concidadãos como uma consolação e uma esperança.

AS CARTAS

(I.a Série)

I

AO VISCONDE DE A.-T.

Londres, maio.

Meu caro patricio. — Só hontem á noite, já tarde, ao recolher do campo, encontrei o bilhete com que consideravelmente me honrou, perguntando á minha experiencia — «qual é o melhor alfaiate de Londres.» Depende isso inteiramente do fim para que V. deseja esse Artista. Se pretende simplesmente um alfaiate que lhe cubra a nudez com economia e conforto, então recommendo-lhe aquelle que se achar estabelecido mais perto do seu Hotel. São tantos passos que forra — e, como diz o *Ecclesiastes*, cada passo encurta a distancia da sepultura.

Se porém V., caro patricio, deseja um alfaiate que lhe dê consideração e valor no seu mundo; que V. possa citar com orgulho, á porta da Havaneza, rodando lentamente para mostrar o talho firme e fino da cinta; que o habilite a mencionar os Lords que lá encontrou, escolhendo d'alto, com a ponta da bengala, cheviotes para blusas de caça; e que lhe sirva mais tarde na sua velhice, á hora gêba do rheumatismo, como recordação consoladora de elegancias moças — então, com ardente instancia lhe recommendo o Cook (o Thomaz Cook) que é da mais extremada moda, absolutamente ruinoso, e falha tudo.

Para subseqüentes conselhos de «fornecedores», em Londres ou outros pontos do Universo, permanece sempre ao seu gostoso serviço o seu grato admirador — FRADIQUE MENDES.

II

A MADAME DE JOUARRE

(Trad.)¹

Paris, dezembro.

Minha querida madrinha. — Hontem em casa de Madame de Tressan, quando passei, levando para a ceia Libuska, estava sentada, conversando comsigo, por debaixo do atroz retrato da Marechala de Mouy, uma mulher loura, de testa alta e clara, que me seduziu logo, talvez por lhe presentir, apesar de tão indolentemente enterrado n'um divan, uma rara graça no andar, graça altiva e ligeira de Deusa e de ave. Bem differente da nossa sapiente Libuska, que se move com o esplendido peso de uma estatua! E do interesse por esse outro passo, possivelmente alado e *dianico* (de Diana), provém estas garatujas.

Quem era? Supponho que nos chegou do fundo da província, d'algum velho castello do Anjou com herva nos fossos, porque me não lembro de ter encontrado em Paris aquelles cabellos fabulosamente louros como o sol de Londres em dezembro, e aquelles hombros descabidos, dolentes, *angelicos*, imitados de uma madona de Montegna, e inteiramente desusados desde o reinado de Carlos X, do *Lyrío no Valle*, e dos corações incomprehendidos. Não admirei com igual fervor o vestido preto, onde reinavam coisas escandalosamente amarellas. Mas os braços eram perfeitos; o sorriso vinha a custo, cançado, como de muito longe, do fundo d'alma, trazendo ainda a sombra das nevoas secretas que atravessára; e nas pestanas, quando as baixava, parecia pender um romance triste. Deu-me assim a impressão, ao começo, de ser uma elegiaca do tempo de Chateaubriand. Nos olhos porém surprehendi-lhe depois uma faisca de

¹ Muitas das cartas de Fradique Mendes, aqui publicadas, são naturalmente escriptas em francez. Todas essas vão acompanhadas da indicação abreviada *trad.* (traduzida).

vivacidade sensível — que a datava do século XVIII. Dirá a minha querida madrinha: — «como pude eu abranger tanto, ao passar, com Libuska ao lado fiscalizando?» É que voltei. Voltei, e da humbreira da porta, readmirei os hombros dolentes de virgem do século XVIII; a massa de cabellos que o molho de velas por traz, entre as orchideas, nimbava d'ouro; e sobretudo o subtil encanto dos olhos — dos olhos finos e languidos... Olhos *finos e languidos*. É a primeira expressão em que hoje apanho decentemente a realidade.

Porque é que não me adiantei, e não pedi uma «apresentação?» Nem sei. Talvez o requinte em *retardar*, que fazia com que Lafontaine, dirigindo-se mesmo para a felicidade, tomasse sempre o caminho mais longo. Sabe o que dava tanta seducção ao palacio das Fadas nos dias do bom rei Arthur? Não sabe. Resultados de não lêr Tennyson... Pois era a immensidade d'annos que levava a chegar lá através de jardins encantados, onde cada recanto de bosque offerencia a emoção inesperada d'um *flirt*, d'uma batalha, ou d'um banquete... (Com que morbida propensão acordei hoje para o estylo asiatico!) O facto é que, depois da contemplação junto á humbreira, voltei a cear ao pé da minha radiante tyranna. Mas por entre o banal sandwich de *foie-gras*, e um copo de Tokay em nada parecido com aquelle Tokay que Voltaire, já velho, se recordava de ter bebido em casa de Madame d'Etioles, (os vinhos dos Tressans descendem em linha varonil dos venenos da Brinvilliers), vi, constantemente *vi, os olhos finos e languidos*. Não ha senão o homem, entre os animaes, para misturar a languidez d'um olhar fino a fatias de *foie-gras*. Um cão, de boa raça, não o faria. Mas seriamos nós desejados pelo «ephemero feminino» se não fosse esta nativa e providencial brutalidade? Só a porção de Materia que ha no homem faz com que as mulheres se resignem á incorrigivel porção d'Ideal que n'elle ha tambem — para eterna perturbação do mundo. O que mais prejudicou Petrarcha aos olhos de Laura — foram os *Sonetos*. E quando Romeu, já com um pé na escada de sêda, se demorava, exhalando o seu extasi em invocações á Noite e á

Lua — Julietta batia os dedos impacientes no rebordo do balcão, e pensava: — «Ai, que palrador que és, filho da Montaigus!» Este detalhe não vem em Shakspeare, — mas é comprovado por toda a Renascença. Não me amaldiçõe por esta sinceridade de meridional sceptico, e mande-me dizer que nome tem, na sua parochia, a loura castellã do Anjou. A proposito de castellos: cartas de Portugal annunciam-ene que o kiosque por mim mandado erguer, em Cintra, na minha quintarolla, e que lhe destinava como «seu pensadoiro e retiro nas horas de sésta» abateu. Tres mil e oitocentos francos achatados em entulho. Tudo tende á ruina n'um paiz de ruinas. O architecto que o construiu é deputado, e escreve no *Jornal da Tarde* estudos ardentes sobre a musica de Wagner. O meu procurador em Cintra aconselha agora, para reedificar o kiosque, um estimavel rapaz, de boa familia, que entende de construcções e que é empregado na Procuradoria Geral da Corôa. Não sei se com estes elementos alegres nós refariamos o imperio do Oriente. Servo sempre humilde e devoto — FRADIQUE.

III

A OLIVEIRA MARTINS

Paris, maio.

Querido amigo. — Ahi remetto emfim a photographía da mumia de Ramèzes II (que o francez banal, continuador do grego banal, teima em chamar Sezostris), recentemente descoberta nos sarcophagos reaes de Medonet-Abou, pelo professor Maspero. Não, acha V. picarescamente suggestivo este facto — *Ramèzes photographado?* Mas ahi está justificada a mumificação dos cadaveres, feita pelos bons Egypcios com tanta fadiga e tanta despeza, para que os homens gozassem na sua fórma terrena, segundo diz o Escriba, «as vantagens da Eternidade!» Ramèzes, como elle acreditava e lhe affirma-

vam os metaphysicos de Thebas, resurge effectivamente «com todos os seus ossos e a pelle que era sua» n' este anno de 1886. Ora 1886, para um Pharaoh da decima-nona dynastia, mil e quatrocentos annos anterior a Christo, representa muito decentemente a *Eternidade* e a *Vida-Futura*. E eis-nos agora podendo contemplar as «propias feições» do maior dos Ramezidas, tão realmente como Hokem seu Eunuco-Mór, ou Pentaour seu Chronista-Mór, ou aquelles que outr'ora em dias de triumphos corriam a juncar-lhe o caminho de flôres, trazendo «os seus chinós de festa e a cutis envernizada com oleos de Segabai». Ahi o tem V. agora diante de si, em photographia, com as palpebras baixas e sorrindo. E que me diz a essa face real? Que humilhantes reflexões não provoca ella sobre a irremediavel degeneração do homem! Onde ha ahi hoje um, entre os que governam povos, que tenha essa soberana fronte de calmo e incommensuravel orgulho; esse superior sorriso de omnipotente benevolencia, d'uma ineffavel benevolencia que cobre o mundo; esse ar de imperturbada e indomavel força; todo esse esplendor visivel que a treva de um hypogeo, durante tres mil annos, não conseguiu apagar? Eis-ahi verdadeiramente um *Amo de homens!* Compare esse semblante augusto com o carão sôrno, obliquo e bigodoso d'um Napoleão III; com o focinho de *bull-dog* acorrentado d'um Bismarck; ou com o perfil do czar russo, um perfil de negociante de trigos, de Odessa! Que chateza, que fealdade tacanha d'estes rostos de poderosos!

D'onde provém isto? De que a alma modela a face como o sopro do antigo oleiro modelava o vaso fino: — e hoje, nas nossas civilizações, não ha logar para que uma alma se affirme e se produza na absoluta expansão da sua força. Outr'ora um simples homem, um feixe de musculos sobre um feixe d'ossos, podia erguer-se e operar como um elemento da Natureza. Bastava ter o illimitado querer — para d'elle tirar o illimitado poder. Eis-ahi em Ramèzes um sêr que tudo quer e tudo póde, e a quem Phtah, o Deus sagaz, diz com espanto: — «a tua vontade dá a vida e a tua vontade dá a morte!» Elle impelle a seu bel-

prazer as raças para norte, para sul ou para leste; elle altera e arraza, como muros n'um campo, as fronteiras dos reinos; as cidades novas surgem das suas pegadas; para elle nascem todos os fructos da terra, e para elle se ergue toda a esperança dos homens; o logar para onde volve os seus olhos é bemdito e prospéra, e o logar que não recebe essa luz benefica jaz como «o torrão que o Nilo não beijou»; os deuses dependem d'elle, e Amnon estremece inquieto quando, diante dos pylones do seu templo, Ramèzes faz estalar as tres cordas entrançadas do seu latego de guerra! Eis um *homem* — e que seguramente pôde affirmar no seu canto triumphal: — «Tudo vergou sob a minha força: eu vou e venho com as passadas largas d'um leão; o rei dos deuses está á minha direita e tambem á minha esquerda; quando eu fallo o céo escuta; as coisas da terra estendem-se a meus pés, para eu as colher com mão livre; e para sempre estou erguido sobre o throno do mundo!»

«O mundo», está claro, era aquella região, pela maior parte arenosa, que vai da cordilheira Libyca á Mesopotamia: e nunca houve mais petulante emphase do que nas Panegyrias dos Escribas. Mas o homem é, ou suppõe ser, inigualavelmente grande. E esta consciencia da grandeza, do incircumsripto poder vem necessariamente resplandecer na physionomia e dar essa altiva magestade, repassada de risonha serenidade, que Ramèzes conserva mesmo além da vida, resequido, mumificado, recheado de betume da Judêa.

Veja V. por outro lado as condições que cercam hoje um poderoso do typo Bismarck. Um desgraçado desses não está acima de nada e depende de tudo. Cada impulso da sua vontade esbarra com a resistencia d'um obstaculo. A sua acção no mundo é um perpetuo bater de craneo contra espessuras de portas bem defendidas. Toda a sorte de convenções, de tradições, de direitos, de preceitos, de interesses, de principios, se lhe levanta a cada instante diante dos passos como marcos sagrados. Um artigo de jornal fal-o estacar, hesitante. A rabulice d'um legista obriga-o a encolher precipitadamente a garra que já ia estendendo. Dez burguezes nedios e dez professores gue-

delhudos, votando dentro d'uma sala, estatelam por terra o alto andaime dos seus planos. Alguns florins dentro d'um sacco tornam-se o tormento das suas noites. E-lhe tão impossivel dispôr d'um cidadão como d'um astro. Nunca pôde avançar duma arrancada, erecto e seguro: tem de ser ondeante e rastejante. A vigilancia ambiente impõe-lhe a necessidade vil de fallar baixo e aos cantos. Em vez de recolher as coisas da terra, com mão livre — surripia-as ás migalhas, depois de longas intrigas. As irresistiveis correntes de idéas, de sentimentos, de interesses, trabalham por baixo d'elle, em torno d'elle: e parecendo dirigit-as, pelo muito que braceja e ronca d'alto, é na realidade por ellas arrastado. Assim um omnipotente do typo Bismarck vai por vezes em apparencia no cimo das grandes coisas: — mas como a boia solta vai no cimo da torrente.

Miseravel omnipotencia! E o sentimento desta miseria não pôde deixar de influenciar a physionomia dos nossos poderosos dando-lhe esse feitio contrafeito, crispado, torturado, azedado e sobretudo *amolgado* que se nota na cara de Napoleão, do czar, de Bismarck, de todos os que reúnem a maior somma de poder contemporaneo — o feitio *amolgado* d'uma coisa que rola aos encontrões, batendo contra muralhas.

Em conclusão: — a mumia de Ramèzes II (unica face authentica do homem antigo que conhecemos) prova que tendo-se tornado impossivel uma vida humana vivida na sua maxima liberdade e na sua maxima força, sem outros limites que os do proprio querer — resultou perder-se para sempre, no typo physico do homem, a summa e perfeita expressão da grandeza. Já não ha uma face sublime: ha carantonhas mesquinhas onde a bilis cava rugas por entre os recortes do pêllo. As unicas physionomias nobres são as das feras, genuinos Ramèzes no seu deserto, que nada perderam da sua força, nem da sua liberdade. O homem moderno, esse, mesmo nas alturas sociaes, é um pobre Adão achatado entre as duas paginas d'um codigo.

Se V. acha tudo isto excessivo e phantasista, attribua-o a que jantei hontem, e conversei inevitavelmente, com o seu correligionario P., conselheiro d'estado, e *muchas cosas más. Más*

em hespanhol; e *más* também em portuguez no sentido de pessimias. Esta carta é a reacção violenta da conversa conselheiral e conselheirifera. Ah, meu amigo, desditoso amigo, que faz V. depois de receber o fluxo labial d'um conselheiro? Eu tomo um banho por dentro — um banho lustral, immenso banho de phantasia, onde despejo como perfume idoneo um frasco de Shelley ou de Musset. Amigo certo *et nunc et semper* — FRADIQUE MENDES.

Eça de Queiroz.

Errata. No ultimo capitulo das CARTAS DE FRADIQUE MENDES, publicado no numero de Janeiro, o nome da depositaria dos manuscriptos de Fradique appareceu, erradamente escripto, como *Madame de Lobrinski*. Erro duplo. A terminação *ski* é ella propria a particula *de*, que, tendo em polaco dous generos, toma, ligada a um nome de mulher, a fôrma feminina de *ska*. Portanto a mulher de Paulo Lobrinski é — *Madame Lobrinska*.

Cartas de Fradique Mendes¹

AS CARTAS

(1ª Série)

IV

A MADAME S.

Paris, fevereiro.

Minha cara amiga. — O hespanhol chama-se D. Ramon Cova-Rubia, mora na Passage Saulnier, 12, e como é aragonez e portanto sobrio, creio que com dez francos por lição se contentará amplamente. Mas se seu filho já sabe o castelhano necessario para entender, e até ao amago, os *Romanceros*, o *D. Quichote*, alguns dos «Piccarescos», vinte paginas de Quevedo, duas comedias de Lope de Vega, um ou outro romance de Galdós, que é tudo quanto basta lêr na litteratura de Hespanha, — para que deseja a minha sensata amiga que elle pronuncie esse castelhano que sabe com o accento, o sabor, e o sal d'um madrilenos nascido nas veras pedras da Calle-Mayor? Vai assim o dôce Raul desperdiçar o tempo que a Sociedade lhe marcou para adquirir idéas e noções (e a Sociedade a um rapaz da sua fortuna, do seu nome e da sua belleza, apenas concede, para esse abastecimento intellectual, sete annos, dos onze aos dezoito) — em quê? No luxo de apurar até a um requinte superfino, e superfluo, o mero instrumento de adquirir

¹ Continuado da pag. 239, do numero de fevereiro.

noções e idéas. As línguas, são apenas instrumentos do saber — como instrumentos de lavoura. Consumir energia e vida na aprendizagem de as pronunciar tão genuína e puramente que pareça que se nasceu dentro de cada uma d'ellas, e que por meio de cada uma se pediu o primeiro pão e agua da vida — é fazer como o lavrador, que em vez de se contentar, para cavar a terra, com um ferro simples encabado n'um pau simples, se applicasse, durante os mezes em que a horta tem de ser cavada, a embutir, emblemas no ferro e esculpir flôres e folhagens ao comprido do pau. Sob este requintado regimen, como estariam agora os seus jardins e pomares da Touraine?

Um homem só deve fallar, com impeccavel segurança e pureza, a língua da sua terra: — todas as outras as deve fallar mal, orgulhosamente mal, com aquelle accento chato e falso que denuncia logo o estrangeiro. Na lingua verdadeiramente reside a nacionalidade; — e quem fôr possuindo com crescente perfeição os idiomas da Europa vai gradualmente soffrendo uma desnacionalisação. Não ha já para elle o especial e exclusivo encanto da *falla materna* com as suas influencias affectivas, que o envolvem, o isolam das outras raças; e o cosmopolitismo do Verbo irremediavelmente lhe dá o cosmopolitismo do character. Por isso o polyglota nunca é patriota. Com cada idioma alheio que assimila, introduzem-se-lhe no organismo moral modos alheios de pensar, modos alheios de sentir. O seu patriotismo desaparece, diluido em estrangeirismo. *Rue de Rivoli, Calle d'Alcalá, Regent Street, Wilhem Strasse* — que lhe importa? Todas são ruas, de pedra ou de macadam. Em todas a falla ambiente lhe offerece um elemento natural e congenere onde o seu espirito se move livremente, espontaneamente, sem hesitações ou attritos. E como pelo Verbo, que é o instrumento essencial da fusão humana, se póde fundir com todas — em todas sente e aceita uma Patria.

Por outro lado, o esforço continuo de um homem para se exprimir, com genuína e exacta propriedade de construcção e de accento, em idiomas estranhos — isto é o esforço para se confundir com gentes estranhas no que ellas têm de essencial-

mente característico, o Verbo — apaga n'elle toda a individualidade nativa. Ao fim de annos esse habilidoso que chegou a fallar absolutamente bem outras linguas além da sua, perdeu toda a originalidade de espirito — porque as suas idéas forçosamente devem ter a natureza incaracterística e neutra que lhes permitta serem indifferentemente adaptadas ás linguas mais oppostas em character e genio. Devem, de facto, ser como aquelles «corpos de pobre» de que tão tristemente falla o povo, que cabem bem «na roupa de toda a gente».

Além disso, o proposito de pronunciar com perfeição linguas estrangeiras constitue uma lamentavel sabujice para com o estrangeiro. Ha ahi diante d'elle, como o desejo servil de *não sermos nós mesmos*, de nos fundirmos n'elle, no que elle tem de mais seu, de mais proprio, o Vocabulo. Ora isto é uma perda, de dignidade nacional. Não, minha senhora! Fallemos nobremente mal, patrioticamente mal, as linguas dos outros! Mesmo porque aos estrangeiros o polyglota só inspira desconfiança, como sêr que não tem raizes, nem lar estavel — sêr que rola através das nacionalidades alheias, successivamente se disfarça n'ellas, e tenta uma installação de vida em todas porque não é tolerado por nenhuma. Com effeito, se a minha amiga percorrer a Gazeta dos Tribunaes verá que o perfeito polyglotismo é um instrumento da alta *escroquerie*. Mas, justos céos! A, quem me reclama um endereço eu forneço um tratado... Que a minha garrulice ao menos a faça reflectir, e poupar ao nosso bom Raul o trabalho medonho de pronunciar *Viva la Gracia!* exactissimamente como no *Puerta del Sol*. Isto não impede que se utilisem os serviços de D. Ramon. Sómente como elle, além de Zorrillista, é guitarrista, pôde substituir as lições na lingua de Cervantes, por lições na guitarra de Almagro; e o seu lindo Raul ganhará ainda assim uma nova faculdade de exprimir — a faculdade de exprimir emoções por meio de cordas de arame. Este dom não é inutil. Eu conheço um homem que se consolou ao violão da perda d'uma fortuna, das infidelidades d'uma mulher, e do fiasco d'um livro. Seu muito fiel e muito diffuso — FRADIQUE MENDES.

V

A GUERRA JUNQUEIRO

Paris, maio.

Meu caro amigo. — A sua carta transborda de illusão poetica. Suppôr, como V. candidamente suppõe, que, trespassando mortalmente com versos (ainda mesmo seus, e mais rutilantes que as flechas de Apollo) a Igreja, o Padre, a Liturgia, a Sacristia, o bacalhau á sexta-feira e os ossos dos Martyres, se póde «desentulhar Deus da alluvião sacerdotal», e elevar o Povo (no Povo incluo os conselheiros de Estado) a uma comprehensão toda pura e abstracta da Religião — a uma Religião que consista apenas n'uma Moral apoiada n'uma Fé — é ter da Religião, da sua essencia e do seu objecto, uma sonhadora idéa de sonhador teimoso em sonhos!

Uma Religião a que se elimine o Ritual desaparece — porque as Religiões para os homens (com excepção d'uma classe transcendente de metaphysicos, de moralistas e de mysticos) não passa d'um conjunto de ritos especiaes, através dos quaes cada povo procura estabelecer uma communicação com o seu Deus e obter d'elle favores. Este, só este, tem sido o fim de todos os cultos, desde o mais primitivo, do culto de Indra, até ao culto recente do coração de Maria que tanto o escandalisa na sua parochia — ó incorrigível beato do idealismo!

Se V. o quer verificar historicamente, deixe Vianna do Castello, tome um bordão, e suba commigo por essa Antiguidade fora até um sitio bem cultivado e bem regado que fica entre o rio Indo, as escarpas do Hymalaia, e as arêas d' um grande deserto. Estamos aqui em Septa-Sindhou, no paiz das Sete-Aguas, no Valle Feliz, na terra dos Aryas. No primeiro povoado em que pararmos V. vê, sobre um outeiro, um altar de pedra coberto de musgo fresco: em cima brilha pallidamente um fogo lento: e em torno perpassam homens, vestidos de linho branco, com os cabellos longos presos por um aro d'ouro. São padres,

meu amigo! São os primeiros capellães da humanidade,—e cada um d’elles está, por esta quente alvorada de maio, celebrando um rito da missa Aryana. Um limpa e desbasta a lenha que ha de nutrir o lume sagrado; outro pisa dentro d’um almofariz, com pancadas que devem resoar «como tambor de victoria», aservas aromaticas que dão o *Sômma*; este, como um sementeiro, espalha grãos de aveia em volta da Ara; aquelle, ao lado, espalmendo as mãos ao céu, entoa um cantico austero. Estes homens, meu amigo, estão executando um Rito que encerra em si toda a Religião dos Aryas, e que tem por objecto propiciar Indra — Indra, o sol, o fogo, a potencia divina que póde encher de ruina e dôr o coração do Arya, sorvendo a agua das regas, queimando os pastos, desprendendo a pestilencia das lagôas, tornando Septa-Sindhô mais esteril que o «coração do mau»; ou póde, derretendo as neves do Hymalaia, e soltando com um golpe de fogo «a chuva que jaz no ventre das nuvens», restituir a agua aos rios, a verdura aos prados, a salubridade ás lagôas, a alegria e abundancia á morada do Arya. Trata-se pois, simplesmente, de convencer Indra a que, sempre propicio, derrame sobre Septa-Sindhô os favores unicos que póde appetecer um povo rural e pastoral.

Não ha aqui *Metaphysica*, nem *Ethica* — nem explicações sobre a natureza dos deuses, nem regras para a conducta dos homens. Ha meramente uma Liturgia, uma totalidade de Ritos, que o Arya necessita observar para que Indra o attenda — uma vez que, pela experiencia de gerações, se comprovou que Indra só o escutará, só concederá os beneficios rogados, quando em torno ao seu altar lhe forem entoados os canticos, offertadas as libações, derramados os dons. Sem dons, sem libações, sem canticos, Indra, amuado e sumido no fundo do Invisivel e do Intangivel, não descerá á terra a manifestar-se na sua bondade. E se vier de Vianna do Castello um Poeta tirar ao Arya o seu altar de musgo, o seu pau sacrosanto, o almofariz, o crivo, o vaso do *Sômma*, o Arya ficará sem meios de propiciar o seu Deus — e será na terra, como a creancinha que ninguem nutre, e a que ninguem ampara os passos.

Esta Religião primordial é o typo absoluto e inalteravel das Religiões, que todas por instincto repetem, — e em que todas (apesar dos elementos estranhos de Theologia, de Metaphysica, de Ethica que lhe introduzem os espiritos superiores) terminam por se resumir com reverencia. Em todos os climas, em todas as raças, ou divinizando as forças da Natureza, ou divinizando a Alma dos mortos, as Religiões, amigo meu, consistiram sempre praticamente n'um conjunto de praticas, pelas quaes o homem simples procura alcançar da benevolencia de Deus os bens supremos da saude, da força, da paz, da riqueza — ainda mesmo quando, já educado pela experiencia, os peça tambem parallelamente á hygiene, á ordem, á lei, ao trabalho.

O que V. observou em Septa-Sindhou poderá constatar igualmente, parando (antes de recolhermos a Vianna, a beber esse vinho verde de Monção, que V. dithyrambisa) na Antiguidade classica, em Athenas ou Roma, onde quizer, no momento de maior esplendor e cultura das civilizações greco-latinas. Se V. ahi perguntar a um antigo, seja um oleiro de Suburra, seja o proprio *Flumen Dialis*, qual é o corpo de doutrinas e de conceitos moraes que compõe a Religião, — elle sorrirá, sem o comprehender. E responderá que a Religião consiste em *paces deorum quaerere*, em apaziguar os Deuses. Na idéa do antigo isso significa cumprir os ritos, as praticas, as formulas, que uma longa tradição demonstrou serem as unicas que conseguem fixar a attenção dos Deuses e exercer sobre elles persuasão. E n'esse ceremonial era indispensavel não alterar nem o valor d'uma syllaba, nem o valor d'um gesto, porque d'outro modo a Religião não tinha realidade, falseava o seu fim supremo — influenciar o Deus. Peor ainda! Passava a ser a irreligião: e o Deus, vendo n'essa omissão de liturgia uma falta de reverencia, recolhia a sua protecção e exercia a sua inimidade. As pregas da tunica do sacrificador, um passo lançado á direita ou movido á esquerda, as gottas da libação, a lenha da fogueira, todos esses detalhes estavam prescriptos immutavelmente pelos rituaes, e a sua exclusão ou o seu desvio constituíam impiedades. Constituíam verdadeiros crimes contra a patria, —

porque attrahiam sobre ella a indignação dos deuses. Por isso Athenas castigava o sacerdote que alterasse o ceremonial; e o senado depunha os consules que commettiam um erro no sacrificio — fosse elle tão ligeiro como estender a ponta da toga sobre a cabeça, quando ella devia cahir sobre o hombro. De sorte que V., em Roma, lançando ironias d'ouro á Divindade, era talvez um grande e admirado Poeta Comico: mas satyrisando, como na *Velhice do Padre Eterno*, a Liturgia e o Ceremonial era um inimigo publico, um traidor ao Estado, votado ás penas infames.

E se, já farto d'estes tempos antigos, V. quizer volver aos nossos philosophicos dias, terá, nas duas grandes Religiões do occidente e do oriente, no Catholicismo e no Budhismo, uma comprovação ainda mais saliente e mais viva de que a Religião consiste intrinsecamente de praticas, sobre as quaes a Theologia e a Moral se sobrepozeram sem as penetrarem, como um luxo intellectual, accessorio e transitorio — flôres pregadas no altar pela imaginação ou pela virtude idealista. O Catholicismo (ninguem mais furiosamente o sabe do que V.) está hoje resumido a uma curta série de observancias materiaes: — e todavia nunca houve Religião dentro da qual as intelligencias superiores erguessem mais vasta e alta estructura de conceitos theologicos e moraes. Esses conceitos, porém, obra de doutores e de mysticos, nunca propriamente sahiram das escólas e dos mosteiros — onde eram preciosa materia de dialectica ou de poesia; e nunca penetraram nas multidões para methodicamente governar os juizos ou conscientemente governar as acções. Reduzido a catechismos, a cartilhas, esse corpo de conceitos era decorado pelo povo: — mas nunca o povo se persuadiu, que tinha Religião, e que portanto *agradava a Deus, servia a Deus*, só por cumprir os dez mandamentos, fóra de toda a pratica e observancia ritual.

Para servir a Deus, que é o meio d'agradar a Deus, o essencial foi sempre ouvir missa, esfiar o rosario, jejuar, commungar, fazer promessas, dar tunicas aos santos, etc. Só por estes ritos, e não pelo cumprimento moral da lei moral, se pro-

propicia Deus, — isto é se alcançam d'elle os dons inestimaveis da saude, da felicidade, da riqueza, da paz. O mesmo Céu e Inferno, sancção extra-terrestre da lei, nunca, na idéa do povo, se ganhava ou se evitava pela pontual obediencia á lei, — por isso mesmo que o premio e o castigo não eram manifestações da justiça de Deus, mas da graça de Deus. Ora a graça só se obtem pela constante e incansavel pratica dos preceitos — a missa, o jejum, a penitencia, a communhão, o rosario, a novena, a offerta, a promessa, De sorte que no catholicismo do Minhoto como na religião do Arya, em Septa-Sindhou como em Carrazeda d'Anciães, tudo se resume em propiciar Deus por meio de praticas que o captivem. Não ha aqui Theologia, nem Moral. Ha o acto do infinitamente fraco querendo agradar ao infinitamente forte.

Idem no Budhismo. Dentro dessa Religião foi elaborada a mais alta das Metaphysicas, a reais nohre das Moraes: mas em todas as raças em que elle penetrou, nas barbaras ou nas cultas, nas hordas do Nepal ou no mandarinato chinez, elle consistiu sempre para as multidões em ritos, ceremonias, praticas — a mais conhecida das quaes é o *moinho de rezar*, que em todos os paizes budhistas está collocado nas ruas das cidades, nas encruzilhadas do campo, para que o devoto ao passar, com duas voltas á manivella, possa fazer chocalhar, dentro as orações escriptas, e louvar o Budha, que «lhe ficará grato e lhe augmentará os seus bens.»

Nem o Catholicismo, nem o Budhismo vão por este facto em decadencia. Ao contrario! Estão no seu estado natural e normal de Religião. Uma Religião quanto mais se materialisa, mais se divinisa. Não se espante! Quero dizer, que quanto mais se desembaraça dos seus elementos intellectuaes de Theologia, de Moral, de humanitarismo, etc., repellindo-os para as suas regiões naturaes que são a Philosophia e a Ethica, tanto mais colloca o povo face a face com o seu Deus, n'uma communicacão directa e simples, tão facil de realisar que, por um mero dobrar de joelhos, um mero desfiar de contas, um mero balbuciar de Padre-Nossos, o homem absoluto que está no

céo vem ao encontro do homem transitorio que está na terra.

V. porém dirá (e de facto o diz): «Tornemos essa comunicação puramente espiritual, e que, despida de toda a exterioridade liturgica, ella seja apenas como o espirito humano fallando ao espirito divino.» Mas para isso é necessario que venha o Millenio — em que cada cavador de enxada seja um philosopho, um pensador. E quando esse Millenio detestavel chegar, e cada tipoia de praça fôr governada por um Mallebranche, terá V. ainda de ajuntar a esta perfeita humanidade masculina uma nova humanidade feminina, philosophicamente differente da que hoje embelleza a terra. Porque emquanto houver uma mulher constituida physica, intellectual e moralmente como a que Deus tão brilhantemente fez da costella de Adão, — haverá sempre ao lado d'ella, para uso da sua fraqueza, um altar, uma imagem e um padre.

Essa comunicação mystica do Homem e de Deus, que V. quer, nunca poderá ser senão o privilegio d'uma *élite* espiritual, deploravelmente limitada. Para a vasta massa humana, em todos os tempos, pagã, budhista, christã, mahometana, selvagem ou culta, a Religião terá sempre por fim, na sua essencia, a supplica dos favores divinos e o afastamento da cólera divina; e, como instrumentação material para realisar estes objectos, o templo, o padre, o altar, os officios, a vestimenta, a imagem. Pergunte a qualquer mediano homem sahido da turba, que não seja um philosopho, ou um moralista, ou um mystico, o que é Religião. O inglez dirá: — «É ir ao serviço ao domingo, bem vestido, cantar hymnos.» O hindú dirá: — «É fazer *poojah* todos os dias e dar o tributo ao *Mahadeo*.» O africano dirá: — «É offerecer ao *Mulungú* a sua ração de farinha e oleo.» O Minhoto dirá: — «É ouvir missa, rezar as contas, jejuar á sexta-feira, commungar pela Paschoa.» E todos terão razão, grandemente! Porque o seu objecto, como sêres religiosos, está todo em communicar com Deus; e esses são os meios de comunicação que os seus respectivos estados de civilisação e as respectivas liturgias que d'elles sahiram, lhes fornecem. *Voilà!* Para V. está claro, e para outros espíritos de eleição, a

Religião é outra coisa — como já era outra coisa em Athenas para Socrates e em Roma para Seneca. Mas as massas humanas não são compostas de Socrates e de Senecas — bem felizmente para ellas, e para os que as governam.

De resto, não se desconsolle, amigo! Mesmo entre os simples ha modos de ser religiosos, inteiramente despidos de Liturgia e de exterioridades rituaes. Um presenciei eu, deliciosamente puro e intimo. Foi nas margens do Zambeze. Um chefe negro, por nome Lubenga, queria, nas vespervas de entrar em guerra com um chefe visinho, communicar com o seu Deus, com o seu Mulungú (que era, como sempre, um seu avô divinizado). O recado ou pedido, porém, que elle desejava mandar á sua Divindade, não se podia transmittir através dos Feiticeiros e do seu ceremonial, tão graves e confidenciaes materias continha... Que faz Lubenga? Grita por um escravo: dá-lhe o recado, pausadamente, lentamente, ao ouvido: verifica bem que o escravo tudo comprehendera, tudo retivera: e immediatamente arrebatá um machado, decepa a cabeça do escravo, e brada tranquillamente «parte!». A alma do escravo lá foi, como uma carta lacrada e sellada, direita para o céo, ao Mulungú. Mas d'ahi a instantes o chefe bate uma palmada afflicta na testa, chama á pressa outro escravo, diz-lhe ao ouvido rapidas palavras, agarra o machado, separa-lhe a cabeça, e berra: — «Vai!»

Esquecera-lhe algum detalhe no seu pedido ao Mulungú... O segundo escravo era um *post-scriptum*.

Esta maneira simples de communicar com Deus deve regosijar o seu coração. Amigo do dito — FRADIQUE.

VI

A RAMALHO ORTIGAO

Paris, maio.

Querido Ramalho. — No sabbado, á tarde, na rue Cambon, avisto dentro d'um fiacre o nosso Eduardo, que se arre-

messa pela portinhola para me gritar: «Ramalho, esta noite! de passagem para a Hollanda! ás dez! no café da Paz!»

Fico dôcemente alvoroçado; e ás nove e meia, apesar da minha justa repugnancia pela esquina papalva do café da Paz, lá me installo, com um bock e com o *Standard*, esperando a cada instante que surja, por entre a turba miuda e molle do boulevard, o esplendor da Ramalhal figura. Ás dez salta d'um fiacre com ansiedade o vivaz Carmonde, que abandonára á pressa uma sobremeza alegre *pour voir ce grand Ortigan!* Começa uma espera a dois, em tedio a dois, com bock a dois. Nada de Ramalho, nem do seu viço. Ás onze apparece Eduardo, esbaforido. E Ramalho? Inedito ainda! Espera a tres, impaciencia a tres, bock a tres. E assim até que o bronze nos soou o fim do dia — como ousava dizer Chateaubriand.

Em compensação um caso, e profundo. Carmonde, Eduardo e eu sorviamos as derradeiras fezes do bock, já desilludidos de Ramalho e das suas pompas, quando roça pela nossa mesa um sujeito escurinho, chupadinho, apuradinho, esticadinho, que traz na mão, com respeito, quasi com religião, um soberbo ramo de cravos amarellos. É um homem d'além dos mares, da Republica Argentina ou Peruana, e amigo de Eduardo — que o retem e apresenta «o snr. Mendibal». Mendibal aceita um bock: e eu começo a contemplar em silencio aquella facesinha toda em perfil, como recortada n'uma lamina de machado, d'uma côr acobreada de chapéo côco inglez, onde a barbita rala, hesitante, denunciando uma virilidade frouxa, parece cotão, um cotão negro, pouco mais negro que a tez. A testa escanteada foge toda para traz, timidamente. O carço da garganta esganiçada, ao contrario, avança como o esporão duma galera por entre as pontas quebradas do collarinho muito alto e mais brilhante que esmalte. Na gravata, grossa perola.

Eu contemplo, e Mendibal falla. Falla n'um tom arrastado e humido, quasi dolente, em que as syllabas desfallecem; se esvaem em gemido. A voz é certamente triste: — mas no que diz, revela a mais forte, segura e insolente satisfação de viver. O animal tem tudo: immensas propriedades além do mar, a

consideração dos seus fornecedores, uma casa no Parc-Monceaux, e «uma esposa adorável». Como deslisou elle a mencionar essa dama que lhe embelleza o lar? Não sei. Houve um momento em que me ergui, chamado por um velho Inglez meu amigo, que passava, recolhendo da Opera, e que me queria simplesmente segredar que «a noute estava esplendida». Quando voltei á meza e ao bock, o Argentino encetára em monologo a glorificação da «sua senhora». Carmonde esquecera o charuto, devorando o homemzinho com olhos que riam e saboreavam, infinitamente divertido. Eduardo escutava com a compostura grave de um portuguez antigo. E o Mendibal, tendo posto ao lado, sobre uma cadeira, com cuidados devotos, o ramo de cravos, desfiava as virtudes e os encantos de Madame. Sentia-se alli uma dessas admirações effervescentes, borbulhantes, que se não podem retrahir, e transbordam por toda aparte, mesmo por sobre as mezas dos cafés: onde quer que passasse aquelle homem iria deixando exhalar a sua adoração pela mulher, como um guarda-chuva encharcado vai fatalmente pingando agua. Compreendi, desde que elle, com um prazer que lhe repuxava mais para fóra o caroço da garganta, revelou que madame Mendibal era franceza. Tínhamos alli portanto um fanatismo de preto pela graça clara e loira d'uma parisiensesinha, picante em seducção e finura. Desde que compreendi, sympathisei. E o Argentino farejou em mim esta benevolencia critica — porque foi para mim que se voltou, lançando o derradeiro traço, o mais decisivo, sobre as excellencias de Madame: «Sim, positivamente, não havia outra em Paris! Por exemplo, o carinho com que ella cuidava da mamã (da mamã d'elle), senhora de grande idade, cheia de achaques! Pois era uma paciencia, uma delicadeza, uma sujeição... Oh, de cahir de joelhos! Então nos ultimos dias a mamã apparecera tão excessivamente rabujenta!... Madame Mendibal até andava pallida. De sorte que elle proprio, n'esse domingo, lhe pedira que se fosse distrahir, passar o dia a Versalhes, onde a mãe d'ella, madame Jouffroy, habitava por economia. E agora viera elle de a esperar na *gare* Saint-Lazare. Pois senhores, todo o dia em

Versalhes, a santa creatura estivera com cuidado na sogra, cheia de saudades da casa, n'uma ancia de recolher. Nem lhe soubera bem a visita á mamã! A maior parte da tarde, e uma tarde tão linda, gastára-a a reunir aquelle esplendido ramo de cravos amarellos para lhe trazer, a elle!»

— É verdade! Veja o senhor! Este ramo de cravos! Até consola. Olhe que para estas lembrancinhas, para estes carinhos, não ha senão uma franceza. Graças a Deus, posso dizer que acertei! E se tivesse filhos, um só que fosse, um rapaz, não me trocava pelo principe de Galles. Eu não sei se o senhor é casado. Perdôe a confiança. Mas se não é, sempre lhe direi, como digo a todo o mundo: — Case com uma franceza, case com uma franceza!...

Não podia haver nada mais sinceramente grotesco e mais ingenuamente tocante. Como V. não vinha, fugidio Ramalho, dispersamos. Mendibal trepou para um fiacre com o seu extremoso molho de cravos. Eu arrastei os passos, no calor da noite, até ao club. No club encontro Chambray, que V. conhece — o «formoso Chambray». Encontro Chambray no fundo duma poltrona, derreado e radiante. Pergunto a Chambray como lhe vai a Vida, que opinião tem n'esse dia da Vida. Chambray declara a Vida uma delicia. E, immediatamente, sem se conter, faz a confidencia que lhe bailava impacientemente no sorriso e no olhar humedecido.

Fôra a Versalhes, com tensão de visitar os Fouquiers. No mesmo compartimento, com elle, ia uma mulher, *une grande et belle femme*. Corpo soberbo de Diana n'um vestido collante do Redfern. Cabellos apartados ao meio, grossos e apaixonados, ondeando sobre a testa curta. Olhos graves. Dous solitarios nas orelhas. Sêr substancial, solido, sem chumaços e sem blagues, bem alimentado, envolto em consideração, superiormente instalado na vida.

E, no meio d'esta respeitabilidade physica e social, um geito equivoco de molhar os beiços a cada instante, vivamente, com a ponta da língua... Chambray pensa comsigo: — «burgueza, trinta annos, sessenta mil francos de renda, temperamento

forte, desapontamentos d'alcova». E apenas o comboyo larga, toma o seu «grande ar Chambray», e dardeja á dama um d'esses olhares que eram outr'ora symbolisados pelas flexas de Cupido. Madame impassivel. Mas, momentos depois, vem d'entre as palpebras um pouco pesadas, direito a Chambray (que vigiava de lado, por traz do *Figaro* aberto, um d'esses raios de luz indagadora que, como os da lanterna de Diogenes, procuram um homem que seja um homem. Ao chegar a Courbevoie, a pretexto de baixar o vidro por causa da poeira, Chambray arrisca uma palavra, atrevidamente timida, sobre o calor de Paris. Ella concede outra, ainda hesitante e vaga, sobre a frescura do campo. Está travada a Ecloga. Em Suresnes, Chambray já se senta na banquetta ao lado d'ella, fumando. Em Sevres, mão de Madame arrebatada por Chambray, mão de Chambray repellida por Madame: — e ambas insensivelmente se entrelaçam. Em Viroflay, proposta brusca de Chambray para darem um passeio por um sitio de Viroflay que só elle conhece, recanto bucolico, de incomparavel doçura, inaccessible ao burguez. Depois, ás duas horas tomariam o outro trem para Versalhes. E nem a deixa hesitar — arrebatada moralmente, ou antes physiologicamente, pela simples força da voz quente, dos olhos alegres, de toda a sua pessoa franca e mascula.

Eil-os no campo, com um aroma de seiva em redor, e a primavera e Satanaz conspirando e soprando sobre Madame os seus bafos quentes. Chambray conhece á orla do bosque, junto d'agua, uma tavernola que tem as janellas frescamente encaixilhadas em madresilva. Porque não irão lá almoçar uma caldeirada, regada com vinho branco de Suresnes? Madame na verdade sente uma fomesinha alegre, de ave solta no prado: e Satanaz, dando ao rabo, corre adiante, a propiciar as coisas na tavernola. Acham lá, com effeito, uma installação magistral: quarto fresco e silencioso, meza posta, cortina de cassa ao fundo escondendo e trahindo a alcova. «Em todo o caso que o almoço suba depressa, porque elles têm de partir pelo trem das duas horas» — tal é o brado sincero de Chambray!

Quando chega a caldeirada, Chambray tem uma inspira-

ção genial despe o casaco, abanca em mangas de camisa. E um rasgo de bohemia e de liberdade, que a encanta, a excita, faz sahir a *garota* que ha quasi sempre no fundo da *matrona*. Atira tambem o chapéu, um chapéu de duzentos francos, para o fundo do quarto, alarga os braços, e tem este grito d'alma:

— *Ah oui, que c'est bon, de se desembêter!*

E depois, como dizem os hespanhoes — *la mar*. O sol, ao despedir-se da terra por esse dia, deixou-os ainda em Viroflay; ainda na tavernola; ainda no quarto; — e outra vez á meza diante d'um *bifsteak* reconfortante, como os acontecimentos pediam muito logicamente.

Versalhes, esquecido! Tratava-se de voltar à estação, para tomar o trem de Paris. Ella aperta devagar as fitas do chapéu, apanha uma das flôres da janella que mette no corpete, fixa um olhar lento em redor pelo quarto e pela alcova, para tudo decorar e retêr — e partem. Na estação, ao saltar para um compartimento differente (por causa da chegada a Paris), Chambray n'um aperto de mão, já apressado e frouxo, supplica-lhe que ao menos lhe diga como se chama. Ella murmura *Lucie*.

— E é tudo o que sei d'ella, conclue Chambray accendendo o charuto. E sei tambem que é casada porque na *gare* SaintLazare, á espera d'ella, e acompanhado por um trintanario serio, de casa burgueza, estava o marido... É um *rastacuero*, côr de chocolate, com uma barbita rala, enorme perola na gravata... Coitado, ficou encantado quando ella lhe deu um grande ramo de cravos amarellos que eu lhe mandára arranjar em Viroflay... Mulher deliciosa. Não ha senão as francezas!

Que diz V. a estas coisas consideraveis, meu bom Ramalho? Eu digo que, em resumo, este nosso Mundo é delicioso e não ha nos espaços outro mais bem organizado. Porque note V. como ao fim d'este domingo de maio, todas estas tres excellentes creaturas, com uma simples jornada a Versalhes, obtiveram um ganho positivo na vida. Chambray passou por um immenso prazer e uma immensa vaidade — os dous unicos resultados que elle conta na existencia como proventos solidos, e valendo o

trabalho de existir. Madame experimentou uma sensação nova ou differente, que a desenervou, a desafogou, lhe permittiu reentrar mais acalmada na monotonia do lar, e ser util aos seus com rediviva applicação. E o Argentino adquiriu outra inesperada e triumphal certeza de quanto era amado e feliz na sua escolha. Tres ditosos, ao fim d'esse dia de primavera e de campo. E se d'aqui resultar um filho (o filho que o Argentino appetece), que herde as qualidades fortes e brilhantemente gaulezas de Chambray, accresce, ao contentamento individual dos tres, um lucro effectivo para a sociedade. Este mundo portanto está superiormente organizado.

Amigo fiel, que fielmente o espera á volta da Hollanda —
FRADIQUE.

Eça de Queiroz.

Cartas de Fradique Mendes ¹

AS CARTAS

(1ª Série)

VII

A MADAME DE JOUARRE

Lisboa, abril.

Minha querida madrinha. — Foi hontem, por noite morta, no comboio, ao chegar a Lisboa (vindo do Norte e do Porto), que de repente me acudiu á memoria estremunhada o juramento que lhe fiz no sabbado de Paschoa em Paris, com as mãos piamente estendidas sobre a sua maravilhosa edição dos *Deveres* de Cicero. Juramento bem estouvado, este, de lhe mandar todas as semanas, pelo correio, Portugal em «descrições, notas, impressões e panoramas», como se lê no sub-titulo da *Constantinopla* do seu academico amigo o Barão de Fernay! Pois com tanta fidelidade cumpro eu os meus juramentos (quando feitos sobre a Moral de Cicero, e para regalo de quem reina no meu coração) que, apenas o recordei, abri logo escancaradamente ambos os olhos para recolher «descrições, notas, impressões e panoramas» desta terra que é minha, e que *está a la disposicion de usted...* Chegamos a uma estação que chamam de Sacavem — e tudo o que os meus olhos arregalados viram do meu paiz, através dos vidros humidos do wagon, foi uma densa treva, d'onde mortizamente surgiam aqui e além luzinhas remotas e vagas. Eram lanternas de falúas dormindo no rio: — e symbolisavam d'um modo bem humilhante essas escassas e desmaiadas parcellas de verdade positiva que ao homem é dado descobrir no universal Mysterio do Sêr. De

¹ Continuado da pag. 397, do numero cie março.

sorte que tornei a cerrar resignadamente os olhos — até que, á portinhola, um homem de bonet de galão, com o casaco encharcado d'agua, reclamou o meu bilhete, dizendo *Vossa Excellencia!* Em Portugal, boa madrinha, todos somos nobres, todos fazemos parte do Estado, e todos nos tratamos por *Excellencia*.

Era Lisboa e chovia. Vinhamos poucos no comboio, uns trinta talvez, — gente simples, de maletas ligeiras e sacos de chita, que bem depressa atravessou a busca paternal e somnolenta da Alfandega, e logo se sumiu para a cidade sob a molhada noite de abril.

No casarão soturno, á espera das bagagens sérias, fiquei eu; o Smith¹ e uma senhora esgrouviada, de oculos no bico, envolta n'uma velha capa de pelles. Deviam ser duas horas da madrugada. O asfalto sujo do casarão regelava os pés.

Não sei quantos seculos assim esperamos, Smith immovel, a dama e eu marchando desencontradamente e rapidamente para aquecer ao comprido do balcão de madeira, onde dois guardas d'Alfandega, escuros como azeitonas, bocejavam com dignidade. Da porta do fundo, uma carreta, em que oscillava o montão da nossa bagagem, veio por fim rolando com pachorra. A dama de nariz de cegonha reconheceu logo a sua caixa de folha de Flandres, cuja tampa, cahindo para traz, revelou aos meus olhos que observavam (em seu serviço, adoravel madrinha!) uma saia de xadresinho azul, um livro de missa e dois ferros de frisar. O guarda enterrou o braço através d'estas coisas intimas, e com um gesto clemente declarou a Alfândega satisfeita. A dama abalou.

Ficamos sós, Smith e eu. Smith já arrebanhára a custo a minha bagagem. Mas faltava inexplicavelmente um sacco de Couro; e em silencio, com a guia na mão, um carregador dava uma busca vagarosa através dos fardos, caixas, pacotes, velhos bahus, armazenados ao fundo, contra a parede enxovalhada. Vi este digno homem hesitando pensativamente diante d'um embrulho de lona, diante d'uma arca de pinho. Seria qualquer

¹ O velho creado de quarto de Fradique Mendes.

d'esses o. saco. de couro? Depois, descorçoado, declarou que positivamente nas nossas bagagens não havia nem couro nem saco. Smith protestava, já irritado. Então o capataz arrancou a guia das mãos inhabeis do carregador, e recomeçou elle, com a sua intelligencia superior de chefe, uma rebusca através das «arrumações», esquadrinhando zelosamente os caixotes, os embrulhos, os pipos, as chapeleiras... Por fim sacudiu os hombros, com indisivel tedio, e desapareceu para dentro, para, a escuridão das plataformas interiores. Passados instantes voltou, coçando a cabeça por baixo do bonet, cravando os olhos em roda, pelo chão vasio, á espera que o saco rompesse das entranhas d'este globo desconsolador. Nada! Impaciente, encetei eu proprio uma pesquisa soffrega através do casarão. O guarda da Alfândega, de cigarro collado ao beijo (bondoso homem!), deitava tambem aqui e além um olhar auxiliador e magistral. Nada! Repentinamente, porém, uma mulher, de lenço vermelho na cabeça, que alli vadiava, n'aquella madrugada agreste, apontou para a porta da estação:

— Será aquillo, meu senhor?

Era! Era o meu saco, fóra, no passeio, sob a chuvinha miuda. Não indaguei como elle se encontrava alli, sósinho, separado da bagagem a que estrictamente o prendia o numero d'ordem estampado na; guia em letras grossas — e reclamei uma tipoia. O carregador atirou a jaleca para cima da cabeça, sahiu ao largo, e recolheu annunciando que não havia tipoias.

— Não ha! Essa é curiosa! E então como sahem d'aqui os passageiros?

O homem encolheu os hombros. Ás vezes havia, outras vezes não havia. Era conforme calhava. — Fiz reluzir uma placa de cinco tostões, e suppliquei áquelle benemerito que corresse as visinhanças da estação, á cata d'um vehiculo qualquer, com rodas, coche ou carroça. O homem largou, resmungando. E eu logo, como patriota descontente, censurei (voltado para o capataz e para o homem da Alfândega) a irregularidade d'aquelle serviço. Em todas as estações do Mundo, mesmo em Tunis, mesmo na Romelia, havia, á chegada dos comboios, omnibus, car-

ros, carretas, para transportar gente e bagagem... Porque não as havia em Lisboa? Abominável serviço!

O aduaneiro esboçou um movimento de desalento, como na plena consciencia de que todos os serviços eram abomináveis, e o mundo todo uma irreparável desordem. Depois para se consolar puxou com delicia o lume ao cigarro. Assim se arrastou um d'estes quartos d'hora que fazem rugas na face humana.

Finalmente, o carregador voltou, sacudindo a chuva, afirmando que não havia em todo o bairro uma tipoia:

— Mas que hei de eu fazer? Hei de ficar aqui?

O capataz aconselhou-me que deixasse a bagagem, e na manhã seguinte, com uma carruagem certa (contratada talvez por escriptura), a viesse recolher «muito a meu contento». Isso não convinha ao meu conforto. Pois n'esse caso elle não via solução, a não ser que por acaso alguma caleche, tresnoitada e trasalhada, viesse a cruzar por aquellas paragens.

Então, á maneira de naufragos n'uma ilha deserta, todos nos apinhamos á porta da estação, esperando através da treva a vela — quero dizer a sege salvadora. Espera longa, espera esteril! Nenhuma luz de lanterna, nenhum rumor de roda, cortaram a mudez d'aquellas solidões!

Farto, inteiramente farto, o capataz declarou que «iam dar tres horas, e elle queria fechar a estação!» E eu? Ia eu ficar allí na rua, amarrado, sob a noite agreste, a um montão de bagagens intransportavel? Não havia pois piedade nas entranhas do digno capataz? Commovido, o homem lembrou outra solução. E era que nós, eu e o Smith, ajudados por um carregador — atirássemos a bagagem para as costas, e marchássemos com ella para o Hotel. Com effeito este parecia ser o unico recurso aos nossos males. Todavia (tanto costas amollecidas por longos e deleitosos annos de civilização repugnam a carregar fardos, e tão tenaz é a esperança no peito do desditoso!) eu e o Smith ainda uma vez sahimos ao largo, mudos, sondando a treva, com o ouvido inclinado ao lagedo, a escutar se ao longe, muito ao longe, não sentiríamos rolar para nós o calhambeque da Providencia. Nada, desoladamente

nada, na sombra avara!... A minha querida madrinha, seguindo estes lances, deve ter já as lagrimas a bailar nas pestanas. Eu não chorei — mas tinha vergonha, uma immensa e pungente vergonha do Smith. Que pensaria aquelle escossez da minha patria — e de mim, seu amo, parcella dessa patria desorganizada? Nada mais fragil que a reputação das nações. Uma simples tipoia que falta de noite, e eis, no espirito do Estrangeiro, desacreditada toda uma civilização secular!

No entanto o capataz resmungava. Eram tres horas (mesmo tres e um quarto), e elle queria fechar a estação! Que fazer? Abandonamo-nos, suspirando, á decisão do desespero. Agarrei o estojo de viagem e o rolo de mantas: Smith deitou aos seus respeitaveis hombros, virgens de cargas uma grossa maleta de couro: o carregador gemeu sob a enorme mala de cantoeiras d'aço. E (deixando ainda dois volumes para ser recolhidos de dia), começamos, sombrios e em fila, a trilhar *á pata* a distancia que vai de Santa Apolonia ao Hotel de Braganza! Poucos passos adiante, como o estojo de viagem me derreava o braço, atirei-o para as costas... E todos tres, de cabeça baixa, o dorso esmagado sob dezenas de kilos, com um intenso azedume a estragar-nos o fígado, lá continuamos, devagar, n'uma fileira soturna, avançando para dentro da capital destes reinos! Eu viera a Lisboa n'um fim de repouso e de luxo. Este era o luxo, este o repouso! Alli, sob a chuvinha impertinente, offegando, suando, tropeçando no lagedo mal junto duma rua tenebrosa a trabalhar de carregão!...

Não sei quantas eternidades gastamos n'esta via dolorosa. Sei que de repente (como se a trouxesse, á redea, o anjo da nossa guarda) uma caleche, uma positiva caleche, rompeu a passo do negrume duma viella. Tres gritos, soffregos e desesperados, estacaram a parelha. E, á uma, todas as malas rolaram em catadupa sobre o calhambeque, aos pés do cocheiro, que, tomado d'assalto e de assombro, ergueu o chicote, praguejando com furor. Mas serenou, comprehendendo, a sua espantosa omnipotencia — e declarou que ao Hotel de Braganza (uma distancia pouco maior que toda a Avenida dos Campos Elyseos) não

me podia levar por menos de *tres mil reis*. Sim, minha madrinha, *dezoito francos!* Dezoito francos em metal, prata ou ouro, por uma corrida, n'esta nossa democratica Idade! Tremulo de colera, mas submisso como quem cede á exigencia d'um trabuco, enfei para a tipoia — depois de me ter despedido com grande affecto do carregador, camarada fiel da nossa trabalhosa noite:

Partimos enfim, n'um galope desesperado. D'ahi a momentos estavamos assaltando a porta adormecida do Hotel de Braganza com repiques de sineta, apêllos de voz, punhadas, bengaladas, injurias, suspiros, todas as violencias e todas as seducções. Debalde! Não foi mais resistente ao bello cavalleiro Alandôr o portão de oiro do palacio da Ventura! Finalmente o cocheiro atirou-se a ella aos couces. E, decerto porque comprehendera melhor «esta linguagem», a porta lenta e estremunhada rolou nos seus gonzos. Graças te sejam dadas, meu Deus, pae ineffavel! Estamos enfim sob um tecto, no meio dos confortos do Progresso, ao cabo de tão barbara jornada. Restava pagar o batedor. Vim para elle com acerba ironia

— Então, são tres mil reis?

Á luz do vestibulo, que me batia a face, o homem sorria. E que ha de elle responder, o malandro sem par?

— Aquillo era por dizer... Eu não tinha conhecido o snr. D. Fradique... Lá para o snr. D. Fradique é o que quizer.

Humilhação incomparavel! Senti logo não sei que torpe enternecimento que me amollecia o coração. Era a bonacheirice, a relassa fraqueza que nos enlaça a todos nós portuguezes, nos enche de culpada indulgencia uns para os outros, e irremediavelmente estraga entre nós toda a Disciplina e toda a Ordem. Sim, minha cara madrinha... Aquelle bandido conhecia o snr. D. Fradique. Tinha um sorriso bréjeiro e serviçal. Ambos eramos portuguezes. Dei uma libra áquelle bandido!

E aqui está, para seu ensino, a veridica maneira porque se entra, no ultimo quartel do seculo XIX, na grande cidade de Portugal. Todo seu, aquelle que de longe de si sempre pena —
FRADIQUE.

VIII

AO SNR. E. MOLLINET

Director da *Revista de Biographia e de Historia*

Paris, setembro.

Meu caro snr. Mollinet — Encontrei hontem á noite, ao voltar de Fontainebleau, a carta em que o meu douto amigo, em nome e no interesse da *Revista de Biographia e de Historia*, me pergunta que é esse meu compatriota Pacheco (José Joaquim Alves Pacheco), cuja morte está sendo tão vasta e fundamente carpida nos jornaes de Portugal. E deseja ainda o meu amigo saber que obras, ou que fundações, ou que indústrias, ou que livros, ou que idéas, ou que accrescimo na civilização portugueza deixou esse Pacheco seguido ao tumulo por tão sonoras lagrimas.

Eu casualmente conheci Pacheco. Tenho presente, como n'um resumo, a sua figura e a sua vida. Pacheco não deu ao seu paiz nem uma obra, nem uma fundação, nem um livro, nem uma idéa. Pacheco era entre nós uma alta illustração nacional, unicamente porque *tinha um immenso talento*. Como Pacheco fôra sempre baixo e miudo, corria mesmo no reino a voz de que *todo aquelle talento não podia caber n'aquelle corpo!* Todavia, meu caio snr. Mollinet, grande como era, e assim entallado e comprimido n'um involucro tão pêco e piorra, esse talento nunca transbordou. Nunca! O talento immenso de Pacheco ficou sempre lá dentro, no fundo escuro de Pacheco. Constantemente elle atravessou a vida por sobre eminencias sociaes: deputado, director geral, ministro, governador de bancos, conselheiro d'estado, par, presidente do conselho, Pacheco tudo foi, tudo teve, n'esse paiz que, de longe e a seus pés, o contemplava, espantado do seu immenso talento. Mas nunca, em situação alguma, por proveito proprio ou urgencia do Estado, Pacheco teve necessidade de deixar sahir, para se affirmar e operar fóra, aquelle immenso talento que lá dentro o suffocava. Quando os amigos; os partidos, os jornaes, as repartições, os corpos colle-

ctivos, a massa compacta da nação murmurava, em redor de Pacheco — «que immenso talento!» Pacheco, sorria, baixando os olhos baços por traz dos oculos dourados, e seguia, sempre para cima, sempre para mais alto, através das instituições, com o seu immenso talento avaramente aferrolhado dentro do craneo. E isto bastava ao paiz, que, n'esse sorrir, n'esse lampear dos oculos, nessa tenebrosa reserva, sentia a resplandecente evidencia do immenso talento de Pacheco.

Este talento nasceu em Coimbra, na aula de direito natural, na manhã em que Pacheco affirmou «que o seculo XIX era um seculo de progresso e de luz». O curso começou logo a presentir, e a affirmar nos cafés da Feira, que havia muito talento em Pacheco: e esta admiração cada dia crescente do curso, communicando-se, como todos os movimentos religiosos, das multidões impressionaveis ás classes raciocinadoras, dos rapazes aos lentes, levou facilmente Pacheco a um *premio* no fim do anno. A fama desse talento alastrou então por toda a academia — que, vendo Pacheco sempre silencioso, já d'oculos, grave nos seus passos, com tomos gordos debaixo do braço, sentia alli um grande espirito que se concentra e se retesa todo em força intima. Esta geração academica, ao dispersar, levou pelo paiz, até os mais sertanejos burgos, a noticia do immenso talento de Pacheco. E já em escuras boticas de Traz-os-Montes, em lojas palreiras de barbeiros do Algarve, se dizia, com respeito, com esperança: — «Parece que ha agora ahi um rapaz de immenso talento que se formou, o Pacheco!»

Pacheco estava maduro para a representação nacional. -Veio ao seu seio trazido por um governo (não recordo qual) que conseguira com despendiosas manhas apoderar-se do precioso talento de Pacheco. Logo na primeira noite em que elle, em Lisboa, foi ao Martinho tomar chá, se susurrou pelas mezas, com curiosidade: — «É o Pacheco, rapaz de immenso talento!» E desde que as camaras se constituíram, todos os olhares, os do governo e os da opposição, se começaram a voltar com frequencia, quasi com anciedade, para Pacheco, que, na ponta duma bancada, Conservava a sua attitude de pensador concentrado,

os braços cruzados sobre o collete, a fronte um pouco vergada para o lado como sob o peso das riquezas interiores e os olhos a faiscar... Finalmente uma tarde, na discussão da resposta ao discurso da Corôa, Pacheco teve um movimento como para interromper um padre zarolho que fallava «da liberdade». O sacerdote immediatamente estacou com deferencia; os tachygraphos apuraram vorazmente a orelha: e toda a camara cessou o seu desafojado susurro, para que, n'um silencio condignamente magestoso, se podesse pela vez primeira produzir o immenso talento de Pacheco. No entanto Pacheco não prodigalisou desde logo todos os seus thesouros. De pé, com o dedo espetado (geito que foi sempre muito seu), Pacheco afirmou num tom que trahia a segurança do pensar e do saber intimo: — «que ao lado da liberdade devia sempre coexistir a auctoridade!» Era pouco, decerto: —mas a camara percebeu bem que, sob aquelle curto resumo, havia um mundo, todo um formidavel mundo, de idéas solidas. Não volveu a fallar durante mezes — mas o seu talento inspirava tanto mais respeito quanto mais invisivel e inaccessible se conservava lá dentro muito fundo, nas reconditas rogiões do seu sêr. O unico recurso que restou então aos devotos d'esse immenso talento (que já os tinha, incontaveis) foi contemplar a testa de Pacheco — como se olha para o céu pela certeza que Deus está por traz. A testa de Pacheco offerencia uma superficie escanteada e larga. E muitas vezes, junto d'elle, conselheiros e directores geraes balbuciavam com respeito: — «Nem é necessario mais! Basta vêr aquella testa!»

Pacheco pertenceu logo ás principaes commissões parlamentares. Nunca porém accedeu a relatar um projecto, desdenhoso das especialidades. Apenas ás vezes, em silencio, tomava uma nota. E quando emergia da sua concentração, espetando o dedo, era para lançar alguma idéa geral sobre a Ordem o Progresso, o Fomento, a Economia. Havia n'este refolho a evidente attitude d'um immenso talento que (como diziam os seus amigos, piscando o olho com finura) «está á espera, lá em cima, a pairar».

Este immenso talento não podia deixar de entrar nos conselhos da Corôa. Pacheco, n'uma recomposição ministerial (provocada por uma roubalheira) foi ministro: e immediatamente se percebeu que macissa consolidação viera subitamente dar ao governo o immenso talento de Pacheco. Na sua pasta (que era a da marinha) Pacheco não fez durante os longos mezes de gerencia «absolutamente nada», como insinuaram tres ou quatro espiritos amargos e estreitamente positivos. Mas pela primeira vez, dentro deste regimen, a nação deixou de ter inquietações e duvidas sobre o nosso Imperio Colonial. Porquê? Porque sentia que pela primeira vez os interesses d'esse Imperio estavam confiados a um verdadeiro talento, ao immenso talento de Pacheco.

Nas cadeiras do poder, Pacheco rarissimamente sahia do seu silencio pensativo e fecundo. Às vezes porém, quando a opposição se tornava clamorosa, Pacheco descerrava o braço, tomava com lentidão uma nota a lapiz: — e esta nota, traçada com lentidão e madurissimo pensar, bastava para perturbar, acuar a opposição. É que o imenso talento de Pacheco terminara por inspirar, nas camaras, nas commissões, nos centros, um terror salutar! Ai do mesquinho sobre quem viesse a desabar com colera aquelle talento immenso! Certa lhe seria a humilhação irregatavel! Assim dolorosissimamente o experimentou o moço petulante, que um dia ousou accusar o snr. Ministro do Reino (Pacheco dirigia então o Reino) de descurar a instrucção do paiz! Nenhum ataque podia ser mais sensivel áquelle immenso espirito que, na sua phrase lapidaria e crystallina, ensinára que «um povo sem o curso dos lyceus é um povo incompleto». Com o dedo espetado (geito sempre tão seu) Pacheco replicou ao moço temerario esta coisa tremenda: — «Ao illustre deputado que me accusa só tenho a dizer que enquanto, sobre questões d'Instrucção Publica, s. exc.^a ahi nessas bancadas faz berreiro, eu aqui n'esta cadeira faço luz!» — Eu estava lá, n'esse grande momento, na galeria. E não me recordo de ter jámais ouvido, numa assembléa humana, uma tão commovida e apaixonada rajada de acclamações! Creio que foi d'ahi a dias que Pacheco recebeu a grã-cruz da Ordem de S. Thiago.

O immenso talento de Pacheco pouco a pouco se tornava um credo nacional. Vendo que inabalavel apoio esse immenso talento dava ás instituições que servia, todas o appeteceram. Pacheco começou a ser um director universal de Companhias e de Bancos. Na primeira vaga penetrou no Conselho de Estado. O seu partido reclamou unanimemente que Pacheco fosse seu chefe. Mas os outros partidos cada dia se soccorriam com submissa veneração do seu immenso talento. Em Pacheco pouco a pouco se concentrava a nação.

Á maneira que elle assim envelhecia, e crescia em influencia e dignidades, a admiração pelo seu immenso talento chegou a tomar no paiz certas fórmas d'expressão — só proprias da religião e do amor. Quando elle foi Presidente do Conselho, havia devotos que espalmavam a mão no peito, com uncção, e reviravam o branco do olho ao céu para murmurar piamente: — «Que talento!» E havia namorados que, cerrando os olhos enlanguecidos, e repenicando um beijo nas pontas juntas dos dedos, balbuciavam a desfallecer de voluptuosidade: — «Ai! que talento!» E para que o esconder? Outros havia, a quem aquelle immenso talento, como um excessivo e desproporcional privilegio, amargamente irritava. A esses ouvi eu exclamar com furor, atirando patadas ao chão: — «Irra, que é ter talento de mais!»

Pacheco no entanto já não fallava. Sorria apenas. A testa cada vez se lhe tornava mais vasta.

Não relembrarei a sua incomparavel carreira. Basta que o meu caro snr. Mollinet percorra os nossos annos. Em todas as instituições, reformas, fundações, obras, encontrará o cunho de Pacheco. Portugal todo, moral e socialmente, está repleto de Pacheco. Foi tudo, teve tudo. Decerto o seu talento era immenso! Mas immenso se mostrou o reconhecimento da sua patria! Pacheco e Portugal, de resto, necessitavam insubstituivelmente um do outro, e formosamente se completavam. Sem Portugal — Pacheco não teria sido o que foi entre os homens: mas sem Pacheco — Portugal não seria o que é entre as nações! A sua velhice offereceu um character augusto. Perdera o ca-

bello completamente. Todo elle era testa. E mais que nunca revelava o seu immenso talento — mesmo nas minimas coisas. Muito bem me lembro da noite (sendo elle Presidente do Conselho) em que, na sala da Condessa de Arrôdes, alguém lhe perguntou reverentemente o que s. exc.^a pensava de Canovas d' el Castillo. Magistralmente, silenciosamente, sorrindo apenas, s. exc.^a deu com a mão um ligeiro córte horisontal no ar. E foi em torno um murmurio d'admiração, lento e maravilhado. N'aquelle gesto quantas coisas subteis, profundamente pensadas! Eu por mim, depois de muito esgravatar, interpretei-o d'este modo: — «mediocre, meia-altura, o snr. Canovas!» Porque, note o meu cairo snr. Mollinet como aquelle talento, sendo tão vasto — era ao mesmo tempo tão fino!

Rebentou — quero dizer, s. exc.^a morreu, quasi repentinamente, sem soffrimento, no começo d'este duro inverno. Ia ser justamente creado marquez de Pacheco. Toda a nação o chorou com infinita dôr. Jaz no alto de S. João, sob um mausoleu, onde por suggestão do snr. conselheiro Accacio (em carta ao *Diario de Noticias*) foi esculpida uma sublime figura de *Portugal chorando o Genio*.

Mezes depois da morte de Pacheco, encontrei a sua viuva, em Cintra, na casa do dr. Videira. É uma mulher (dizem amigos meus) de singular intelligencia e bondade. Cumprindo um dever de portuguez, lamentei, diante da illustre e affavel senhora, a perda irreparavel que era sua e da patria. Mas quando, commovido, alludi ao immenso talento de Pacheco, a viuva de Pacheco ergueu bruscamente, espantados, os olhos que conservara baixos — e um fugidio, estranho, frio e triste sorriso arregaçou-lhe os cantos da bôca fina!... Eterno desaccordo dos destinos humanos! Aquella pobre senhora nunca comprehendera aquelle immenso talento! Creia-me, meu caro snr. Mollinet, seu dedicado — FRADIQUE.

Eça de Queiroz